





# **As meninas que vieram das estrelas**

**Marcos Aragão Correia**

*AuthorHouse™ UK Ltd.  
500 Avebury Boulevard  
Central Milton Keynes, MK9 2BE  
www.authorhouse.co.uk  
Phone: 08001974150*

*©2010 Marcos Araújo Correia. All rights reserved.*

*No part of this book may be reproduced, stored in a retrieval system, or transmitted  
by any means without the written permission of the author.*

*First published by AuthorHouse 10/10/2010*

*ISBN: 978-1-4520-5875-7 (sc)*

*This book is printed on acid-free paper.*

***Dedicado a todos os Espíritos do Amor,  
para que nunca deixem de acreditar e desejar intensamente um  
Mundo melhor.***

***Em especial memória de  
Francesca Orofino,  
Joana Cipriano,  
Madeleine McCann.***



## Capítulo 1

Suavemente Sara abria o seu livro preferido. Era um livro de magia repleto de histórias de encantar, as quais faziam com que a sua mente se libertasse e deixasse para trás os problemas do dia a dia.

O coração de Sara, uma menina de nove anos, palpitava de alegria ao penetrar em mundos de sonho, bem melhores do que aquele que a rodeava.

Os seus longos cabelos lisos e pretos, que contrastavam com a sua pele muito branca, tocavam as páginas abertas do livro, enquanto os seus lindos olhos castanhos procuravam sedentamente o último parágrafo que havia lido.

Não haviam passado mais do que alguns minutos, e o senhor João Nóbrega, pai de Sara, irrompe pelo quarto da filha sem sequer bater à porta.

- Sara Nóbrega! – gritou furiosamente. – Outra vez lendo porcarias de magia, em vez de estudares?!

- É que eu... – hesita Sara com receio, evitando olhar para o pai.

- Não quero saber nada das tuas desculpas. Dá-me já essa porcaria – nisto puxando bruscamente o livro que Sara de forma tão doce abraçava.

- O que é que eu já te disse? – gritava, enquanto folheava o livro. – Não estou a criar uma filha para ser uma inútil, que só se interessa por coisas das quais não se pode ganhar dinheiro!

- Mas pai, eu já tinha estudado.

- Não interessa – afirma com raiva – Não quero que percas tempo lendo nada relacionado com magia. Compreendeste bem???

Sara calou-se, percebendo que de nada serviria argumentar com o pai.

- E para mais – continuou o senhor João – este livro acabou-se... – e subitamente começou a rasgar o livro com grande violência.

- Não, por favor pai... é o meu livro preferido... – implorou Sara quase a chorar.

Mas de nada servia. Uma chuva de pedacinhos de papel caía sobre a alcatifa do quarto de Sara, como se um deus maldoso tivesse mandado uma tempestade horrenda sobre aquela pobre criança.

Sara estava desolada. As lágrimas que até então conseguira conter, escorriam agora pela sua face, ao mesmo tempo que lhe invadia um misto de sentimento de tristeza e impotência.

Ouvindo o barulho, a mãe de Sara, a senhora Teresa Nóbrega, dirige-se ao quarto da filha para ver o que se passava.

- É esta miúda inútil, que não estuda e perde o seu tempo com estas coisas de... – explicava o senhor João à esposa enquanto mudava o tom de voz para ridicularizar – ... magia!

- Filha – justifica a mãe num tom de absoluta passividade – Tens que compreender que o teu pai tem razão naquilo que diz... Não podes viver num mundo de fantasia...

Ao sentir-se atacada também pela mãe, Sara, chorando já abundantemente, grita:

- Não é um mundo de fantasia, é um mundo bem real! Não tenho culpa que vocês não acreditem, mas têm que respeitar aquilo em que eu acredito!

- Insolente, como te atreves a gritar connosco? – questiona o senhor João aproximando-se de Sara; e nisto desfere-lhe uma violenta bofetada na face já toda molhada.

Ao som estridente do sopapo, seguiu-se um silêncio avassalador. Sara olhou para o pai com grande reprovação. Não precisava dizer nada. Os seus olhos penetravam nos olhos do pai com uma intensidade crítica tal que pareciam mesmo queimar a própria alma deste. Este momento pareceu durar uma eternidade.

Sara dirige-se à janela do seu quarto, e através do vidro olha para o céu. Embora ainda não fosse noite, uma estrela já era bem visível. Sara fixou-a. E para ela sussurrou:



- Por favor, ajuda-me! – E a estrela pareceu responder cintilando com maior intensidade.

O senhor João, convicto que o castigo tivera sido suficiente, sai do quarto de Sara, tendo sido seguido imediatamente pela senhora Teresa.

- Julgo que ela irá pensar melhor daqui para a frente. – disse à esposa.

- Ela tem que compreender que embora sejamos ricos, ela tem que estudar e trabalhar para ser alguém na vida. – responde a senhora Teresa concordando.

Sara mal havia dormido. O seu despertador soou intermitentemente marcando as seis horas e meia da manhã. Era um novo dia, mas a mesma rotina.

Ela levantou-se logo da cama, pois não havia tempo a perder. Tinha ainda que tomar banho, tomar o pequeno-almoço e lavar os dentes, de forma a estar pronta às sete e meia, hora em que o motorista da empresa do pai a vinha buscar para levá-la à escola.

- Bom dia, Eduardo!

- Bom dia, menina Sara! – respondeu gentilmente o motorista enquanto Sara entrava na parte de trás do carro. – Então como foi o seu Domingo?

- Mau... quero dizer... – apressou-se a corrigir - ... razoável. E o seu Eduardo?

- Igual aos outros, quando temos pouco dinheiro, não temos muitas alternativas nesta sociedade. Mas que se passou com a menina...? Vejo que parece algo triste...

- Bem, um pouco, é verdade. O meu pai rasgou o meu livro preferido, e proibiu-me de ler tudo o que tivesse a ver com magia. – confessou, cabisbaixa.

- Mas porquê o senhor doutor haveria de fazer uma coisa dessas?

- Porque ele é cego... julga que a vida é só dinheiro. – respondeu prontamente Sara.

- É... o dinheiro em si não traz felicidade. Sabe menina Sara, sempre fui pobre durante toda a minha vida, os meus pais eram pobres, a minha esposa é pobre, eu mesmo trabalho doze horas por dia, durante seis dias por semana, mas se há alguma coisa de que eu me posso orgulhar é de que sempre dei tudo o que de melhor podia dar à minha família. Com o melhor digo respeito, apoio, carinho, coisas muito mais importantes que o dinheiro.

– olha para Sara pelo retrovisor. – Mas não fique triste, menina, porque de resto a menina tem tudo: saúde, inteligência, beleza... e bondade...

- Pois, é verdade que existem meninas e meninos em muito pior situação do que eu... – afirma Sara olhando para fora do carro – E eu queria tanto ajudá-los. – murmurou.

Cerca de quarenta minutos depois, Sara chega à escola. Tinha havido um acidente numa das estradas pela qual passaram, e o trânsito encontrava-se algo congestionado. O toque de entrada havia já soado, e Sara correu para a sala de aulas.

- Bom dia senhor professor, desculpe o atraso.

O professor olhou para Sara com ar de mau.

- Não me digas que foi um duende que te fez atrasar?! – diz o professor ironicamente, provocando gargalhadas entre os alunos. O professor de Sara havia recebido instruções dos pais dela para que combatesse firmemente quaisquer crenças da filha em relação ao sobrenatural.

- Não – responde envergonhada – houve um acidente e...

- Já sei, uma bruxa má despistou-se! – interrompeu bruscamente o professor, provocando ainda mais gargalhadas.

Sara calou-se, pois não sabia mais que dizer. Ela estava ali em pé, entre a porta e a secretária do docente, de cabeça baixa, embaraçada, sentindo-se humilhada.

- Então, perdeste o pio? – continuou o professor. – Ou continuas mergulhada nesse mundo irreal de fantasia, hã? Não existem bruxas! – gritou irritado.

Sara magoada, gritou de volta:

- Existem sim! Existem bruxas e feiticeiros!

Fez-se um silêncio enorme na sala. Todos se admiraram da coragem de Sara para responder assim ao docente.

O professor levantou-se da secretária e dirigiu-se para Sara.

- Claro, claro que existem, como me podia ter esquecido?! – e apontando o dedo na delicada face de Sara – Tu és uma bruxa!

Imediatamente um coro se levantou na sala, em que todos os alunos sem excepção gritaram, repetindo sem parar:

- Bruxa! Bruxa! Bruxa!

Sara estava arrasada. Não bastava o dia de ontem, para ainda ter que suportar logo de manhã o desrespeito do professor e dos colegas.

Como que aprovando toda aquela gritaria dos alunos, o professor voltou a se sentar sem pronunciar mais nenhuma palavra. Sara sentia-se perdida de tão humilhada.

- Bruxa! Bruxa! Bruxa! – continuavam insistentemente todos os colegas, agora ainda mais alto.

Sara desvaneceu-se em lágrimas.

- Não sou bruxa! – gritou desesperadamente, mas era inútil pois a sua voz nem se ouvia com o barulho das vozes dos colegas. – Não sou bruxa! – repetiu soluçando.

- Bruxa! Bruxa! Bruxa! – continuavam.

- Parem, não sou bruxa – tentou ainda mais uma vez, mas já com a voz a esmorecer de tanto soluçar. Reparou que o professor sorria perante aquele triste espectáculo.

Nisto, o sentimento de mágoa foi dando lugar a um sentimento de zanga, ela começou a ficar mais e mais zangada, furiosa com toda aquela injustiça.

- Parem! – gritou agora mais alto que nunca – Odeio-vos! – disse com grande zanga.

De repente, para surpresa de todos, todos os vidros da sala de aulas partiram-se sem razão aparente, caindo no chão em milhares de bocados. Todas as janelas estavam subitamente quebradas. E todos se calaram em consequência. Professor e alunos estavam estupefactos, e o silêncio deles revelava também medo e um pânico controlado.

Sara correu para fora da sala, saindo da escola o mais depressa que pôde.

Conhecia uma pequena loja que vendia livros, revistas e objectos, tudo relacionado com o paranormal, na qual tinha ficado muito amiga da dona, a senhora Margarida. Era lá que gastava a maior parte da sua mesada, comprando tudo o que podia para aprender sobre o assunto. Lembrou-se então de ir até lá para pedir um conselho amigo.

- Olá Margarida. – cumprimentou Sara logo que avistou a amiga atrás do balcão.

- Olá Sarinha! O que te trás por aqui hoje? Não tiveste aulas? Dá cá um beijinho, minha menina linda. – disse saindo do balcão e pondo-se de cócoras enquanto abraçava ternamente Sara.

Sara retribuiu o abraço com vigor enquanto ainda enxugava uma lágrima com uma das mangas da sua camisola.

- O que foi Sarinha? Estiveste a chorar? – perguntou Margarida preocupada.

Sara colocou a sua mochila num recanto da loja.

- Preciso dos teus conselhos Margarida... – pediu, enquanto alcançou a mão da amiga e a puxou de volta para dentro do balcão.

- Sarinha... pareces tão triste hoje.

Sara sentou-se numa das cadeiras que existiam ao pé do telefone, tirou um lenço de dentro de um bolso das suas calças de ganga, assoou bem o nariz, e amarrou o atacador de uma das suas sapatilhas que se havia desabotoado ao fugir da escola.

- Sabes Margarida, hoje aconteceu algo de estranho. Lembras-te daquele livro que te comprei a semana passada? Tinha lá um capítulo sobre pessoas que são capazes de deslocar objectos...

- Sim, psicocinese. Era um capítulo sobre psicocinese – concretizou Margarida.

- Sim, isso mesmo! Pois hoje aconteceu-me algo parecido. Acho que foi algo que eu fiz inconscientemente.

- O que aconteceu querida?

- Sabes, estava hoje na escola, e cheguei um pouco atrasada. O professor, que sabia que eu me interessava muito pelo paranormal, começou a gozar comigo, e depois os outros alunos fizeram o mesmo. Fui completamente humilhada. Chorei muito, e depois fiquei tão zangada que disse a todos eles que os odiava. Algo que até agora nunca tinha dito a ninguém... – lamentou ainda meia chorosa. – Foi então que todos os vidros da sala se partiram, e tenho o pressentimento de que isso foi provocado por mim.

- Óh, minha querida! – disse Margarida meigamente – O que te aconteceu foi natural. Estavas sujeita a uma grande pressão, algo que te estava a ferir muito, e foi a maneira que a tua mente arranjou para aliviar essa mesma pressão sem atingir ninguém directamente. – explicou enquanto acariciava a cabeça de Sara. – Não te deves culpar por isso, pois tu és uma menina muito boa, e não o fizeste por mal – continuou Margarida, trazendo suavemente a cabeça de Sara para o aconchego do seu peito.

- Obrigada Margarida, por seres tão compreensiva... – suspirou Sara de descanso. – Eu não me considero má, muito pelo contrário...

- Sarinha querida, claro que tu não és má! – exclamou decididamente. – Conheço-te há muito tempo, e desde que tu entraste pela primeira vez por esta porta dentro que vi o quanto os teus olhos brilhavam de bons sentimentos. – e abraçou Sara mais fortemente.

Sara ficou muito feliz por ter uma amiga tão boa. Deu um salto na cadeira, e disse toda contente, como se nada se tivesse passado:

- Vou estudar melhor a psicocinese! Qual o livro que me recomendas Margarida?

- Há vários bastante bons... deixa ver... – pensou no que poderia ser mais acessível para Sara, embora soubesse que isso não seria um problema maior porque ela já tinha uma grande maturidade para a sua idade. – Aconselho-te este Sarinha, “A vida depois da morte”, pois explica muito bem as diferenças entre a psicocinese causada pelos encarnados como nós, e a psicocinese causada pelos espíritos desencarnados.

- Vou levá-lo então! Quanto custa Margarida?

- Com o desconto que te faço por seres amiga, fica em quatro euros.

Sara puxou da sua pequenita carteira que estava dentro da mochila, e ao abri-la lembrou-se de que não tinha dinheiro, pois o pai retirara-lhe no dia anterior todo o que ainda lhe restava da sua mesada, como castigo adicional por ter estado a ler livros de magia.

- Não posso levá-lo hoje... – lamentou Sara. – É que não tenho mais dinheiro.

- Óh, querida, pois então aceita esta minha oferta! – afirmou Margarida dando o livro a Sara, enquanto lhe afagava a cabeça.

- De certeza que não te faz diferença? – perguntou preocupada.

- Claro que não! Ele é teu!

Sara pegou no livro ainda hesitante.

- Vá lá, não te faças tolinha, guarda-o! – afirmou Margarida com carinho.

Aceitando sem mais reservas, Sara puxa o pescoço de Margarida e dá-lhe um enorme beijo molhado na face.

- Muito obrigada!!! – diz abraçando a amiga adulta.

- De nada, querida!

- Tchou, até breve Margarida! – despede-se Sara toda contente enquanto pegava na sua mochila.

- Até breve Sarinha... e cuida-te!

Sara sabia que não podia ainda ir para casa. Tinha que esperar que o motorista do pai a fosse buscar à porta da escola às seis da tarde. Além do mais, não poderia arriscar muito, e teria que evitar ler o livro em casa, não fosse o pai ou a mãe apanhá-la de novo. Então resolveu ir a pé para um jardim da cidade onde pudesse ler tranquilamente até à hora de voltar a casa.

## Capítulo 2

Bateu a porta do carro e despediu-se de Eduardo. Caminhava receosamente em direcção ao portão da sua casa. Bateu à campainha esperando que não fosse nenhum dos pais a abrir a porta.

- Quem é? – perguntou a empregada do outro lado.

- Sou eu Maria – responde mais aliviada.

Apressa-se a entrar dentro de casa.

- Os meus pais já chegaram? – pergunta com alguma angústia.

- Não, menina. Queria falar com eles?

- Não, não. – responde rapidamente. – Vou subir para o meu quarto, não precisa preparar lanche porque não tenho fome.

Subindo pelas escadas acima, entra no quarto e coloca uma cadeira atrás da porta, pois os pais não permitiam que ela trancasse a sua própria porta e por isso nunca lhe deram a chave.

- *Tenho que guardar isto depressa* – pensou enquanto retirava uma caixa de dentro do seu guarda-roupa. – *Se me apanham com este livro, ainda me matam.*

De um pequenito bolso das suas calças retirou uma diminuta chave, com a qual abriu a caixa. Lá dentro podiam-se encontrar dezenas de livros e revistas sobre o sobrenatural. Nunca ninguém desconfiara do que lá tinha guardado, pois a caixa era uma caixa de bonecas de loiça, oferecida há alguns anos pelos avós maternos. As bonecas, essas Sara oferecera em segredo a uma menina sua vizinha, pedindo-lhe em troca que nunca dissesse que tinha sido ela a lhe dar. Fez uma boa acção, a menina da casa

em frente ficara toda contente, e ao mesmo tempo livrara-se delas pois nunca gostou muito de brincar com bonecas. Nunca os pais suspeitaram, porque a caixa com as bonecas era pesada, o que, substituindo-as por livros e revistas, não fazia muita diferença.

Guardou ansiosamente o seu novo livro dentro da caixa. E finalmente suspirou de alívio. Ou quase de alívio. Sara sabia que o professor com certeza iria participar aos pais o facto de ter faltado às aulas nesse dia. E isso iria enfurecê-los. Por isso Sara andava de um lado para outro no quarto, pensando na melhor desculpa que poderia dar aos pais de forma a evitar um grande castigo.

- *Que posso eu dizer?* – pensou preocupada – *Eles não me vão perdoar ter faltado o dia inteiro à escola.*

Passara-se meia hora, Sara estava cansada, e deitou-se na sua cama, tendo adormecido quase de imediato.

Pouco tempo depois, acorda sobressaltada com o pai a bater violentamente na porta, tentando abri-la. Sara retira a cadeira de trás e corre de volta para a cama, onde se senta, cheia de medo da violência do pai, que lhe entra pelo quarto dentro gritando furiosamente, seguido pela mãe.

- Sara Nóbrega! Sua vagabunda! O que é que fizeste hoje? – berra o senhor João enfurecido.

- Sara, recebemos na empresa um telefonema do teu professor, avisando-nos que tu tinhas fugido da escola esta manhã. – acrescenta a senhora Teresa também visivelmente bastante incomodada.

- Posso explicar tudo – gagueja Sara.

- Eu é que te vou explicar tudo – diz com rancor o senhor João enquanto desaperta a gravata.

- Pai, mãe, por favor, o professor não vos contou dos vidros?

- Sim, algum tipo de vibrações imperceptíveis causadas por alguma máquina que trabalhava nas proximidades, que provocou a quebra dos vidros. – responde prontamente a senhora Teresa.

- Não! Não existia nenhuma máquina dessas ali próxima! – contra-argumenta Sara com convicção.

- Sua burra! – grita o pai. – Estás a dizer que foi uma dessas tretas *para anormais???*

- Sim, paranormais, pai...

- Pois vou te dar a tua anormalidade – responde com malícia, enquanto rapidamente começa a desapertar e a puxar o cinto das suas calças.

Sara ao ver isto, implora ao pai:

- Por favor, pai, não me batas, eu gosto de ti...

O senhor João não se comove, e avança, fazendo movimentos com o cinto, como se estivesse a preparar um chicote.

- Pois eu não gosto de vagabundas. – diz e nisto começa a bater violentamente com o cinto na filha.

Sara encolhe-se sobre a cama tentando cobrir-se com os lençóis, mas em vão. O senhor João com a outra mão deita toda a roupa no chão e impede Sara de se proteger.

A senhora Teresa assiste conformada a tudo. O cinto subia e descia sobre Sara, tal como um verdadeiro chicotear sobre um pretenso bandido.

Mais uma vez, pela face de Sara, escorriam pequenas gotas de dor, lágrimas inocentes de uma criança infeliz.

Enquanto corajosamente impedia que se soltassem os gritos da sua dor física, pensou:

- *Eles não me amam, decididamente eles não me amam.*

Só muitos minutos depois, quando o senhor João se cansou, é que cessaram os horríveis barulhos de tão imerecida punição.

Voltou a colocar o cinto nas calças, apertou a gravata e saiu do quarto, sendo seguido logo atrás pela senhora Teresa.

Era demais! Sara estava arrasada. Ela não queria mais viver assim completamente infeliz. De que servia ter computadores, carros com motorista, empregada doméstica, casa com piscina, enfim, todas as riquezas materiais, se ninguém ali a amava nem respeitava? Sentia-se uma escrava. A dor física associava-se a uma dor psíquica maior do que nunca. Mas não, ela não queria morrer. Ela queria viver, mas viver verdadeiramente, viver feliz, ser querida, e ali o que eles queriam não era ela, mas sim algum fantoche imaginário que não existia.

Sara olhou mais uma vez para o céu pela janela do seu quarto. A mesma estrela de ontem... já lá brilhava! Pensou o quão bonita ela era, e o quanto a sua vida estava tão afastada dessa beleza. Pôs-se de joelhos contemplando a estrela. As lágrimas eram ainda abundantes, embora a sua expressão já não fosse de tanta árdua tristeza. Uma ideia de esperança começava a nascer fortemente dentro dela. Sim, ela podia mudar a sua vida.

- *Vou à tua procura estrelinha. Vou fugir de casa. Vou procurar quem me possa amar.* – pensou com grande desejo, enquanto a estrela pareceu mais uma vez responder brilhando com maior intensidade.

Estava decidido. Naquela noite sairia de casa. Colocou novamente a cadeira atrás da porta do seu quarto. Pegou na sua mochila e esvaziou-a de



todo o material escolar. Era suficientemente grande para lá poder colocar todas as coisas mais importantes que tinha que levar.

Começou a escolher. Alguma roupa, um par de sapatos e um casaco bem quente seriam suficientes como vestuário. Uma garrafa de água e um pacote de bolachas integrais que tinha sobre a mesa-de-cabeceira. A sua lanterna era também imprescindível para a noite. E é claro, tinha que levar o máximo de livros de magia que coubessem!

Encheu a mochila, mas viu que estava demasiado pesada. *Não posso levar tanto peso*, pensou. Seria difícil correr assim. Para sua grande infelicidade, teve que seleccionar apenas alguns dos mais importantes livros.

- *Pronto, não preciso de mais nada.* – pensou enquanto fechava a mala.  
- *Vai dar para os primeiros dias.*

Sara escondeu a mochila debaixo da cama. Restava-lhe agora esperar a melhor hora para fugir de casa sem que ninguém percebesse. Tirou os sapatos e enfiou-se na cama aguardando ansiosamente a hora em que os pais se deitassem. De certeza que não a iriam chamar para jantar depois daquela tarefa, assegurou-se.

Enquanto esperava, pensava para onde poderia ir. Tinha ouvido falar na televisão que as crianças que eram maltratadas pelos pais poderiam pedir ajuda à polícia, e que esta encaminharia essas crianças para casas da segurança social, onde poderiam esperar até que uma família à procura de adoptar crianças as fosse buscar. Parecia-lhe uma boa hipótese. *Será muito difícil que tenha o azar de ser escolhida por uma família pior do que a minha, e se isso acontecer poderei sempre fugir outra vez*, pensou. Estava decidido: iria procurar a ajuda da polícia.

Quando eram onze e meia da noite, Sara ouviu os pais a entrarem no quarto deles. Saltou da cama. Pôs os sapatos apressadamente e de seguida colocou a mochila atrás das costas. Sorrateiramente espreitou pela porta para ver se o caminho estava efectivamente livre. Desceu as escadas e dirigiu-se ao painel do alarme da casa para desligá-lo, de modo que não fosse accionado quando abrisse as portas. Pronto. Saiu para o jardim com redobrada cautela, e espreitou para ver onde se encontravam os guarda-costas do pai. Ali estavam eles: um, dois, três, quatro, cinco, seis! Já era costume, ao verem as luzes do interior da casa apagarem-se, reunirem-se todos à volta de uma grande mesa lá no fundo, onde discutiam apaixonadamente e durante toda a noite as últimas novidades dos seus clubes de futebol. OK! Caminho livre! Correu então até ao portão de entrada. Olhou-o de cima a baixo. Era a última fronteira para a sua felicidade,

pensou. Meteu a chave com cuidado. Deu uma, duas, três voltas. Já está! Apressou-se para a rua, correndo pela estrada abaixo.

Sabia bem onde se encontrava a esquadra de polícia mais próxima. Três quarteirões era tudo quanto precisava percorrer. Chegada à esquadra, disse ao guarda que se encontrava à entrada que precisava fazer uma queixa. Este acompanhou-a até ao balcão de atendimento.

- Boa noite, menina. O que a traz por aqui? – perguntou o polícia que se encontrava no atendimento.

- Boa noite senhor polícia. Vim fazer uma queixa dos meus pais. – respondeu Sara enquanto tirava a mochila de trás das costas.

- O que se passa menina? – perguntou o agente, curioso pela situação insólita. Uma longa noite de serviço esperava-o pela frente, e este poderia afinal ser um caso divertido, pensava o polícia.

- Os meus pais passam a vida a me castigar sem razão. Ainda hoje o meu pai espancou-me com o cinto até não poder mais. Veja... – despiu a camisa para mostrar as marcas no corpo, as quais eram bem visíveis.

O polícia aproximou-se do balcão para ver melhor. Eram bem nítidas. Inúmeras marcas avermelhadas, compridas e largas cobriam o corpo de Sara, como se tivesse sido violentamente chicoteada. Algumas delas ainda tinham sangue à superfície.

- E quem é o seu pai? – questionou o agente com interesse.

- João Nóbrega. – respondeu com ingenuidade.

- João Nóbrega? Qual João Nóbrega? – retorquiu o polícia sobressaltado.

- João Nóbrega, que mora naquela grande mansão, três quarteirões rua acima. – continuou ingenuamente.

- A menina quer dizer que o seu pai é o doutor João Nóbrega, Ministro do Estado? – perguntou perplexo.

- Esse mesmo. – respondeu com inocência.

O polícia estava boquiaberto. Tinha à sua frente a filha do mais importante ministro do país, a se queixar do próprio ministro seu pai.

Por uns largos segundos não soube o que dizer. Então resolveu telefonar para o seu comandante.

- Menina sente-se ali por favor, enquanto vou telefonar para o serviço permanente da assistência social. – mentiu.

- Está bem, eu aguardo. – dirigindo-se para o longo banco que se encontrava mesmo ao lado do balcão.

O polícia vai para um quarto atrás, e fechando a porta, telefona baixinho para o comandante. Este, perante a situação, não hesita em ordenar ao subordinado que trancasse a criança numa cela, de forma a que não pudesse fugir, enquanto ele mesmo avisaria o pai de que a sua filha se encontrava naquela esquadra. *E nada de receber queixas da miúda*, concluiu o comandante.

O polícia dirige-se então de volta para Sara, e pegando-lhe no braço diz:

- Venha menina, a segurança social já vem. Mas não a podemos deixar aqui, isto é um lugar perigoso, muitos criminosos entram e saem. Por isso vamos colocá-la numa cela, para sua própria segurança, enquanto a assistente não chega.

- Numa cela? – pergunta Sara admirada. – Não posso esperar noutro lugar? É que não me agrada muito a ideia de parecer que estou presa...

- É para o seu próprio bem. É o lugar mais seguro. Tenha paciência. – e puxa Sara pelo braço com nervosismo.

Sara é levada e trancada na cela. Meia hora depois, o Sr. João Nóbrega entra pela esquadra dentro, acompanhado da esposa e do comandante.

- Senhor doutor, muito boa noite, temos aqui a sua filha.

- Não nos tínhamos apercebido que ela tinha fugido de casa. Onde está?

- pergunta o senhor João com voz calma e ao mesmo tempo autoritária.

- Está numa cela, não fosse ela fugir daqui.

- Traga-a já aqui. – ordena o comandante.

O polícia dirige-se à cela, e abrindo a porta diz:

- Venha menina, a segurança social já chegou.

Sara acompanha o agente da autoridade com confiança. Este, por precaução, agarra-lhe o braço enquanto caminham.

Ao chegar, vê os pais, e logo percebe que foi enganada. Olha para o polícia e diz-lhe:

- Mentiroso! Você não passa dum fantoche horrível!

Nisto o pai dá-lhe uma forte bofetada. E agarrando-a violentamente pelo braço:

- Nós em casa já falamos.

A mãe, como sempre, assiste passivamente, deixando o marido assumir o controlo de toda a situação.

- Senhor comandante, pode ter a certeza que tanto o senhor, como ali o senhor agente, serão recompensados. O meu assessor telefonar-vos-á amanhã para comunicar a vossa promoção.

O comandante e o agente agradecem, enquanto Sara olhando para um e para outro alternadamente, diz-lhes zangada:

- Espero que tratem melhor os vossos filhos do que me trataram a mim.

O pai puxa Sara pelo braço, seguindo o comandante, e entram na viatura da polícia que os tinha levado até lá.

Ao chegarem a casa, o comandante sai para abrir a porta ao senhor João Nóbrega. Sara é sempre agarrada pelo pai, e na outra mão ela segura a sua mochila. O comandante despede-se, enquanto a mãe abre a porta de casa. Esta era a sua última oportunidade.

Com toda a sua força dá um pontapé na perna do pai, e este surpreso, instintivamente larga o braço de Sara. Sara larga a mochila e corre com todas as suas forças pela rua abaixo.

O comandante ainda no local, dá ordens ao guarda que conduzia a viatura:

- Atrás dela, rápido!

Enquanto o guarda começa a virar o carro para perseguir Sara que fugia em sentido contrário, o próprio comandante para mostrar serviço e dedicação pessoal ao seu chefe o senhor João Nóbrega, começa a correr atrás de Sara. Mas o seu grande peso corporal, e uma inusitada barriga, frutos de inúmeros e recheados almoços e jantares oferecidos em cerimónias públicas, não o permitem avançar muito, e, porque a própria barriga lhe colhia a visão do chão mais próximo, enfiou o pé num buraco de esgoto que se encontrava destapado, tropeçando e caindo mesmo sobre um monte de fezes de cão.

O guarda que se encontrava a perseguir Sara na viatura, e que ainda não se encontrava muito afastado do comandante, pelo espelho lateral viu-o a cair, e com receio de ser censurado por não o ajudar, faz marcha-atrás.

- Imbecil, o que está a fazer? Apanhe a miúda ou vamos todos para a rua! – grita o comandante para o agente, enquanto cospe pedaços de fezes de cão que lhe haviam ficado nos lábios.

Mas era o quanto bastou para que Sara tivesse tempo e desaparecesse nas brumas da noite.

Depois de ter a certeza que já se encontrava bem longe e a salvo, Sara parou por momentos, ofegante. Estava cansada de tanto correr. Olhou em volta. Os prédios altos, silenciosos, e a rua deserta, pareciam constituir o cenário duma cidade vazia.

- Para onde posso ir agora? – murmurou inquieta.

Estava só. A noite era fria. Não tinha nada consigo, nem um casaco. Sentou-se na berma de um passeio. Colocou a cabeça e os braços sobre os joelhos flectidos. Uma sensação de desespero abalou-a. A tristeza, a solidão e agora também o cansaço e o frio, faziam-na duvidar que conseguisse encontrar um futuro melhor. Por momentos hesitou. Então olhou para o céu tentando encontrar a estrela que tinha visto antes pela janela do seu quarto. Ela era especial. Brilhava intensamente, mais do que todas as outras, tanto que podia ser vista mesmo antes da noite cair por completo. Procurou-a por entre todas as estrelas. Não a conseguia encontrar. Existiam algumas nuvens no céu. Esperou que elas se movessem, mas o vento não colaborava.

- Estrelinha, onde estás? – perguntou com os seus olhos tão doces fixando o céu.

Nada. Voltou a perguntar. E ainda mais uma vez.

Então, subitamente uma suave rajada de vento fez-se sentir, e as nuvens começaram a se deslocar. E eis que de repente... apareceu a sua estrela! Estava escondida no céu por detrás duma nuvem!

- Ajuda-me estrelinha linda! – disse contemplando-a, enquanto ela brilhava fortemente no céu.

Nisto, um sentimento de esperança e de convicção de que era capaz, tomou posse dela. Sorriu. Não podia desistir e voltar àquele inferno em que estava mergulhada.

Levantou-se então e lembrou-se da sua amiga Margarida. Sabia que nela podia confiar, e que ela a ajudaria sempre que fosse preciso.

Decidiu ir ter com ela. Morava no andar mesmo por cima da loja. Era uma emergência, e Margarida iria compreender.

Enquanto caminhava, um homem que saía de uma discoteca veio ter consigo:

- Ei, miúda! – gritou. – Queres pó? - Parecia estar bêbado, porque cambaleava de um lado para outro.

- Pó? O que é isso?

- Aaaaahhh!!! Jovenzita, inocentezinha! – disse enquanto parecia fazer um esforço desmesurado para se manter de pé. – Olha, pó branco, mousse de chocolate branco!

- Não muito obrigada, não tenho fome. – respondeu.

- Ah! Ah! Ah! – riu vagarosamente. – Não é para comeres, mas para cheirares miúda! Percebeste agora?

Sara entendeu logo que lhe queriam vender drogas.

- Não gosto de drogas, de nenhuma delas! – respondeu determinada, afastando-se do homem.

- Anda cá, ofereço-te só um pouco para provares, não sabes o que é bom!

Sara correu dali o mais depressa que pôde. Sabia o que eram as drogas, e o quanto elas eram prejudiciais para a saúde.

O homem ainda tentou ir atrás dela, mas não conseguia dar mais do que alguns passos sem ter que parar e ficar a girar em pé parecendo um carrossel.

- Espero que deixe essas porcarias e mude a sua vida para melhor! – gritou Sara já de longe.

Alguns minutos depois, Sara chegou à casa de Margarida, tendo batido directamente na porta pois Margarida não tinha campainha.

- Sara! O que se passa filha, estás bem? – abrindo a porta para que Sara entrasse.

- Preciso da tua ajuda Margarida. – E contou à amiga tudo o que se tinha passado.

- Óh, Sarinha – disse acariciando-lhe o rosto – Podes ficar aqui o tempo que for preciso. Não posso deixar de concordar que levando a vida que levas nunca poderás ser feliz. Fica aqui até encontrares o caminho que queres seguir na tua vida. – tranquilizou-a.

- Obrigada Margarida! Mas como é que saberei qual é o meu caminho na vida? – perguntou suspirando.

- Só tu poderás descobrir. Ninguém te pode impor nada. O teu caminho está apenas dentro de ti. Deves procurá-lo bem, livre de quaisquer influências exteriores.

- Mas tu não me podes ajudar a descobri-lo?

- A única ajuda que te posso dar em relação a isso é te dizer que, logo da primeira vez que te vi entrar na minha loja, constatei que tu eras um Espírito muito bom, e o teu caminho por consequência terá algo a haver com contribuir para que o mundo seja um lugar melhor para se viver.

Sara sentiu-se bem. Pela primeira vez alguém lhe dizia que não tinha que trabalhar para ganhar dinheiro, mas sim apenas trabalhar para ajudar os outros. Isso significava que não tinha que se preocupar mais com a escola, exclamou para si mesma repleta de contentamento!

- Mas sendo eu uma criança, o que posso fazer? – perguntou com dúvidas.

- O facto de seres uma criança não faz de ti um ser inferior. Até muito pelo contrário: não sofreste muitas das más influências, e a mão de Deus ainda se faz ouvir dentro de ti. Por dentro do teu corpo, ligado a ele e controlando-o, está um Espírito, e é aí que reside toda a tua força, independentemente da idade física. Tu és o teu Espírito.

- Estás a falar do poder da mente?

- Sim, poder da mente ou poder do Espírito é a mesma coisa. – explicou.

Sara abraçou Margarida com grande gratidão por esta ser tão sua amiga.

- Sarinha, diz-me uma coisa, tu tens tido sonhos fora do vulgar? – perguntou-lhe ao ouvido enquanto retribuía o abraço.

- Fora do vulgar... assim como? Relacionados com magia?

- Sim, por exemplo.

- Tenho tido muitos. Desde há vários anos que sonho que estou a combater contra um monstro horrível. Nesses sonhos eu sou capaz de voar e de deitar bolas de fogo das minhas mãos contra esse monstro, apenas desejando.

- Não te disse Sarinha que o teu futuro passava por lutares por um mundo melhor? É isso que no fundo esse sonho significa! E que tu tens o poder para desempenhar essa missão tão linda!

- Sabes, Margarida, nestes últimos dias tenho falado com uma estrela muito brilhante no céu, a quem nestes momentos mais difíceis tenho pedido ajuda. E o facto é que tenho a séria impressão que ela tem me ajudado! – contou enquanto os seus olhos brilhavam. – Sempre que falava com ela, ela cintilava mais, e parecia que me transmitia esperança e força para escolher o meu próprio destino.

Margarida ficou em silêncio por alguns momentos.

- Margarida, ouviste o que eu disse?

- Claro, claro que sim Sarinha. – respondeu prontamente. – É que estava pensando... talvez essa estrela... talvez essa estrela seja mais do que uma estrela...

- Mais do que uma estrela? Como assim?

- Não quero estar a colocar ideias dentro da tua cabeça sem ter a certeza de saber daquilo de que se trata. – e mudando de assunto. – Anda, vou te preparar uma cama que tenho ali num quarto ao lado. Precisas de descansar, já é tarde e tiveste um dia horrível. – e pegou na mão de Sara para mostrar-lhe o seu novo quarto.

- Mas, Margarida, estou curiosa... o que queres dizer com essa estrela ser mais do que uma estrela? – insistiu Sara.

- Querida, amanhã falamos com mais calma. – respondeu cautelosamente enquanto ajeitava os lençóis e o cobertor. – Estás à vontade, esta casa é tua! É humilde, mas tudo o que cá está podes te servir sem perguntar, pois também te pertence!

- Obrigada Margarida, muito obrigada, gosto muito de ti! – e deu-lhe um forte beijo na cara.

- Boa noite querida, dorme bem. – dando-lhe também um beijo.

Margarida foi-se deitar, esperando que Sara também repousasse daqueles dias conturbados.

Mas Sara não conseguia dormir. Ficava pensando no risco que a sua amiga corria ao acolhê-la em casa. Depois daquilo que se passara na polícia, não confiava mais nas instituições.

*Se a Margarida for descoberta, fecham-lhe a loja e metem-na na cadeia, e de certeza que o meu pai fará tudo para que ela nunca mais saia da prisão.* – pensou preocupada. – *Não posso deixar que isso aconteça.*

Não conseguia dormir com aquela ideia na cabeça. Levantou-se da cama e dirigiu-se até à sala. Sem fazer barulho, procurou uma folha de papel e uma caneta. Ali estava um bloco de notas juntamente com uma esferográfica, no qual escreveu uma mensagem à amiga.

Tinha que se ir embora. Não sabia para aonde. Mas não parava de pensar naquela estrela no céu, o quanto ela era especial, e na ajuda que ela já lhe tinha dado, e que de certeza continuaria a dar. Era isso! Iria procurar mais uma vez a ajuda da estrela! Iria entregar o seu destino nas mãos dessa estrelinha tão linda que brilhava no céu, decidiu com convicção.

Saiu da casa de Margarida, ainda era noite cerrada. Sabia que havia um bosque ali próximo. Tudo o que tinha a fazer era andar cerca de meia hora, e estaria lá. Era o lugar ideal para estar a sós com a estrela.

Entretanto, Margarida ouvira a porta da rua fechar-se, e levantou-se. Procurou Sara, e não a tendo encontrado, logo percebeu o que acontecera. Em cima da cama, onde deveria estar Sara, viu o bilhete que ela deixou. Nele leu:

*Querida Margarida. Primeiro, quero te agradecer uma vez mais tudo o que fizeste por mim. És muito boa, e tal como tu me ensinaste o Bem atrai o Bem e o Mal atrai o Mal. Assim, tenho a certeza que a tua vida será cheia de Luz. Acredito que não foi um mero acaso te ter encontrado. Nada na vida acontece por acaso. Ensinaste-me muitas coisas importantes, tu e os*



*teus livros fizeram-me acreditar e ter esperança. Sou uma criança crescida devido a ti. Mas como o Bem atrai o Bem, não podia ficar aí contigo, porque mais tarde ou mais cedo iriam descobrir e eu jamais poderia permitir que por minha causa te acontecesse algo de mal. Por isso vou-me embora. Mas não te preocupes, porque tal como tu sempre me disseste, a fé é a chave para concretizar os nossos sonhos. Essa é a verdadeira magia. Não fiques triste, estarás sempre no meu coração. Muitos beijos. Sara.*

Margarida foi à janela, olhou para o céu e viu a estrela muito brilhante de que Sara falara. Concentrou-se nela, e com toda a sua fé, disse:

- Protege-a, não a deixes desamparada. Deixa-a viver para cumprir a sua missão e ser feliz. Ela merece.

E voltou para a cama, confiante de que tudo correria bem.

## Capítulo 3

Estava muito frio. Sara não tinha nada consigo a não ser a roupa que trazia no corpo, o casaco tinha ficado para trás na mochila. Felizmente que a luz da lua ajudava e assim podia ver o caminho entre o bosque.

Chegou a uma clareira. Ali não se viam casas. Descansou por um minuto. Olhou para o céu, e logo encontrou a sua estrela brilhando fortemente. Colocou-se de joelhos e com as palmas das mãos juntas e viradas para cima, junto ao peito, como se tivesse a orar.

- Estrela linda, por favor, ajuda-me. Preciso muito da tua ajuda. Eu sei que posso confiar em ti, como tu sabes que podes confiar em mim. Ajuda-me a viver na Luz, por favor, é muito importante para mim. Sabes que não posso voltar para trás, e que se ficar aqui, sem a tua ajuda, morrerei. E não é isso que tu queres...

De repente pareceu-lhe que a estrela se movia. Seriam os seus olhos? Concentrou-se bem na estrela. Não, não era uma ilusão, a estrela estava mesmo a mover-se para a direita! Que lindo, pensou! Ao mesmo tempo parecia que se tornava maior, ou... ou estaria a aproximar-se? Sim, era isso, estava a aproximar-se lentamente do local onde Sara estava!

Por momentos Sara teve medo. E se a estrela fosse má, interrogou-se. Então, como se ela conseguisse ler os pensamentos de Sara, parou e de seguida recuou. Sara logo compreendeu que o seu receio estava a afastar a estrela. Ou seja, se a estrela conseguia sentir que Sara estava com medo e por isso recuou, isso significava que não era má, porque senão os seus sentimentos lhe seriam indiferentes! A estrela conseguia ver a sua mente

por dentro e, ao mesmo tempo, não queria magoá-la de modo algum, nem que fosse com um simples sentimento de receio, constatava Sara. Então ficou novamente confiante.

- Vem estrelinha linda, eu gosto muito de ti! Não tenhas receio porque eu também não tenho! – gritou ao mesmo tempo que se levantava.

Então a estrela mais uma vez aproximou-se suavemente. Foi ficando cada vez mais perto até que, ao descer e se colocar a apenas alguns metros de distância, Sara pôde ver que não era bem uma estrela, mas algo como uma nave redonda, sem asas, muito bonita, que emitia raios de luz muito brancos em todo o seu redor, tantos que toda a clareira ficou iluminada como se fosse de dia. Sara estava admirada com tal maravilhosa beleza.

Não conseguia distinguir janelas ou portas, mas eis que por debaixo da nave abriu-se uma espécie de porta, e dois seres saíram flutuando até ao chão, percorrendo rapidamente os poucos metros que separavam a nave do solo. Tinham forma humana, e ao aproximarem-se Sara pôde ver que eram um homem e uma mulher, ambos muito lindos, pareciam adolescentes mas com um ar de muita maturidade. Embora tivessem a cabeça descoberta, vestiam uniformes brancos iguais, uma só peça muito justa que os cobria desde os tornozelos, onde terminavam as botas também brancas que tinham calçadas, até ao pescoço. Conseguia distinguir bem duas largas listas azuis que percorriam todo o comprimento de cada um dos uniformes, uma de cada lado do corpo. Era tudo de facto muito bonito, pensava.

Entretanto, enquanto essas pessoas caminhavam em sua direcção, Sara começou a sentir uma grande paz, um sentimento de grande tranquilidade, como se eles estivessem a transmitir através das suas mentes para a mente de Sara, esse mesmo sentimento de calma. Sara estava por isso muito relaxada e confiante de que estava em boas mãos.

Ao chegarem ao pé de Sara, a mulher colocou-lhe uma mão sobre a cabeça, e muito carinhosamente disse-lhe:

- Olá Sara!

- Olá querida! – seguiu-se-lhe logo o rapaz.

- Olá! – disse gaguejando, não por medo, mas estupefacta por toda aquela experiência. Nem perguntou como sabiam o nome dela, pois quem fazia aquilo tudo, era capaz de muito mais.

- Viemos te ajudar. – disse o rapaz.

- Vamos te levar para uma das nossas aldeias na Terra, onde podes ser feliz e lá aprenderes a usar os teus poderes. – disse a rapariga agora colocando-se de cócoras frente a Sara.

- Queres vir? – pergunta o rapaz enquanto lhe passava com ternura a mão na face.

- Claro que sim! – responde prontamente Sara, ainda visivelmente abalada com tudo aquilo.

Então o rapaz e a rapariga deram-lhe a mão, um de cada lado de Sara, e levaram-na até debaixo da nave.

- Agora, para entrares na nave, só tens que desejar. – disse a rapariga.

- Desejar? Imaginando que entro?

- Isso, mas imaginares que isso é mesmo possível e está a se concretizar no momento. – explica o rapaz.

Sara desejou entrar na nave, mas não conseguia levantar-se do chão. Entretanto reparou que os seus amigos já se encontravam acima dela e que haviam parado, esperando que ela os acompanhasse.

- Não consigo – disse-lhes Sara decepcionada.

- Se achas que não consegues, então não conseguirás mesmo. – disse a rapariga. – Tu sabes Sara que a fé é essencial, e que sem ela nada é possível. Se não tiveres fé não será realizado.

- Deseja fortemente Sara, tem fé! – acrescentou o rapaz.

Sara fechou os olhos. Desejou com grande força. Imaginou-se a elevar do chão lentamente, acreditou que tal era possível, que era isso que ela queria, e que era isso que estava acontecendo no momento. Abriu os olhos, e continuou desejando com muita intensidade. Quando olhou para o chão, estava já separada dele, subindo lentamente.

- Estou a flutuar! – gritou de comoção. – Estou a flutuar!

Os amigos voltaram a lhe dar as mãos, e entraram juntos na nave. Então a porta fechou-se e não se conseguia mais distinguir nenhum sinal dela. Sara olhou em volta. A nave era linda, uma luz branca muito suave iluminava uniformemente o seu interior. Uma vigia, ou melhor uma grande janela rectangular, percorria toda a face lateral da nave, podendo ver-se perfeitamente o exterior, mas sem que fosse possível, como Sara antes constatara, ver o seu interior. Existiam seis grandes cadeirões, em duas filas de três, virados para o mesmo lado mas acompanhando a curvatura da nave, e à frente um grande painel com uma grande tela e muitos botões coloridos.

- Não é preciso carregar neles – explica o rapaz vendo que Sara olhava para os botões. – Estão ali só para emergências. Tudo aqui funciona com

o controlo da mente. Basta desejar para a nave interpretar o que nós queremos e cumprir de imediato as nossas ordens.

- É o mais sofisticado que existe! Senta-te, vamos já te demonstrar! – continua a rapariga, indicando com a mão para Sara escolher um lugar na primeira fila.

- Onde está o cinto? – perguntou Sara enquanto o procurava.

- Não precisamos! – riu-se o rapaz. – Existe uma força dentro da nave que faz com que os movimentos e a velocidade dela não afectem o seu interior! É como se ela estivesse sempre parada, embora possa estar a andar a milhões de quilómetros por hora!

- Milhões de quilómetros por hora??? – perguntou Sara estupefacta.

- Sim, milhões! – acrescentou o rapaz. – Tudo é possível desde que esteja de acordo com a Lei Universal, basta querer! – enquanto dizia isto a rapariga sorria ao ver a cara de espanto de Sara.

- Que Lei Universal é essa? – pergunta Sara com enorme curiosidade.

- Bem-vinda a bordo duma nave do Amor: a única Lei Universal verdadeira! – respondeu a rapariga, satisfazendo de imediato a curiosidade de Sara.

- Eu já pressentia! – desabafa Sara com alegria. – Sempre tentei encontrar a verdade, e perante tantas teorias, eu dizia sempre que o que interessava era que o Bem existia. Afinal eu estava bem próxima da verdade, o Bem é o Amor!

- Claro Sara! O Amor é Deus, o único verdadeiro Deus. Tudo o que é Amor, é Bem. Tudo aquilo que não é Amor, é Mal. – explicou com muita meiguice o rapaz.

Sara ajeitou-se na cadeira, muito contente por tudo aquilo que estava ouvindo.

- Atenção, vamos partir! Nave, cem mil, directo, órbita! – comanda a rapariga.

Sara vê pelas janelas a nave a levantar e de repente, sim, estava já no espaço, e estava a ver o planeta Terra ao lado!

- Fantástico! – exclama Sara entusiasmada.

- Quis demonstrar-te como funcionam os comandos da nave – explica feliz a rapariga ao ver que Sara estava gostando – Eu não precisava sequer falar, bastava eu desejar, imaginando o que queria da nave, tal como o fiz, para ela prontamente executar. Comandei a nave para se dirigir directamente para a órbita da Terra, a uma velocidade de cem mil quilómetros por hora.

- Tão giro! Maravilhoso! Apesar de todos aqueles computadores, aviões super-sônicos, foguetões espaciais, etc., a Terra parece viver na pré-história comparando com a vossa tecnologia! – constata Sara ainda muito excitada, ao mesmo tempo que, mantendo-se sentada, olha em seu redor para o planeta e o espaço, tentando ver tudo quanto podia.

- Vossa, não! Nossa tecnologia, ela também é tua! – corrige rapidamente o rapaz. – Bem-vinda Yania!

- Sê muito bem-vinda, Yania! – junta-se a rapariga à saudação.

- Yania? – pergunta Sara admirada.

- Sim, o teu nome verdadeiro é Yania, e tal como nós, tu és um Espírito do Amor. – explica a rapariga. – A partir de agora será este nome que deverás usar.

Yania (Sara) estava sentada na cadeira da ponta. Em toda a sua volta tinha um espectáculo fabuloso: estava no espaço, e via a Terra desde fora dela! Dentro, tinha dois Seres Humanos lindíssimos, sentados nas cadeiras à sua direita, a lhe dizerem tantas coisas maravilhosas! Depois de dias tão tormentosos, apanha um choque daqueles! Ainda lhe custava a acreditar em todas aquelas coisas fantásticas por que estava a passar, mas não, não era um sonho, era bem real, e ela estava ali vivendo tudo aquilo!

- Quer dizer que vocês já me conheciam?

- Claro, muito antes de tu nasceres na Terra! Tu nasceste pela primeira vez numa região do Universo muito linda, onde só existe Amor. Depois escolheste vir à Terra durante uma vida, contribuir para a luta contra o Mal. – explica a rapariga. – É normal que não te lembres ainda disto. O processo de desencarnação e reencarnação por vezes leva a um esquecimento temporário das vidas passadas, mas fazendo alguns exercícios meditativos especiais facilmente se recuperam essas memórias.

- Estou tão contente por saber que não estou só! – diz Yania quase a chorar de felicidade. Levanta-se e abraça os seus dois amigos, enquanto estes retribuem da mesma forma. – Eu estava tão triste por ver tanta maldade na Terra. Só tinha uma amiga, a Margarida, da qual eu gosto muito. Mas de resto sentia-me uma autêntica extraterrestre! – sorriu. – Extraterrestre!!! É isso!!! Eu sou uma extraterrestre, por isso é que não me adaptava ao modo de vida da Terra! A maior parte dos terrestres recusam o Amor, e por isso existem lá tantas violências, guerras, ódios, discriminações, injustiças...

- É verdade. – afirma o rapaz. – Vamos agora apresentar-te a outros irmãos que vivem na Terra, numa pequena aldeia secreta, e lutam arduamente contra o Mal. Aí será a tua próxima casa.

Acabou de dizer isto, e Yania reparou que estavam já a descer num descampado. Embora fosse de noite, distinguiam-se bastante bem muitas casinhas com lindas luzes, rodeadas por uma enorme floresta.

Saíram todos da nave que iluminava fortemente o local, e logo correram para o pé deles três crianças, aparentemente com idades próximas da de Yania, seguidos por um casal de adultos.

- Olá Yania, estávamos à tua espera! Eu sou a Kami, tenho nove anos. Este é o meu irmão Ilky, tem sete anos, e esta é a minha irmã Kimi que tem dez – dizia uma das meninas, enquanto apontava para cada um dos familiares – E estes são os nossos pais, a Dyma, que tem vinte e seis, e o Noiu que tem trinta.

Todos disseram olá para Yania, e cada um deles a abraçou com muito carinho, como se a conhecem desde há já muito tempo. Yania, é claro, retribuiu de volta os abraços.

Entretanto, os dois amigos que a tinham levado até lá dirigiram-se de volta para a nave, e enquanto flutuavam para dentro, disseram até breve a Yania.

- Até breve! – voltando-se em direcção a eles – Como é o vosso nome?

- Eu sou a Ilya e ele é o Ceijo! – mal respondeu, entraram na nave, e esta começou a subir, aumentando a sua velocidade de tal forma que desapareceu quase de imediato no céu.

Kami, a menina loura de olhos azuis, com cabelos lisos pelos ombros, parecia a mais faladora:

- Eles têm muito trabalho a fazer, por isso já foram. São uma das nossas naves que patrulham os céus da Terra. Não vivem cá connosco. Têm uma base na face oculta da Lua.

- Só eles usam o uniforme? – perguntou Yania ao reparar que as pessoas da aldeia vestiam roupas diferentes, muito mais simples, embora também muito bonitas.

- Sim, é apenas um símbolo para nos distinguir também pelo vestuário dos seres malévolos que também têm naves. Mas cuidado, é mesmo só um símbolo, porque a única forma de nos distinguir deles é pelo coração, pelas vibrações de Amor que nós transmitimos e que eles não conseguem imitar. – alertou pondo a mão sobre o coração.

- O quê? Seres malévolos que têm naves como nós? – perguntou admirada.

- Não são bem como as nossas. Têm uma forma e luzes diferentes, e não funcionam com o poder da mente, embora também tenham grandes capacidades.

Entretanto, Dyma, a mãe das crianças, aproximou-se de Yania e, acariciando-lhe a cabeça, disse em tom de proposta:

- Julgo que é melhor a Yania descansar primeiro, pois tem tido uns dias muito atribulados, e depois então explicamos-lhe tudo.

- Sim, ela parece estar muito cansada! – concordou Kimi, a menina de cabelos castanhos ondulados e compridos, e olhos verdes.

- Vamos levá-la para casa. – disse Noiu.

- Qual é o teu nome? – perguntou Ilky, o menino de oito anos, cabelos pretos lisos e olhos castanhos.

- Sara... – parou e corrigiu. – Quero dizer, Yania!

- Estava só a testar para ver se já te tinhas habituado! – explica Ilky, sorrindo.

Sara sorriu também.

- Julgo que é uma questão de pouco tempo. Eu sou a Yania, e como vocês, sou um Espírito do Amor!

- Pois és! – sorriu também Kami, enquanto lhe dava a mão. – Vamos para casa, precisas de descansar.

Enquanto caminhavam, Sara olhava em toda a sua volta, muito atentamente. Era tudo tão simples e bonito. Imensas ténues luzinhas assinalavam os caminhos e outras iluminavam delicadamente vários pontos da aldeia. Existiam muitos cavalos lindos de várias cores a pastarem, tudo estava rodeado de árvores, flores, arbustos, pequenos lagos e ainda conseguia ver um rio de médias proporções que atravessava a área. Existiam muitas casinhas de madeira, e não se via um único carro nem estradas alcatroadas. Era tudo muito limpo, sem qualquer tipo de poluição ou contaminação.

Enquanto caminhavam todos, Yania reparava que outras pessoas ao longe sorriam para ela enquanto lhe acenavam. Yania acenava de volta.

- São todos muito simpáticos! – exclama Yania.

- São todos Espíritos do Amor, e sabem que tu também és. Em breve serás apresentada a todos. – explica Dyma, que nunca ninguém diria ter já vinte e seis anos, pois a sua pele era muito jovem, a sua face quase de criança, os seus cabelos pretos brilhantes compridos e lisos amarrados em forma



de rabo-de-cavalo, e os seus olhos castanhos inocentes, acompanhados por um sorriso de grande beleza, faziam parecer que tivesse apenas uns dezasseis ou dezassete no máximo.

- Aqui todos se amam uns aos outros. – afirmou com meiguice Noiu, o rapaz também com aparência muito jovem, olhos azuis e cabelos ruivos, que nunca ninguém diria ter trinta anos.

Entraram todos na casa, que tinha um só andar mas era bastante grande, e depois de a terem mostrado toda a Yania, Dyma e Noiu levaram-na até ao quarto que já estava preparado para acolhê-la. Seria o seu quarto. Era lindo! Tinha uma janela que dava mesmo sobre um pequeno lago com muitas flores à volta. As paredes estavam decoradas com magníficos desenhos de estrelas, crianças e jardins floridos. A cama era fofa e aconchegante.

Yania jogou-se para os braços dos novos pais e agradeceu-lhes tudo do fundo do coração!

## Capítulo 4

O dia havia nascido na aldeia. Yania, mesmo super entusiasmada, dormira profundamente pois o cansaço com que chegou tinha sido enorme.

Espreguiçou-se gentilmente na cama. Olhou bem ao seu redor como se tentando dissipar quaisquer eventuais dúvidas de que realmente tudo aquilo era verdade. Sorriu. Levantou-se e caminhou até à janela, abrindo-a com excitação. Contemplava com os olhos repletos de luz.

- Bom dia!!! Isto é para ti! – disse Kami enquanto entrava no quarto com uma bandeja cheia de comer. - Preparámos-te uma refeição deliciosa: leite de soja, pão integral, doce natural de cereja, quadrinhos de tofu e salada de frutas!

- Bom dia Kami! Muito obrigada! Adoro comida vegetariana! – respondeu toda contente enquanto dava um beijinho à nova amiga. – Tem um aspecto maravilhoso! Os meus pais não gostavam e não queriam que eu comesse este tipo de comidas... diziam-me que fazia mal, mesmo sabendo que era a comida mais saudável do mundo! Era preciso fazer birras para eles me comprarem alguma coisa natural... – riu-se.

- Ainda bem que já sabes que esta é a melhor comida! Aqui ninguém come carne, nem sequer peixe. Todas as nossas refeições são vegetarianas... e deliciosas! – disse enquanto passava a língua pelos lábios.

- Os meus pais também tinham o hábito de fumar mesmo ao meu lado. Não se importavam que o fumo incomodasse as outras pessoas. Fartava-me de tossir e de ficar com os olhos vermelhos.

- Pois... existem muitas pessoas que não têm respeito nenhum pelos outros, nem sequer por nós crianças que somos ainda mais sensíveis ao fumo do que os adultos. – afirmou Kami enquanto gesticulava com a cabeça condenando. – Mas está descansada! Aqui ninguém gosta de fumar, nem de beber álcool, nem de consumir qualquer outro tipo de drogas! – continuou já a sorrir.

- Ainda bem! – disse mastigando um quadradinho de tofu. – Está delicioso! – exclamou pondo outro na boca.

Kami sorriu por ver a sua nova amiga tão feliz.

- Bom dia!!! – diz Dyma ao entrar no quarto.

- Olá, Dyma, bom dia!!!

Nisto entram também Noiu, Kimi e Ilky, que a saúdam de igual doce forma.

- Bom dia!!! – responde Yania levantando-se e dando um abraço a todos.

Kimi e Ilky sentaram-se também na cama, ao lado de Yania e Kami.

- Fizemos isto para ti – diz Ilky enquanto mostrava a Yania um colar com uma pedra cor-de-rosa pendurada, brilhante e muito bonita.

- Todos têm um aqui na aldeia, mesmo que não o usem ao pescoço – explica Kimi.

- É lindo! Que pedra é? – pergunta Yania.

- Chamamos-lhe Rosa-da-Vida. É uma pedra muito rara que serve para detectar a proximidade de espíritos maus. Ela foi trabalhada para esse fim, porque quando é colhida na Natureza não tem essas propriedades. – continua Kimi.

- Sim, são necessárias pelos menos duas pessoas boas segurarem-na com as suas mãos fechadas, e durante cerca de cinco minutos concentrarem-se e ambas irradiarem-na com energia de Amor provinda dos seus Espíritos. Só assim ela começará a brilhar. – explicou Kami.

- É mesmo muito brilhante! – exclama Yania enquanto a levanta no ar para observá-la melhor.

- Pois, é brilhante até ao momento em que um espírito mau esteja próximo da pedra. A partir daí o seu brilho cessa, até ele se afastar novamente dum raio de cerca de mil metros. – acrescenta Kimi.

- É um precioso instrumento para nos avisar da proximidade do Mal, dando-nos tempo para avaliar o que devemos fazer em cada caso. – disse Kami.

Ilky pegou no colar e colocou-o à volta do pescoço de Yania.

- Vê como brilha! – exclamou Ilky.

Dyma e Noiu sorriam.

- Isto significa que todos nós somos Espíritos do Amor! – disse Yania enquanto tocava na pedra que pendia ao seu pescoço.

- E todos irmãos! – comentou Dyma.

Enquanto Yania contava sobre o seu interesse no Paranormal e acabava de comer, Noiu abriu o guarda-fato e ordenou diversas peças de roupa que lá se encontravam.

- É muito bom o teu interesse sobre as questões espirituais! Vais gostar muito de viver aqui. Daqui a pouco, vamos fazer uma reunião na aldeia, para conheceres todos os nossos irmãos. Tens aqui dentro roupa para escolheres à vontade. É toda para ti!

- Muito obrigada! – respondeu Yania enquanto espreitava. – É muito bonita!

- É toda feita com tecidos naturais, incluindo os sapatos. Colocamos a matéria-prima numa máquina que temos, programamos o desenho que desejamos, e ela em poucos segundos faz uma nova peça de roupa. – continuou Noiu.

- E tudo funciona com energias não poluentes! – exclamou Kami. – O trabalho das máquinas, a luz e o aquecimento da água, é tudo proveniente da energia solar.

- Quer dizer que não precisam pagar nada a nenhuma empresa!

Noiu retirou uma pequena bolsa do seu casaco, a qual continha rebuçados.

- Estás a ver? Lá fora, na sociedade, esta bolsa teria dinheiro, mas aqui tem rebuçados naturais de frutas. O dinheiro é coisa que recusamos cá na aldeia, pois todos se ajudam uns aos outros sem esperar nada em troca. – ofereceu um rebuçado de morango a Yania. – Se quiseres mais é só te servires!

- Obrigada! Realmente sempre achei o uso do dinheiro uma forma de discriminação, pois uns têm muito, e com esse muito fazem muito mais dinheiro, e outros têm pouco, e com esse pouco não fazem nada. Mas o pior é que são as pessoas más que geralmente são milionárias pois não olham a meios para conseguirem dinheiro... – disse num tom firme carregado de desespero. – E já agora, como é que são tomadas as decisões na aldeia? Elegem algum líder?

- Jamais! – respondeu Dyma – Aqui todas as pessoas são muito importantes, imprescindíveis. Por isso, reconhecendo a riqueza interior de

cada indivíduo, e sabendo que o bem de cada um é o bem de todos, todas as decisões são tomadas por unanimidade, e por conseguinte não existem líderes nem representantes.

- E conseguem chegar sempre a acordo? – perguntou Yania admirada.

- Claro que sim! – sorriu Dyma. – Somos ao todo 189 pessoas, 190 contando agora contigo, e nunca uma única vez, durante as dezenas de anos que esta aldeia existe, houve uma decisão que fosse tomada contra a vontade de alguém. Todos debatem, apresentam os seus pontos de vista, e chegam a um consenso, exactamente porque todos se amam, e como tal não existe egoísmo. Assim, as decisões são tomadas a pensar em todos, e deste modo a linha seguida é cooperar e não competir.

- Isso é maravilhoso! – comentou Yania.

- Sim, de facto! Nenhum país da Terra pode aspirar a tornar-se num regime ideal por ser uma república, uma monarquia, uma democracia ou qualquer outra coisa com qualquer outro nome. Na verdade, enquanto existir egoísmo, competição, violência, maldade, nenhum regime será bom. E qualquer regime será egoísta, violento e maléfico, mesmo por mais regras que inventem para o tentar evitar, enquanto nele existirem uma maioria de pessoas más. Elas boicotarão todas as melhores intenções, estejam essas pessoas malévolas no governo ou estejam apenas no povo que esse governo governa. – explicou Dyma.

- Por isso é que neste cantinho da Terra tudo é maravilhoso! Porque não existem pessoas más! – exclamou Kami com emoção.

- Estou muito feliz por me terem aceite entre vocês!

- Tu já foste aceite há milhares de anos atrás! – respondeu Dyma, nunca se cansando de admirar como todas as crianças que têm o Amor gravado no Espírito têm também uma enorme inteligência e maturidade.

Yania teve dificuldade em escolher a roupa que iria usar pois era muita a que lá estava, e além do mais achava todas as peças fantasticamente bonitas.

- Talvez vou usar este conjunto – disse enquanto encostava uma camisa e umas calças junto ao seu corpo.

- Fica-te muito bem! – exclamou Kami.

- Veste-os! – incentivou Kimi.

Despiu a camisa que trazia preparando-se já para vestir a nova, mas todos repararam nas marcas que ainda tinha nas costas e no peito devido à agressão do pai.

- Coitadinha! – lamentou Kami – Temos que fazer algo para isso passar mais depressa.

- Claro que temos! – concordou Kimi.

Dyma e Noiu aproximaram-se para ver o que podiam fazer.

- Foi o meu pai... infelizmente ele parece ser uma dessas pessoas más...  
– explicou cabisbaixa.

Todos sentiam muita pena de Yania por vê-la tão maltratada.

- Não te aflijas... já passou tudo. – disse carinhosamente Noiu.

Enquanto isto Dyma passava uma mão sobre as feridas.

- Estão a desaparecer! – exclamou Ilky de contentamento.

- O que estás a fazer Dyma? – questionou Yania.

- Estou a acelerar o processo de cura do teu corpo. Basicamente o que faço é emanar energia de Amor directamente sobre as feridas de forma a que o teu organismo tenha mais força para as curar mais depressa.

No entanto reparou que Yania tinha uma mancha vermelha junto ao ombro que persistia, quando todas as outras já tinham desaparecido.

- Esta mancha aqui... – indagou enquanto passava o dedo – Já a tinhas há mais tempo?

- Sim, apareceu quando eu tinha seis anos. Tem crescido, e dá-me às vezes muita comichão. Cheguei a ir a vários médicos que me receitaram diversas pomadas e comprimidos. Apesar de ter feito os tratamentos todos nunca passou.

- Esta mancha tem uma origem psicológica. – explicou Dyma. – Como de pequenina tens sofrido muito e te sentias infeliz, a tua mente que se encontrava em desarmonia começou também a criar uma desarmonia no teu corpo. Muitas pessoas ficam doentes, e até morrem, porque a mente está muito infeliz. O teu estado de espírito repercute-se directamente no teu corpo. A mente tanto pode destruir, como pode curar. Como agora estás feliz, esta mancha tem os dias contados. No entanto tu mesmo a podes curar agora, basta quereres!

- Apenas querer? É assim tão simples? – perguntou Yania ainda algo perplexa.

- Claro que sim! E sendo uma doença provocada inconscientemente por ti mesma, a ajuda que te podemos dar é te ensinar a seres tu mesma a te curares enquanto te fazemos feliz.

- E de que forma uso o meu querer?

- Simplesmente da mesma forma que entraste e saíste da nave: acreditando que és capaz e desejando intensamente que se concretize.

- Senta-te aqui para estares mais relaxada. – propôs Kami batendo com a mão sobre a cama.

Yania sentou-se, interrogando-se para si mesma se finalmente seria capaz de se ver livre daquela mancha que há tanto tempo a incomodava.

- Agora deseja com muita força! – aconselhou Kami enquanto fazia uma ligeira massagem de relaxamento nos ombros da nova amiga.

Entretanto, Dyma, Noiu, Kimi e Ilky começaram cada um a massajar os pés e as mãos de Yania.

- É muito agradável! – exclamou Yania muito tranquilizada.

- Deseja o mais intensamente possível. – disse Dyma.

- Já estou a fazê-lo! Eu posso e quero ficar curada... eu posso e quero ficar curada... eu posso e quero ficar curada... – repetia em voz baixa enquanto desejava mentalmente com muita força.

- Já está! Já está! – gritou Kami – Já não tens nada!

Todos começaram a sorrir de alegria e a acariciar Yania, por ela ter conseguido.

- Parabéns! – disseram todos.

Yania olhou por cima do ombro, e saltou de alegria. Já não tinha nada! A mancha havia desaparecido por completo!

Acabou de se vestir, e foram todos para o descampado onde a nave havia descido. Estavam lá todas as pessoas da aldeia à sua espera. Foi apresentada a cada uma delas, e cada uma delas lhe deu um esplendoroso abraço de boas-vindas. Yania, como sempre, retribuiu com maravilhoso vigor todos os abraços que recebia.

- Mãe, quem vai agora ocupar-se da aprendizagem de Yania? – perguntou Kami a Dyma.

- Bem, o Ilky é mais pequenino e ainda está a aperfeiçoar os seus poderes. A Kimi já está a ensinar o Eliu, e eu e o Noiu começámos a construir uma máquina nova de arar o solo. Parece-me que só restas tu na lista. O que te parece?

Kami pulou de contentamento.

-Yupiiiiiii!!! – gritou. – Adoro a Yania e terei muito prazer em lhe ensinar tudo o que sei!!!

- Então está decidido! É toda tua!

Kami correu em direcção a Yania.

- Gostas de andar a cavalo?

- Adoro cavalos! Mas confesso que tenho um pouco de receio de cair deles... – respondeu enquanto recebia e dava os últimos abraços.

Kami pegou na mão da amiga.

- Agora que já conheceste todas as pessoas da aldeia, vou-te mostrar os nossos cavalos! Anda! São muito bonitos! E podes estar descansada porque são todos extremamente dóceis, e nunca deitaram nenhum de nós ao chão.

- OK! Vamos lá! – respondeu enquanto era puxada pela amiga.

Estavam as duas felicíssimas. Kami mostrou a Yania todos os cavalos, dizendo-lhe os nomes e as idades.

- A propósito de idades... reparei que na aldeia não existe nenhuma pessoa idosa... – comentou Yania.

- É verdade! Como já sabes, o espírito de uma pessoa tem um poder ilimitado para concretizar desejos, desde que esses desejos obedeçam a três requisitos: estar de acordo com o Amor, ter fé absoluta de que é possível tornar-se realidade, e ter uma grande intensidade mental. Estes três requisitos são a chave de toda a magia do Amor. É pois natural que aqui, onde todos são Espíritos do Amor, e onde todos os adultos já dominam bem os seus poderes, não exista velhice nem doença, porque ninguém quer ser velho nem doente.

- Compreendo...

- Sim, muitas das pessoas que tu conheceste há pouco tinham mais de 400 anos de vida nesse corpo físico. A Fymi é a mais velha de todos, com 532 anos. Ou seja, o tempo passa mas o corpo não envelhece nem adocece!

- Fantástico! – exclamou enquanto fazia festas num cavalo. – *É ótimo saber que nunca irei envelhecer nem nunca mais ficarei doente!* – pensou contente.

- O poder do Mal reside principalmente na mentira e na hipocrisia. Como o Mal não pode vencer o Amor, então tenta neutralizá-lo espalhando falsidades por diferentes modos. Uma das mais recentes, que te devem ter ensinado na escola, é que Deus não existe e que o Homem provém do macaco!

- Nunca acreditei nisso! – afirma prontamente Yania.

- Sim, mas muitos acreditam. Essas mentiras apenas servem para tornar as pessoas dependentes dos maus governantes, dos maus cientistas, e de toda a restante espécie de bandidos que servem a Força das Trevas. Essa é a razão pela qual, mesmo que tu não acreditasses directamente na mentira do ateísmo e do macaco, quando estavas doente procuravas a ajuda de um médico convencional. Porque inconscientemente estavas a dar crédito



ao materialismo e, também sem te dares conta disso, estavas a acreditar que a tua cura se encontrava fora de ti.

- Agora compreendo. A cura está dentro de mim, e não fora de mim. Tal como aconteceu com a mancha. – constatou enquanto passava uma mão no lugar onde antes tinha a doença de pele.

- Isso mesmo! Tudo porque o Amor é o nosso Deus, e nós Espíritos do Amor, como verdadeiros filhos do Amor que somos, fazemos parte de Deus-Amor, e sendo Deus-Amor imortal, também os nossos Espíritos são imortais!

- Dá muita segurança ouvir isso... que nunca iremos morrer... – respondeu olhando em volta contemplando a beleza da Natureza.

- É verdade! Podemos trocar de corpo, mas o Espírito, a nossa consciência, o nosso pensamento, ou seja, aquilo que nós somos, o nosso verdadeiro eu, esse permanece eternamente.

- E portanto o Amor é a chave de tudo!!! – exclamou enquanto passava a mão no rosto de Kami.

- Sim, Yania... – respondeu Kami agarrando na mão da amiga com carinho. – Existimos para sermos felizes e fazer que os outros o sejam também!

- Ai!!! Está a me puxar a camisa! – gritou Yania que estava de costas para o cavalo enquanto este a tentava levantar do chão.

- Quer brincar contigo! Anda Tito, queres que a Yania te monte? – disse enquanto dava palmadinhas no focinho do cavalo, que era todo branco.

- Tenho receio Kami. – confessou Yania algo embaraçada.

- Não, não tenhas!!! Todos os nossos cavalos foram ensinados com muito Amor, e como tal são todos muito fofinhos!

- Há quem diga que os animais têm espírito, mas eu não posso acreditar nisso...

- E tens toda a razão Yania! São apenas mais mentiras para nos tentarem confundir! É claro que os animais não têm espírito! Porque haveria um Espírito do Amor escolher encarnar num cavalo, num cão, numa rã ou num gafanhoto? Seria uma autêntica estupidez! Só o corpo humano oferece as condições físicas para receber e dar felicidade, não só devido a ser a mais bela criação material, como também devido à forma como interage com os outros. Por exemplo, posso decidir... te fazer cócegas... – desatou a fazer cócegas em Yania debaixo dos braços e na barriga com muita rapidez, enquanto esta se ria sem parar. – E um cavalo, um cão, uma rã ou um gafanhoto não o podem fazer! Nem mesmo um macaco, porque não

tem agilidade suficiente para fazer este tipo de movimentos de forma tão rápida! – concluiu enquanto ria de tanto ver a amiga rir.

- Muito convincente! – exclamava Yania ainda às gargalhadas, enquanto tentava se recompor das cócegas da amiga.

- Os animais e as plantas devem ser bem tratados porque fazem parte da Natureza, e a Natureza deve ser preservada e respeitada porque a Natureza existe para contribuir para a felicidade dos Seres Humanos. Não é lindo podermos olhar para a beleza deste prado, com estes cavalos magníficos a pastar e aquelas montanhas ao fundo repletas de árvores lindas? – questionou retoricamente enquanto suspirava de satisfação.

- Muito... – concorda Yania, olhando também para a Natureza ao seu redor. – É tudo muito bonito!

- Mas o Mal tem destruído a Natureza... – continuou Kami – Poluição de toda a espécie, no ar, nos rios, no mar. Abate de enormes áreas de floresta. Construção de edifícios sem qualquer cuidado, tendo como único objectivo o lucro e a ganância. Radiações electromagnéticas provenientes de cabos de alta tensão e de antenas de telemóveis, que causam doenças e mortes a muitas pessoas, principalmente crianças...

- E morte de milhões de animais todos os anos para servir a mesa dos carnívoros. – acrescenta Yania.

- Sim... e ainda essa! A propósito de carnívoros... quando te disse que os animais não têm espírito... quero-te explicar melhor...

- Sim, o quê?

- Quis dizer que nenhum Espírito do Amor encarna num animal. E que em regra, os animais não têm nenhuma espécie de espírito. Mas por vezes...

- Por vezes o quê? – pergunta Yania curiosa com as pausas da amiga.

- Por vez existem espíritos maus que se transformam em animais para nos vigiarem ou fazerem mal. Tivemos um dia um cão que entrou aqui na aldeia. Estava eu a dar os meus primeiros passos, mas consigo lembrar-me bem desse cão. Parecia abandonado. Estava tudo sujo e parecia também que não comia há meses. O Jilu, uma criança de seis anos da nossa aldeia, recolheu-o, alimentou-o e cuidou dele sempre com enorme ternura. Passaram-se cerca de três anos. Tinha então o Jilu a nossa idade. O cão estava com um aspecto muito saudável. Havia crescido, e estava com o pelo todo cinzento, comprido, as orelhas bem levantadas e pontiagudas. Todos simpatizavam muito com o cão. Faziam-lhe festas, deixavam-no

entrar dentro das suas casas. Parecia um cão muito meigo. Até que um dia... – fez novamente uma pausa e baixou a cabeça.

- Até que um dia...???

- Até que um dia Jilu saiu com o cão para dar um passeio no bosque aqui perto, como de resto costumava fazer quase todos os dias. Então, de repente, quase toda a aldeia ouviu os seus gritos pedindo socorro. Todos correram para acudi-lo, mas quando chegaram era tarde demais. Viram ainda o cão abocanhando violentamente o pescoço de Jilu, e este debatendo-se contra ele, mas o cão tinha muita força, e os seus dentes, que haviam perfurado o seu pequeno pescoço, fizeram-no perder muito sangue. Morreu ali mesmo antes que alguém pudesse fazer alguma coisa. Era filho único, e os seus pais, que chegaram a ver tudo, nunca mais quiseram ter filhos. Alguns de nós perseguiram o cão que fugiu, conseguiram-no agarrar, e preparavam-se para abatê-lo. Foi então que o cão se transformou num ser horrível, enorme, parte lobo, parte bode, parte águia. É difícil descrever-te. Os nossos irmãos que assistiram, disseram que tinha oito patas, quatro de lobo e quatro de bode, um tronco disforme de lobo donde saíam duas enormes asas e duas terríveis garras, e três cabeças viradas para a frente, uma de lobo feroz, outra de bode com dezenas de cornos espinhosos, e outra de águia com dentes afiados. Tentaram atingir o monstro com bolas de fogo emanadas das mãos, mas o monstro bateu rapidamente as asas e fugiu voando enquanto se ria de forma maquiavélica e estridente.

- Foi horrível! – comentou Yania olhando desgostosamente para Kami.

- Sim, foi. Por isso é que fizemos estes colares, e hoje todos os usamos. – disse enquanto olhava e tocava na pedra que pendia no seu pescoço. – Para que uma coisa dessas nunca mais possa acontecer.

Yania olhou também para o seu. Brilhava tão intensamente como o de Kami. Perguntava-se agora o que aconteceria quando deixasse de cintilar. Isso significaria que o Mal estaria por perto, e era preciso ter precaução. No entanto, preferia pensar que quando esse momento ocorresse, já dominaria bem os seus poderes mágicos de forma a poder proteger-se, e a proteger de igual modo todos os amigos que estivessem consigo.

- Ai! Outra vez...! – exclamou Yania – Agora o Tito está a puxar-me a manga da camisa! – e riu.

- Não te larga enquanto não o montares! – riu também Kami. – Espera, vou trazer umas rédeas. – e deu uma corrida até uma árvore ali próxima onde existam várias rédeas penduradas num dos seus galhos mais baixos.

– Pronto, colocam-se assim – demonstrava, passando as rédeas à volta da cabeça do cavalo.

- E então a sela? – pergunta Yania achando que a amiga se tinha esquecido.

- Não vais precisar. Até mesmo as rédeas usarás raramente. Vais ver... – e chamou outro cavalo dando um forte assobio. – Dida, anda. É uma égua, costume montar muito nela.

A égua, grande e de cor negra, correu prontamente em direcção a Kami, e esta colocou-lhe as outras rédeas que segurava na mão.

- Agora observa... – disse chamando a atenção de Yania.

- Baixa! – ordenou para Dida, tendo o cavalo baixado de imediato as patas da frente. Kami saltou para cima dela. – Agora faz o mesmo com o Tito! – disse à amiga enquanto se ajeitava no dorso de Dida.

- Baixa! – disse Yania para Tito. No entanto este não reagiu e continuou tentando mordiscar a roupa dela. – Não me obedece. – afirmou desapontada.

- Não me vais dizer que estavas à espera que ele reagisse apenas a comandos verbais! Isso é nos circos! – e deu uma gargalhada. – Yania, lembra-te do poder da tua mente...

- Ah! É isso mesmo! Desculpa, como foi possível não me ter lembrado que o poder da mente funciona para tudo?! – e sorriu também. – Baixa Tito! – ordenou desejando intensamente que o cavalo se baixasse da mesma forma que o de Kami.

- Estás a ver como ele te obedece agora!

- Tens razão. Ai! – exclamou com receio de cair quando o cavalo se levantou. – É agora que queres fazer?

- Primeiro, não deves ter medo. O medo prejudica o poder da mente. Deves ter confiança e concentrar-te no equilíbrio. É principalmente para isso que usamos as rédeas. Tudo o que depender do cavalo, ele nunca te irá deitar no chão. Se alguma vez tiveres o azar de cair, tudo o que tens a fazer é de imediato desejares flutuar, de modo a que não te magoes. Percebeste bem Yania?

- Percebi! Estou confiante que não vou cair! – disse enquanto fazia festas no cavalo. – *Eu tenho equilíbrio... eu tenho equilíbrio...* – repetia em pensamento.

- OK! Então vamos sair a galope para veres como não há que ter receio. – e ordenou ao seu cavalo que galopasse a velocidade média.

Yania tinha ficado para trás, parada.

- Não me deites no chão – sussurrou para o cavalo, tendo este relinchado como se tivesse entendido o que Yania lhe disse. – A galope para alcançar a Kami! – ordenou desejando. E o cavalo saiu com um galope muito veloz, tendo alcançado a amiga em breves instantes.

- É bom galopar, não é Yania?

- Muito! Estes cavalos são excepcionais!

E galoparam juntas até um pequeno riacho dentro do bosque.

- Vamos parar aqui um bocadinho? – sugeriu Kami.

Yania estava a adorar galopar naquele cavalo mas também achava aquele local muito bonito, e ideal para fazer uma pausa.

- De acordo. Paramos aqui.

Saltaram dos cavalos, e sentaram-se ambas à beira do riacho com os pés descalços a sentir a água fresca a fluir.

- Kami, tenho uma pergunta a te fazer...

- Todas as que tu quiseres Yania.

- Como é que apareceu o Mal? De onde veio?

- É muito simples! Vê: Deus é Amor, logo não podia obrigar ninguém a seguir os seus valores. Deus-Amor cria os espíritos e dá-lhes liberdade de escolherem o que querem ser. Logo no início da existência de cada espírito, são lhe apresentados os dois caminhos possíveis: seguir a natureza amorosa da sua origem e portanto tornar-se para sempre igual a Deus que é Amor absoluto, ou pelo contrário, renunciar ao Amor e como tal afastar-se de Deus.

- Mas porquê alguém haveria de escolher o Mal?

- Porque quiseram experimentar se poderiam ser felizes através da maldade, da violência, do egoísmo e do ódio. Ou seja, pensaram apenas neles mesmos e desprezaram a felicidade dos outros. Mas como toda a existência teve origem no Amor, a verdadeira felicidade absoluta só pode ser atingida por aqueles que também são Amor. É por isso que quem é Amor sente-se tão feliz, tão maravilhosamente feliz por poder amar e ser amado pelos outros como ele! E aqui está a razão pela qual Deus que é Amor, e os seus Espíritos que são também Amor, nunca, mas nunca mesmo, quererem deixar de ser Amor: porque eles sabem que isso equivaleria à perda dessa esplêndida felicidade absoluta.

Yania sentia no coração toda a beleza do Amor. Um calor maravilhoso induzido pelo reconforto da ideia de que Deus, ela e Kami, e todos os que como elas seguiram o Amor, nunca deixariam de amar e serem amados.

- Mas então porquê os mauzões não escolhem agora o Amor para serem felizes como nós?

- Escolher o Amor tem que ser algo sentido do fundo do Espírito. Não pode ser apenas uma mera frase, algo como "eu agora vou seguir o Amor". Não! É preciso sentir, sentir absolutamente que é isso que a pessoa verdadeiramente quer. E como felizmente ninguém pode esconder de Deus os seus verdadeiros pensamentos, sentimentos e desejos mais profundos, Deus saberá sempre se a escolha dessa pessoa é genuína ou não. Além disso, aqueles que escolheram o Mal acabam frequentemente por desenvolver tantas e tão más características espirituais, que lhes é cada vez mais difícil conseguirem sentir o Amor, e portanto escolhê-lo de plena consciência. É um ciclo vicioso: quanto mais mal fazem mais maus se tornam e mais afastados do Amor ficam.

- Compreendo, é lógico. – comentou cabisbaixa. – E quando é que os espíritos maus começaram a nos atacar?

- Há já muito tempo... – respondeu Kami enquanto jogava uma pedrinha para dentro do riacho, vendo que a amiga estava bastante interessada em aprender mais. – Mas há muito mais tempo ainda, há muito mesmo muito tempo, no início das coisas, só existia Amor no Universo. Tudo era perfeito, e os Espíritos do Amor viviam felizes, viajando pelo espaço, e povoando novos planetas como a Terra. Nessa altura, o sofrimento, a infelicidade, a violência, o ódio, a guerra, a doença e a velhice, eram desconhecidos. Todos tinham corpos humanos muito belos, e homens e mulheres viviam em perfeita harmonia, amando-se uns aos outros. Sim...! – disse com os olhos a brilhar. - O lema era amar ao próximo como a si mesmo. Mas subitamente começaram a aparecer monstros em diversos planetas, inclusivamente na Terra. Deves ter ouvido falar nos dinossauros! São os monstros que surgiram na Terra. Cada planeta tinha monstros diferentes, mas todos tinham algo em comum: eram muito maus, e só queriam destruir.

- Não imaginava que quando os dinossauros apareceram já existissem Seres Humanos na Terra! – comentou Yania com admiração.

- Sim, mas existiam. Aldeias inteiras começaram a ser atacadas, e os Espíritos do Amor, porque eram muito ingénuos e não estavam habituados à guerra, não sabiam o que fazer. A maioria fugia protegendo-se uns aos outros, mas os que ficaram e enfrentaram os monstros foram mortos. Então perante toda aquela crueldade que se alastrava cada vez mais pelo Universo, os Espíritos do Amor chamaram-se uns aos outros e juntaram-se todos numa galáxia que ainda não tinha sido atacada pelos monstros.

Decidiram então isolar essa galáxia do resto do Universo, e começaram a usar os poderes das suas mentes para construir um escudo energético de Amor que, tal como uma bola, isolasse toda a galáxia do Mal, impedindo que este lá entrasse. E assim foi. Esta galáxia foi preservada, e é hoje aquilo que denominamos de Paraíso.

- E depois, como é que voltámos à Terra novamente?

- Bem, o que aconteceu foi que, pouco mais tarde, os Espíritos do Amor concluíram não ser justo que tudo aquilo que tinham criado fora dessa galáxia fosse destruído pelos monstros. Além disso, se não actuassem, passariam a estar cercados pelos monstros e nunca mais poderiam sair da galáxia. Então decidiram que começariam a desenvolver os seus poderes mágicos para controlar os monstros e fazê-los recuar. Começaram a pedir voluntários para saírem da galáxia e combaterem os monstros. É por isso que tu, eu e todos na aldeia estamos aqui: porque nos oferecemos para os combater.

Yania estava muito atenta, e ao mesmo tempo pensando sobre tudo o que Kami lhe contava.

- E os monstros com forma humana?

- Pois, fazes uma boa pergunta. Aconteceu que depois, devido a anos de combate, e em virtude das nossas forças serem muito superiores em magia por comparação com as dos monstros, estes começaram efectivamente a recuar. Na Terra, como em muitos outros planetas que já não eram habitados por Espíritos do Amor, congelámos a atmosfera e a superfície de modo a que os monstros invasores morressem. Mas muitos conseguiram escapar, e abrigaram-se numa galáxia onde já eram muito numerosos. Aí destruíram tudo, criaram uma hierarquia implacável, e passaram a vida a se guerrearem uns com os outros. Mas não satisfeitos de terem criado o Inferno, os monstros aplicaram-se na arte da ilusão, da mentira e da hipocrisia, sabendo que essas eram as únicas maneiras para voltarem a tentar conquistar o Universo. Então conceberam um plano abominável: como geralmente a maioria dos Espíritos do Amor encarnam nos seus corpos, ainda no útero das mães, no início do sétimo mês de gravidez, os monstros decidiram tentar encarnar antes dos Espíritos do Amor, ocupando assim o corpo do bebé, e retirando deste modo o lugar que era reservado aos nossos Espíritos. Mas sabiam que não o podiam fazer logo a seguir à última guerra, pois as nossas forças estavam alertas. Deixaram passar muitos milhares de anos, e então, aproveitando de novo o nosso regresso à ingenuidade, porque nós acreditávamos que os monstros não mais

arriscariam regressar depois da derrota que tinham tido, começaram então a enviar espíritos monstruosos que encarnavam no quinto ou sexto mês de gravidez. É claro que as mães, de imediato, começavam a ter muitas dores, e muitos desses seres foram abortados. Mas muitos nasceram. A nossa sorte foi que no início, todos os seres que nasceram, nasciam com deformações muito, mas muito graves, e aí começámos a investigar e constatámos que não existia nenhum Espírito do Amor nesses corpos.

- Isso foi terrível – interrompeu Yania com cara de nojo – Continua...

- Aí desvendámos o plano deles. Então estudámos o modo de evitar que isso acontecesse, e descobrimos! Passámos a ensinar a todos os Espíritos do Amor que para evitar a encarnação dum espírito maléfico nos corpos dos bebés, as mães deveriam emanar sentimentos de Amor directamente e continuamente para o bebé desde o começo da gravidez. Isso por vezes não acontecia, porque como nós sabíamos que os nossos Espíritos só encarnavam no sétimo mês, mínimo sexto mês, as mães geralmente só a partir deste período começavam a amar directamente os seus bebés. Ao introduzir esta alteração, passámos a gerar um escudo energético de Amor, semelhante ao que existe à volta da nossa galáxia, mas aqui à dimensão do útero da mãe, e, desta forma, o escudo só permite a entrada e saída de Seres do Amor, repelindo qualquer tentativa de invasão de espíritos diferentes. A partir de então nunca mais existiram encarnações de espíritos maléficos nos nossos bebés. Os meninos e as meninas que nascem desde então entre nós, são sempre Espíritos do Amor que encarnam para terem um instrumento maravilhoso, que é o corpo humano, capaz de proporcionar ainda mais prazer uns aos outros! Como sabes Yania, o corpo é apenas um instrumento de que se serve o espírito, porque este não tem sexo. O mesmo espírito pode encarnar num corpo masculino numa vida, como na seguinte pode encarnar num corpo feminino.

- Eu já sabia Kami! Mas então em relação aos corpos, como é que os monstros adquiriram forma humana?

- Foi exactamente quando nasceram os primeiros bebés encarnados por monstros. Como te disse há pouco, muitos morreram, mas muitos também sobreviveram. As mães e os pais, enquanto ainda não sabiam o que tinha acontecido, cuidavam desses bebés com muita dedicação. Quando souberam, muitos já tinham crescido o suficiente e haviam fugido, porque não suportavam o Amor. Aí vaguearam pela Terra, e muitos se cruzaram uns com os outros. No início tinham todos uma aparência semi-humana, semi-monstruosa, mas então dedicaram-se ao estudo da genética,



e fizeram modificações de forma a se parecerem mais com os verdadeiros humanos, ou seja, connosco. Hoje, só pelo físico, é extremamente difícil dizer que são monstros, dada a sua incrível parecença.

- E o contrário? – perguntou Yania.

- O contrário? Como assim? – retorquiu Kami sem perceber a que se referia a amiga.

- Sim, o contrário. Por exemplo, nós nascermos de monstros. É que, quando estavas a contar essas coisas, lembrei-me que os meus pais... que os meus pais poderiam ser monstros de forma humana. Para mim é terrível pensar numa coisa dessas! Nasci... nasci dum monstro? Pode realmente um ser humano ser um monstro? – questionou Yania pausadamente.

- Vamos por partes... Efectivamente tivemos que pôr, e ainda bem, a nossa ingenuidade de lado. Não podíamos mais, depois de todas essas coisas terríveis que os monstros nos tinham feito, continuar a facilitar a vida deles. Assim, muitos de nós ofereceram-se para nascer entre os monstros, de forma a demonstrarem que o Amor é a mais bela e poderosa força do Mundo, e que como tal não desejamos o mal a ninguém, provando assim que a guerra deles contra nós é completamente estúpida e inútil. Mas nunca nascemos entre eles pela primeira vez. Ou seja, os nossos irmãos que nasceram entre eles, já haviam nascido primeiro entre nós, e experimentaram primeiro connosco toda a beleza do nascimento humano. Quanto a tu teres nascido ou não dum monstro... bem, isso só tu podes dizer...

Parecia demasiada informação numa vez só para Yania. Desde que tinha entrado numa nave do Amor, passara o tempo quase todo a aprender coisas novas, que há muito desejava saber, mas que nunca tinha tido a sorte de encontrar num dos seus livros. Para agravar a situação, a maior parte das coisas que lhe ensinaram na escola revelavam-se profundamente erradas. Estava algo fatigada e contrariada por ter perdido tantos anos inúteis na escola.

- *Ao menos aprendi a ler, a escrever e a fazer contas.* – pensava. – *Por isso não foi assim um desperdício tão grande!* – consolou-se

Atirou também uma pedrinha ao riacho sempre com um ar muito pensativo.

- Mas um ser humano pode mesmo ser um monstro?

- Yania, imagina, digamos, deixa ver... olha, duas crianças inocentes com corações de Amor, por exemplo meninas como nós, que estão à beira dum riacho falando uma com a outra sem fazer mal a ninguém, como

nós, e de repente aparece um homem, assassina-as com um machado, e depois viola-as já cadáveres. Quem achas que fez isso? Um Ser Humano verdadeiro, ou um monstro com forma humana?

- Só um monstro poderia fazer uma coisa dessas! – respondeu com convicção.

- Essa é também a minha resposta.

Yania reparou que uma formiga subia o ombro de Kami.

- Espera, não te mexas, tens uma formiga grande no ombro, vou sacudi-la. – E com um só gesto sacudiu a formiga para o chão.

Uma breve aragem levantou-se.

- Kami? – chamou com uma cara algo aflita.

- Sim?

- A tua... a tua... – gaguejou enquanto apontava o dedo para o peito da amiga.

- A minha quê? – perguntou a amiga já preocupada com a cara de Yania.

- A tua... a tua pedra não está a brilhar...

- Não está... – engoliu em seco, e olhou para a da amiga. – A tua também não...!

- Isso quer dizer...

Fizeram um silêncio de morte. Nem tinham os cavalos próximo, pois estes haviam se afastado à procura de ervas.

Ouviram então um galho quebrar-se no chão, a apenas alguns metros atrás delas.

O medo tomou conta de Yania. Tinha acabado de aprender o essencial sobre o uso dos seus poderes, e já estava enfrentando o perigo.

Era tão expressiva, que Kami conseguiu perceber que a amiga estava a fazer um esforço enorme para não gritar de pânico.

- *Chiuuuu* – sussurou ao ouvido de Yania, enquanto ponha o dedo à frente da sua boca. – Não te preocupes. Tenho tudo sob controlo... – disse embora realmente também sentisse uma sensação de medo crescente causada pela surpresa dos acontecimentos. Mas não podia deixar a amiga perceber isso senão tudo ficaria então mesmo descontrolado.

De repente passos correndo em direcção a elas fizeram-se ouvir, e Kami instintivamente puxa o braço de Yania e jogam-se para o riacho, atravessando para a outra margem o mais depressa que podiam, e lá chegadas correram bosque dentro com todo o fôlego.

- Chama o teu cavalo – gritou Kami para a amiga enquanto corriam.

- Não sei se consigo... – respondeu com dificuldade – Estou com demasiado medo...

- Tens que conseguir! Dida! – chamou o cavalo dela que veio correndo a galope em direcção a Kami.

- Tito! Tito! – gritou inutilmente.

Kami percebeu que Yania estava demasiado nervosa para controlar o seu cavalo.

- Anda, dá-me a mão! – disse enquanto os passos que as perseguiram se aproximavam cada vez mais. Nem ousavam olhar para trás.

- Pronto!

- Agora quando eu disser salta, tu saltas e agarras-te comigo ao pescoço do cavalo – dizia apressadamente já quase sem fôlego, enquanto corriam as duas ao lado de Dida por entre as árvores do bosque.

- Salta! – gritou mal acabara ela mesma de saltar e de se agarrar ao pescoço do animal.

Yania, ajudada pelo impulso da mão de Kami, salta também, e vão as duas penduradas por baixo do cavalo.

- Prende as tuas pernas à volta dele – gritou para Yania, que o fez de imediato. – Bola de luz! – desejou com intensidade. Uma grande bola de luz forma-se à volta das duas. – Larga agora o cavalo – pediu à amiga.

As duas caíram dentro da bola de luz que as amparou, sempre acompanhando a velocidade do cavalo. A bola de luz subiu, deu meia volta, e pousou-as suavemente sobre o dorso do cavalo a galope, dissipando-se de imediato.

- Agora agarra-te bem à crina dele – disse para Yania enquanto a segurava com uma mão e puxava as rédeas com a outra. - Tito! – chamou, tendo o outro cavalo corrido com a máxima velocidade e chegado até junto delas em pouco tempo.

Kami olhou para trás. Tinha um homem enorme com patas de caprino, dois cornos afiados e barbicha de bode quase a alcançá-las.

- Tito ataca! – ordenou Kami.

O cavalo abrandou a marcha, virou-se para trás, e com um grande relinchar levantou as patas da frente e desferiu um golpe certo na cara do monstro.

Kami voltou a olhar para trás ainda em grande velocidade. Conseguiu ver Tito caído a sangrar, já falecido, em cima do monstro também morto.

*Marcos Aragão Correia*

Reparou no seu colar. A pedra tinha voltado a brilhar. Ordenou a Dida que regressasse rapidamente para a aldeia, enquanto suspirava para a amiga:

- Já está tudo bem! Podemos voltar!

Yania deu um grito de alívio e alegria. A amiga tinha-lhe salvo a vida.

## Capítulo 5

- A situação é preocupante. Desde há muito tempo que não existia uma incursão tão próxima da aldeia. – afirmou Noiu, que convocou uma reunião de todos os habitantes no descampado.

- Estávamos à beira do riacho, na parte que passa a sul do bosque, quando ele nos atacou por trás. – explicou Kami. – Perdemos um dos nossos melhores cavalos, o Tito, ao nos defender do monstro.

- Julgo que devemos tomar providências. Podem estar a tentar invadir-nos. – sugeriu Dyma.

Yania estava sentada no relvado, de pernas flectidas e agarradas pelos seus braços. Ainda recuperava do susto que apanhara no dia anterior.

- Porquê não destruimos os monstros de uma vez por todas? – perguntou.

- Filha, não o podemos fazer pois não somos iguais a eles. Poderíamos matar todos os monstros que estão fora do Inferno lançando um ataque massivo com a nossa frota espacial, mas aí estaríamos a ser injustos: mataríamos todos os monstros, inclusivamente aqueles que nunca nos desrespeitaram. – explicou Dyma com a habitual ternura.

- Sim, não somos iguais a eles – repetiram muitos dos habitantes, concordando.

Yania compreendeu que os Espíritos do Amor não o eram só pelo nome. Existiam valores que os caracterizavam e os distinguiam dos espíritos malévolos.

- Alguém tem mais sugestões? – perguntou Noiu.

Um habitante chamado Hytu levantou-se e disse:

- Até agora, tirando o caso do assassinio do meu filho Jilu, ao qual reagimos fazendo estes colares, nunca desde então nenhum monstro se tinha atrevido a voltar a aproximar-se tanto da nossa aldeia. Sugiro por isso que se treine uma centena de pássaros para assinalarem a aproximação de monstros num limite de dez mil metros da orla da aldeia. Aumentamos assim a nossa margem de segurança que até agora tem estado em cerca de mil metros. Alguém comenta ou sugere outra alternativa?

Ouviu-se um burburinho de concordância entre todos.

- Vamos então ver. Quem concorda com esta medida levante o braço agora. – disse Noiu levantando o seu logo a seguir a ter terminado a frase.

Todos levantaram o braço à excepção de Yania.

- Querida, não concordas com esta medida? – perguntou carinhosamente Dyma.

- Claro que concordo! Acho uma ideia excelente! – respondeu prontamente Yania. – Não levantei o meu braço porque não tinha a certeza se já podia intervir nas decisões. – explicou.

Dyma ajoelhou-se e abraçou Yania fortemente.

- Minha filha querida... – disse enquanto a abraçava – É claro que podes intervir nas decisões, desde o primeiro dia que aqui chegaste. És uma nossa irmã. Como podes sequer duvidar da tua igualdade? – e voltou a abraçá-la com força.

- Obrigada a todos! – respondeu enquanto dava um beijinho molhado a Dyma. – É que estava habituada a viver numa sociedade em que as crianças não têm direitos.

- Bem, Yania também concorda, portanto foi aprovada esta medida. – disse Noiu, concluindo a reunião.

Imediatamente, Hytu, Dena sua esposa, Cimus, Hemia e Eda aproximaram-se de Noiu como voluntários para treinar as aves.

- Vamos Yania. Vou-te ensinar a fazer bolas de fogo! – disse Kami para a amiga enquanto a puxava pela mão.

Dirigiram-se para uma área em que só existiam arbustos, junto ao rio que passava na aldeia.

- A chave dos poderes mágicos tu já a conheces. Agora vou-te ensinar a criar bolas de fogo utilizando essa mesma chave! – afirmou Kami com uma alegria contagiante. – Tudo o que tens a fazer é imaginares que uma bola de luz circular se forma entre as tuas mãos – explicou enquanto fazia

gestos circulares com as mãos como se existisse uma bola entre elas. – Faz como eu.

- Assim está bem? – perguntou enquanto imitava a amiga.

- Perfeito! Agora deseja intensamente que a bola de luz apareça! – e poucos segundos depois de o dizer já era possível ver uma tênue bola de luz entre as mãos de Kami.

- Espera, estou quase a conseguir... – e Yania cria também a sua bola de luz.

- Pronto! Agora tens que visionar o alvo e atirar a bola, desejando que ela o atinja com grande força. Pode ser ali ao meio do rio, em frente àquele arbusto – sugeriu apontando, enquanto segurava a sua bola com a outra mão – Quando a bola de luz tiver já saído das tuas mãos, tens finalmente que desejar que ela se transforme numa bola de fogo. Tem sempre cuidado para que não a incendeies próximo das tuas mãos!

Kami demonstrou à amiga como fazer, jogando a sua bola primeiro, que atingiu em cheio no alvo.

- Agora é a tua vez!

Yania concentrou-se no alvo, atirou a bola, mas não conseguiu transformá-la em fogo.

- É a tua primeira vez, não te preocupes! – descansou a amiga – Vá lá tenta de novo!

Repetiu a Yania a técnica que usava.

- Concentra-te no fogo. Imagina a bola a se incendiar e deseja com muita força que isso se concretize.

Yania não queria falhar outra vez. Estava determinada em conseguir corrigir o erro da sua primeira tentativa. Criou uma nova bola de luz, concentrou-se no alvo, atirou a bola e desejou que se transformasse em fogo.

No entanto, o seu medo de falhar levou a que desejasse uma bola de fogo muito grande. E foi o que efectivamente veio a acontecer. A então pequenina bola de luz transformou-se a meio caminho numa imensa bola de fogo. Mas mesmo tendo acertado no alvo a meio do rio, o seu fogo era tão grande que espalhou-se e atingiu o arbusto que se encontrava em frente, pegando-lhe lume.

- Ai, meu Deus! – exclamou Yania levando a mão à boca de preocupação. – Peguei fogo ao arbusto!

- Não faz mal! – riu-se Kami às gargalhadas. – É muito bom ver que conseguiste uma bola de fogo tão grande! – disse continuando a rir

sem parar – Para a próxima vez tem a certeza que a jogas contra um monstro!!!

Kami desejou então que chovesse em cima do arbusto. Constatou que esse desejo não era contra o Amor, acreditou com muita fé que era possível acontecer, e desejou com muita intensidade que isso acontecesse mesmo. Estavam reunidos os três requisitos para o exercício dos maiores poderes mágicos do Mundo: os do Amor. O céu estava descoberto, mas imediatamente viram uma nuvem preta a se deslocar a grande velocidade e a parar mesmo sobre o arbusto, deitando logo a seguir uma abundante chuvada que apagou por completo o fogo causado.

- Julgo que tens aprendido bem! – exclamou Kami ainda rindo.

- Com a prática irei melhorar! E pegar fogos só a monstros!!! – respondeu enquanto sorria. E aproximou-se do rio e jogou água com as mãos para a amiga, sugerindo indirectamente uma pausa para a brincadeira.

Kami aderiu de imediato, e jogou água de volta para Yania, mas desequilibrou-se e caiu dentro do rio, ficando toda molhada, dos pés à cabeça.

Yania, ao ver a amiga naquele estado, jogou-se ela também para dentro do rio, e assim brincaram uma com a outra dentro de água durante o resto da manhã.

À tarde, depois de almoçarem, Kami ensinou Yania a desenvolver os seus poderes de psicinese, telepatia e cura. Lembrava sempre à amiga a chave para utilizar os poderes mágicos dos Espíritos do Amor, fossem eles quais fossem: AMOR, FÉ E DESEJO.

Yania progredia rapidamente. Como todos os outros Espíritos do Amor, era muito inteligente, e não demorava muito tempo a compreender como utilizar os seus poderes, pois ela adorava praticar a magia do Amor.

Na escola por vezes tinha notas baixas, mas era só porque não se interessava por alguns dos assuntos que eram ensinados. Principalmente quando tinha dúvidas que fossem verdade. *A ciência está sempre a se contradizer, um dia diz uma coisa, no outro diz exactamente ao contrário*, costumava pensar. Lembrava-se de um dia o professor ter falado sobre comunicações, e de ter dito que estava provado que o uso do telemóvel era completamente seguro para a saúde. Começou a reservar todos os meses uma certa quantia da sua mesada para comprar um telemóvel, pois assim poderia falar com Margarida sempre que desejasse. Tinham-se passado apenas três meses, e leu por acaso uma notícia no jornal do dia, que dizia que estudos mais recentes tinham provado que afinal o uso mais frequente



do telemóvel era extremamente prejudicial para a saúde, podendo mesmo causar doenças fatais. Desistiu a tempo da ideia, e utilizou o dinheiro que havia poupado para comprar um grande poster de golfinhos que ofereceu a Margarida. Ela ficou tão comovida, que no dia a seguir ofereceu um poster ainda maior de cavalos a Yania.

- *Acredito na magia do Amor! Isto sim, na magia do Amor!* – pensava satisfeita, lamentando apenas o facto de antes não se ter aplicado mais na prática dos seus poderes mágicos. Se o tivesse feito, poderia ter falado mais vezes com Margarida usando simplesmente... a telepatia!

- Vou pensar numa destas três pedras, transmitindo para a tua mente a pedra na qual estou a pensar. Depois, tens que movê-la até ti, mas sempre só com a tua mente. – sugeriu Kami enquanto disponha três pequeninas pedras no chão à sua frente.

Estavam as duas sentadas de pernas cruzadas debaixo de uma árvore, e viradas uma para a outra a uma distância de cerca de 2 metros.

- OK! Estou preparada! – assentiu Yania.

Kami e Yania concentraram-se então. Sabiam que o que iriam fazer era Amor, tiveram fé de que eram capazes de fazê-lo, e desejaram muito intensamente fazê-lo. Kami pensou na pedra do meio, e Yania imediatamente recebeu essa informação. Sempre utilizando a chave Amor, fé e desejo, deslocou logo a seguir essa mesma pedra até à ponta dos seus pés.

- Em cheio! – congratulou Kami, toda contente, a amiga.

- Fantástico!

Depois de terem feito mais alguns exercícios de telepatia e psicocinese, Kami procurou e encontrou um pequeno arranhão que Yania tinha na perna esquerda, feito quando fugiram da perseguição do monstro no dia anterior.

- A mãe já te explicou como funcionam os poderes mágicos de cura – e pôs a mão sobre o arranhão – Utilizar a chave – concentrou-se – Isto é Amor... eu posso curar-te... eu quero curar-te. – dizia pausadamente, e o arranhão logo desapareceu, nem se notando que alguma vez lá estivera.

- É bastante simples! – e procurou também um arranhão em Kami, tendo encontrado um mais profundo. – Kami! Tenho que te cicatrizar mais depressa esse arranhão! – disse decidida enquanto se concentrava e repetia mentalmente todo o processo da chave do Amor.

- Muito bem!!! – exclamou Kami ao ver que o seu arranhão desaparecera. – Agora tens que cicatrizar esse arranhão que tens no joelho! – sugeriu enquanto apontava.

Yania repetiu o processo, mas agora sobre si mesma.

- *Isto é Amor... eu sou capaz de me curar... eu quero curar-me...*

E pronto. Já não existia arranhão.

Ambas estavam muito satisfeitas e contentes, e decidiram então fazer uma pausa para irem montar a cavalo dentro do grande e verde prado da aldeia. Galoparam, saltaram, brincaram e riram muito uma com a outra. Eram duas meninas felicíssimas.

Tinha chegado a hora do jantar. As duas amigas já haviam tomado banho, e acabavam de se sentar à mesa, onde já se encontravam Dyma, Noiu, Kimi e Ilky.

- Kami, como está progredindo a Yania com os seus poderes? – perguntou Dyma à filha.

- Muito bem! Está em condições de carbonizar monstros! – respondeu dando uma gargalhada.

- Filha, sentes-te realmente capaz de utilizar a tua magia? – questionou virando-se para Yania.

- Sim mãe, a Kami tem me ensinado muito bem.

- O Eliu também tem feito muitos progressos. – contou Kimi a Yania e Kami, pois não tinham chegado a tempo de ouvir o que ela já lhe tinha ensinado.

- Ele já consegue também fazer bolas de fogo! – exclamou Ilky que tinha acompanhado Kimi durante esse dia.

- É muito bom ver que estão todos tão satisfeitos! – sorriu Noiu muito feliz.

- Ótimo, podemos então dar já uma missão a ambas Yania e Kami! – sugeriu Dyma – Mas mais fácil, porque será a primeira de Yania.

Kami saltou da cadeira de alegria. Adorava missões contra os monstros. Não suportava ver aqueles perversos a espalharem impunemente maldades pela Terra. Um dos seus maiores sonhos era inutilizar a Grande Besta, mas sabia que isso era muito difícil pois a Grande Besta era o chefe supremo dos monstros, demónios e diabos do Inferno, e raramente abandonava o seu trono na região infernal do Universo.

- Que podemos fazer mãe? – interrogou com os olhos repletos de contentamento.

- Existe um menino que tem sete anos de idade e que foi acolhido num orfanato do Estado há quatro anos atrás. Os pais morreram num terrível acidente de viação, mas ele sobreviveu praticamente ileso, graças à protecção do seu Anjo da Guarda. Acontece que o ano passado foi admitido

um funcionário que odeia o menino sem ter contudo qualquer razão válida para isso, não foi com a cara dele e pronto. É uma pessoa muito severa, daquelas que acham que a educação das crianças só se faz à pancada, e que quanto mais se bater nas crianças mais bem-educadas elas serão.

- Faz-me lembrar alguém... – interrompeu Yania com tristeza.

- Nós sabemos Yania – disse Kami enquanto passava a mão na cabeça da amiga, acariciando-a e reconfortando-a.

- O problema maior é que sempre que ele se cruza com o menino, e isto é quase todos os dias, leva-o para uma despensa e começa a queimá-lo com cigarros. Se ele grita, dá-lhe bofetadas e pontapés, e ameaça matá-lo se ele contar a alguém. É um homem hediondo que tem de ser afastado do menino urgentemente. Mas não sei se a Yania estará mesmo preparada para começar... – explicou hesitando e olhando compassivamente para Yania.

- É claro que estou! A Kami já me tinha explicado que a missão dos Espíritos do Amor é exactamente defender o Amor e proteger a liberdade individual, contribuindo para a felicidade de todos os nossos irmãos e irmãs, felicidade que é a nossa própria felicidade.

- Sim, é verdade. A liberdade é essencial, e a liberdade de cada um implica o respeito pela liberdade do outro. Assim, o funcionário está a violar a liberdade do menino de ter corpo e mente livres de sofrimento. – olhava sempre compadecida para Yania. – Queres mesmo começar a desempenhar missões pelo Amor? – voltou a insistir na pergunta.

- Mãe, o meu maior desejo é que não exista mais maldade no Mundo. – respondeu Yania. – Por isso tudo o que eu puder fazer para combater o Mal eu o farei sem hesitar, e com enorme prazer!

Kami, mal ouviu isto, deu um beijinho na testa de Yania.

- Somos mesmo irmãs! – comentou Kami toda contente por ver que Yania pensava como ela.

- Muito bem. Quero te agradecer a tua dedicação em prol dos nossos valores. – disse Dyma a Yania sem esconder também uma grande satisfação por esta ter aceite. – Amanhã podem treinar um pouco mais de magia enquanto preparamos tudo para a vossa partida no dia a seguir.

- E se amanhã se juntassem todos para treinar? – sugeriu Noiu.

- Sim! – concordou Kimi – Amanhã podemos todos praticar bolas de fogo ao alvo!

- Sim! – gritou também Ilky apoiando a ideia. Adorava atirar bolas de fogo!

Kami e Yania sorriram uma para a outra. Seria mais um dia super divertido, e desta vez todos os irmãos estariam juntos brincando e treinando. E seria também mais seguro para o sucesso da missão Yania treinar um pouco mais de magia, pois muito embora ela já dominasse suficientemente bem os seus poderes, não podiam arriscar nada, uma vez que se algo corresse mal era o menino que pagaria, dado que o monstro poderia mesmo matá-lo para se vingar. Estava pois decidido. Partiriam depois de amanhã.

E assim aconteceu. No dia seguinte praticaram todos os seus poderes, Yania, Kami, Kimi, Ilky e Eliu. Embora seja certo que, todos juntos, e devido ao constante desafiar de Ilky, passaram mais tempo brincando do que propriamente treinando. Mas foi ótimo, pois essa era também uma maneira excelente de Yania conhecer melhor os Espíritos maravilhosos que eram as outras crianças, e vice-versa. Yania sentia-se verdadeiramente muito feliz, e agradecia ao Amor por ser tão belo.

Quando caiu a noite, Kami e Yania foram-se logo deitar de modo a descansarem bem para a missão que as esperava no dia que se seguia.

Dormiram as duas juntas e abraçadas, no quarto de Yania, de modo a transmitirem confiança uma à outra de que tudo iria correr bem.

Mal acordaram, Dyma e Noiu reuniram-se com elas, dando-lhes todos os detalhes do lugar, do menino e do homem monstruoso. Deram-lhes ainda dinheiro para se poderem deslocar até à cidade e para comerem num restaurante vegetariano, bem como as roupas que deveriam usar, pois não era conveniente levantarem suspeitas, e como tal deviam vestir-se com as roupas usuais de fora da aldeia.

Tomaram rapidamente o pequeno-almoço, e chamaram dois cavalos que as levariam para fora da aldeia até ao fim da floresta. A partir daí estavam por sua conta.

Ao saírem da floresta ordenaram aos cavalos que regressassem, e apanharam um comboio em direcção à cidade onde se localizava o orfanato.

Há muito que as pedras dos seus colares haviam deixado de brilhar.

- Como achas que devemos afastar o monstro do Pedro? – perguntou Yania a Kami, já sentadas dentro do comboio.

Estavam ambas um pouco maldispostas, principalmente Kami, pois a poluição contrastava drasticamente com o ar límpido da aldeia.

- Nas missões em que eu participei anteriormente, nós geralmente decidíamos isso sobre a hora, pois muitas vezes eram feitos planos, mas

depois tínhamos que os alterar porque, por exemplo, os monstros reagiam de forma diferente àquela que esperávamos.

- Compreendo... é tudo uma questão de nos adaptarmos e reagirmos em função das circunstâncias.

Três horas e meia depois, o comboio finalmente chegara à cidade. Dirigiram-se ao posto de turismo junto da estação, onde pediram um mapa e indicações sobre a localização do orfanato, e ainda onde poderiam encontrar um restaurante vegetariano.

Tomaram um táxi, e foram almoçar no único restaurante que servia refeições vegetarianas na cidade, pois já era tarde e estavam com fome. Ambas comeram bifinhos de soja servidos com massa integral, espinafres e algas. Kami tomou um sumo de cenoura e Yania um de laranja. Como sobremesa as duas escolheram tartes de maçã sem açúcar. Estava tudo muito delicioso!

Apressaram-se para o autocarro que saía dali perto e passava no orfanato.

Quando chegaram, combinaram um plano para passarem pelo porteiro que com cara de mau controlava as entradas e saídas do edifício.

- Temos que distrai-lo, mas como? – olhou pensativa Yania.

Kami reparou então que no jardim, junto da casota onde ele estava de vigia, existia um gato comendo restos de comida.

- Tenho uma ideia! – exclamou Kami. – Vou ordenar ao gato que entre dentro da casota e que, sem magoar o porteiro, comece a investir furiosamente agarrando-se-lhe às pernas.

- Ótima ideia! Assim ele terá que tratar do problema do gato e não olhará enquanto para a porta!

Kami concentrou-se no gato. Fechou os olhos e imaginou, desejando, que o gato se pendurava à perna esquerda dele, enquanto miava enraivecidamente.

O gato abandonou imediatamente o que estava fazendo, entrou na casota de vigia, e de um só pulo saltou para a perna do porteiro miando de forma estridente e ameaçadora.

O porteiro saltou da cadeira sobressaltado e saiu pela casota fora com o gato à perna.

Yania e Kami correram logo para dentro passando o mais rapidamente possível pelo jardim até entrarem no grande edifício.

Uma funcionária austera saiu duma divisão, e reparou nas duas meninas que ela não conhecia, dentro do hall de entrada.

- Quem são vocês?

Yania gaguejou. Lembrou-se então que Dyma lhes tinha dito que o menino tinha aulas fora do orfanato durante as manhãs.

- Sabe, somos colegas de escola do Pedro Ernesto...

- Sim, somos repetentes e viemos pedir-lhe ajuda com os trabalhos de casa. Já mostrámos os nossos cartões de identificação na porta. – improvisaram ambas com perspicácia.

A funcionária não levantou mais questões, pois confiava no rígido controlo exercido pelo porteiro.

- Ele está na sala de jogos, ao fundo daquele corredor à direita. – indicou com o dedo.

Kami e Yania agradeceram e puseram-se logo a andar, não fosse a funcionária querer acompanhá-las e reparar que não traziam nenhum caderno.

Chegaram à sala, mas havia muitos meninos a brincarem com diversos jogos. Kami aproximou-se de um deles e perguntou onde estava o Pedro Ernesto. O rapaz indicou para o canto.

Repararam então que havia um menino muito triste, que estava sentado e sozinho, e não brincava, apenas olhava para um grande cartaz que estava na parede e que representava o sistema solar.

As duas amigas aproximaram-se. Era a mesma criança da foto que Dyma e Noiu lhes deram.

- Como te chamas? – perguntou Yania.

O menino ficou muito surpreso por ver duas meninas ali. Quase nunca apareciam meninas naquele orfanato.

Uns olhos que ressaltavam rios de infelicidade fixaram-se em Yania.

- Pedro.

Yania e Kami ficaram profundamente comovidas.

Yania deu-lhe a mão para que as acompanhasse, e logo repararam que existiam cicatrizes do que pareciam ser queimaduras de cigarro, logo acima do seu pulso.

- Vem, vamos ali até ao jardim para falarmos um pouco.

- Vocês são muito lindas. Parecem anjos. – comentou o menino, que as seguiu sem fazer questões.

- Somos Anjos da Guarda e viemos te ajudar! – respondeu Kami.

Quando entraram, tinham notado que o jardim era suficientemente grande para que pudessem arranjar um cantinho para falarem a sós com o menino.

Sentaram-se os três juntos a uma vedação que separava o orfanato dum bloco de apartamentos.

Yania acariciou o cabelo do rapaz.

- Estamos aqui para te ajudar. Sabemos que tens sofrido muito, mas queremos que tu saibas que o Amor existe.

- Sim, gostamos muito de ti, e por isso não vamos deixar que tu sofras mais.

Pedro olha muito surpreso para uma e para outra alternadamente.

- Parece um filme... – comentou sem saber mais que dizer.

- Não, não é um filme. Isto tudo é bem real Pedro. Mas não vamos deixar mais que seja real o que te têm feito.

Logo que Kami disse isto, levantou-lhe com suavidade um pouco da camisa. Queria chorar. Estava repleto de marcas.

- Porquê nunca ninguém do orfanato te disse nada sobre isto?

- O senhor que me faz isto, diz que é primo do director.

- Então está tudo explicado! – disse Yania enquanto lhe afagava a mão.

- Leva-nos até ele Pedro.

- Tenho medo...

Kami colocou-se de joelhos à frente dele.

- O medo é errado, Pedro. Dificulta a nossa vida e impede-nos de vencer. De que é que te serviu teres medo este tempo todo? Não te continuaram a bater e a maltratar?

- Sim, o medo só te manteve no sofrimento. – acrescentou Yania.

- Tens que ter força para mudares a tua vida para melhor. E com medo não poderás ter essa força, porque o medo é fraqueza. E fraco, com medo, a tua vida ficará sempre má ou mesmo ainda pior.

Yania levantou-se, agarrou as duas mãos de Pedro e puxou-o para cima.

- Anda, não tenhas medo. Não estás só, nós amamos-te!

De súbito Pedro começou a sentir-se corajoso. Aquelas duas meninas, de olhos tão cheios de luz e beleza, e as suas palavras tão doces, inspiravam-lhe força. Ele acreditou que era capaz de vencer o mal que o atormentava.

Levantou-se e suspirou.

- Obrigado por serem minhas amigas. Venham.

Entraram de novo no edifício e seguiram Pedro mesmo encostadas a ele. Subiram umas longas escadas, e pararam junto a uma divisão, onde estava um homem sozinho frente a um computador.

- É ele – indicou Pedro.

- Esperas aqui. – pediu Kami. – Estás mais seguro vendo a esta distância.

Yania e Kami entraram e aproximaram-se do homem, sem qualquer receio.

- Quem são vocês e o que querem? – perguntou o funcionário de modo muito antipático.

- Viemos falar consigo. Estamos muito aborrecidas com o que tem feito ao Pedro. – respondeu de imediato Yania.

- Suas fedelhas! Ponham-se já na rua! – gritou enquanto se levantava.

- Ponham-se na rua??? É essa a resposta que nos dá??? Já sei, quer continuar a maltratar um menino inocente e indefeso! – indignou-se Kami.

Entretanto o funcionário ficou todo vermelho de raiva, e pegou num guarda-chuva comprido que estava no canto junto à mesa, levantando-o ameaçadoramente no ar.

- Rua cretinas! – gritou monstruosamente.

As amigas nem moveram pé. Kami acenou com a cabeça condenando.

- Violência... Tanta violência... Mas para quê?

De súbito o homem tenta bater com o guarda-chuva em Kami, mas Yania deseja imediatamente que o guarda-chuva pare.

O homem fica boquiaberto ao notar que uma força invisível bloqueava o guarda-chuva no ar. Tenta movimentá-lo, mas era inútil. Largou-o então da mão, mas reparou que o guarda-chuva não caía no chão, ficando suspenso exactamente na mesma posição onde estava.

Recuou alguns passos.

- O que é que isto quer dizer? – perguntou com uma expressão de espanto e receio.

- O que é que isto quer dizer??? Que você é um monstro! – respondeu Yania, que deseja que o guarda-chuva bata repetidamente e com força na cabeça do homem.

Imediatamente o guarda-chuva vira-se para trás e desata a dar fortes cacetadas na cabeça dele, sem parar. Este tentava se afastar, mas o guarda-chuva perseguia-o incessantemente, atingindo-o sempre certamente na cabeça.

O menino, que estava a observar tudo, começou a se rir de ver aquele malfeitor estar a levar tantas e tão fortes *guarda-chuvadas*.



E Yania e Kami, vendo João a rir-se, riram-se também.

De repente, o homem começa a transformar o seu tom de voz para um tom anormalmente grosso e rouco, enquanto anda para trás em direcção à porta.

- Aaahhh! Malditos Espíritos do Amor! Odeio o Amor! Vocês hão-de pagar! – revelando uns enormes dentes caninos ao falar.

Ao verem que o monstro ia sair da sala, correm para o pé de Pedro para protegê-lo.

O monstro agarrou com uma força brutal o guarda-chuva e partiu-o ao meio, fazendo com que este cessasse os movimentos. Kami reagiu de imediato desejando intensamente que uma cadeira ali próxima atingisse com grande força o monstro. Prontamente a cadeira levantou-se e foi atirada com uma velocidade espantosa contra ele por uma força invisível.

Atingindo-o também na cabeça, o monstro ficou bastante atordoado e fugiu a correr dali para fora coxeando.

- Nunca mais voltas! – gritou Yania enquanto o seguia até às escadas, por onde ele desceu para fora do orfanato.

Ambas voltaram-se para Pedro dando-lhe muitos carinhos.

- Está tudo bem agora! – exclamou Yania.

O menino estava estupefacto. Abraçou-se às amigas, e agradeceu-lhes muito tudo o que tinham feito. Os seus olhos voltavam a brilhar.

- Ele nunca mais irá regressar! – garantiu Kami, já habituada a missões parecidas.

- Sim, e se um dia precisares de mais alguma ajuda nossa, não hesites em pedir. Procura à noite no céu a estrela mais brilhante de todas. Pede-lhe com muita força que te ajude. Ela satisfará sempre os teus pedidos de socorro! – assegurou Yania.

- Que a tua missão seja plena de sucesso! – e Kami dá-lhe um longo beijo na testa. – A Verdade é o Amor, e a tua vida faz parte do Amor. Estás aqui para uma missão, uma missão de Amor. O teu futuro está apenas nas tuas mãos, com a ajuda das nossas mãos.

Yania deu-lhe também um doce beijo na testa, enquanto o abraçavam em jeito de despedida.

Vieram as lágrimas aos olhos dos três.

- Nunca mais vou voltar a vos ver?

- Claro que vais! – responde Kami prontamente. – Um dia, mais tarde, nalgum lugar do Universo.

*Marcos Aragão Correia*

- Mas até lá estarás sempre nos nossos corações! – acrescentou Yania enquanto uma lágrima corria já pela sua face, num prenúncio claro de saudades.

## Capítulo 6

Kami e Yania estavam já ambas na estação, esperando o próximo comboio que as levaria de volta ao limite entre a floresta da sua aldeia e a sociedade.

Yania pegou num jornal que alguém tinha deixado sobre o banco.

Logo na primeira página e em grandes letras pôde ler:

*Tarada que raptou filha do Ministro é declarada louca pelo Tribunal e internada compulsivamente.*

O seu coração quase saltava do peito. Começou a ler rapidamente toda a notícia. Não tinha dúvidas. Era dela e de Margarida que a notícia falava.

- Kami, depressa, lê isto – pediu bastante abalada à amiga.

Kami ficou também chocada.

- Estão a falar de ti e da Margarida – constatou enquanto lia a notícia que referia que tinha sido provado o rapto através da descoberta dum bilhete deixado pela menina na casa da proprietária da loja do paranormal, quando lá foi ordenada uma rusga policial por suspeitas dos pais.

- Os monstros acusaram a Margarida de me ter raptado e prenderam-na num manicómio. Tenho que ajudá-la! – levantou-se de imediato.

- O que é que estás a pensar fazer?

- Não sei... só sei que tenho que ajudá-la! – afirmava enquanto tirava o jornal das mãos de Kami e rasgava-o aos bocados. – Como é possível dizerem tamanhas falsidades como se fossem verdades absolutas? – deitou os bocados no lixo. – O meu pai deve ter reparado no carimbo da loja que constava nos meus livros, e suspeitou que eu pudesse estar lá – suspirava

– Saí a tempo, mas a Margarida gostava tanto de mim que até guardou o simples bilhete que lhe escrevi antes. Devia a ter avisado para o destruir.  
– culpou-se.

- Não, Yania! Não tiveste culpa! Nem tu nem a Margarida! Era normal que ela quisesse guardar o teu bilhete pois essa seria a sua última recordação tua.

- Eu vou procurá-la!

- Calma! Temos que voltar à aldeia primeiro e reunir com todos para ver o que poderá ser feito.

Yania começou a andar em direcção à bilheteira.

- Não Kami! Não há tempo a perder!

- Espera Yania! Não faças isso! É muito perigoso! Temos que voltar primeiro! – gritou.

Era inútil. Yania dirigiu-se à bilheteira e comprou um bilhete rumo à capital. Eram quatro horas de viagem a partir dali, e quase já não restava dinheiro, mas não se importava. Estava disposta a passar fome e dormir na rua se fosse preciso, mas teria que ajudar Margarida.

Kami correu atrás dela.

- Yania escuta! Não estás preparada para uma intervenção dessas. Além do mais a polícia ainda anda à tua procura e as tuas fotos foram divulgadas na imprensa. Irmos à capital é das piores coisas que podemos fazer pois irás ser facilmente reconhecida.

Mas a decisão de Yania era inabalável.

- Kami, tu não precisas vir comigo. Eu é que vou. – e dirigiu-se apressadamente para o comboio que partiria dentro de minutos para a capital.

Kami ficou parada a olhar para a amiga a se afastar. Sentiu no seu coração que ela também estava triste por não ter tido o seu apoio, por não ter percebido a dimensão da urgência que imperava naquele caso. Um sentimento de culpa invadiu-a.

Yania entrou, sentou-se, e evitou olhar pela janela. As portas fecharam-se e o comboio começou a andar. Sentia-se muito triste e revoltada. A tristeza que fazia o seu coração doer era constantemente alimentada pela ideia do mal que Margarida estava a sofrer, e aumentada pela falta do apoio incondicional que esperava de Kami. Essa amarga tristeza era acompanhada por um sentimento tremendo de revolta contra as monstruosidades que devastam a Terra e que pareciam não ter fim. Suspirou e quis chorar perdidamente. O desespero tomava-lhe conta da alma. Ela amava Kami

e todos os outros da aldeia. Mas amava também Margarida, e Margarida precisava agora dela mais do que nunca. Fechou os olhos tentando arduamente conter as lágrimas que já se acumulavam.

De súbito sente um beijo, muito terno, na cara.

- Yania, alguma vez achaste que te ia abandonar?

Era Kami que se sentara ao seu lado!!!

- Kami!!! Obrigada! Obrigada por seres minha verdadeira amiga!

E as duas abraçaram-se fortemente. E então choraram, mas choraram agora pela felicidade de permanecerem sempre juntas.

Durante a viagem combinaram o que poderiam fazer para tirar Margarida daquele lugar horrível. Yania e Kami não confiavam nas instituições da sociedade. Sabiam que eram corruptas, falsas e malévolas. Kami também tinha aprendido isto, porque muitos na aldeia tinham antes vivido na sociedade e contaram as coisas horríveis que eram lá feitas. Yania tinha sentido na própria pele a hipocrisia e o maquiavelismo das instituições, nomeadamente da polícia, mas era-lhe sempre difícil entender como é que alguém era capaz de obedecer a ordens ou a leis imorais apenas em troca de dinheiro.

Contudo, ambas também sabiam que existiam indivíduos bons em muitas dessas instituições. Que embora muitos polícias fossem maus, alguns outros eram bons e utilizavam as suas profissões para tentarem ajudar as pessoas boas, fossem elas ricas ou pobres.

Puseram-se de acordo, e decidiram então tentar falar com o director do hospital psiquiátrico. Contaram todo o dinheiro que tinham. Quando chegassem à capital iriam a um supermercado e comprariam algumas sandes de vegetais e um pacote de leite de soja que dividiriam, e ainda um grande cobertor para se aconchegarem do frio, pois passariam a noite num lugar escondido num parque da cidade.

E assim foi. Eram três da manhã, e ambas dormiam juntas, aconchegando-se, num relvado mais recatado entre algumas árvores.

De súbito são acordadas por uma lata vazia de cerveja que lhes cai em cima.

- Olhem, duas miúdas a dormirem abraçadas... que gozo...!

Era um bando de sete jovens delinquentes, muitos dos quais embriagados, que estavam em pé à frente de ambas, rindo-se e gozando delas. Kami pegou na lata e jogou de volta para eles.

- Não gostamos do cheiro a álcool. – disse indignada enquanto se levantava com Yania.

- Devem ser mariquinhas... abraçadinhas... – comentou estupidamente um outro rapaz.

- Metam-se na vossa vida, cretinos! – respondeu Kami novamente.

- Sim, bando de parvalhões – apoiou Yania.

- Olha, olha, as duas pombinhas a protestarem – disse aquele que parecia ser o líder.

- Vamos lhes dar uma lição! – propôs outro rapaz, que foi logo apoiado por todos.

- Umass bofetadas e está resolvido o assunto – ordenou o cabecilha.

Começaram a se aproximar mais delas, e até um deles chegou mesmo a abrir uma navalha de ponta e mola.

De imediato Kami desejou intensamente que eles fossem empurrados para trás. E repentinamente os sete começaram a sentir uma potente força invisível a empurrá-los todos no sentido contrário. Era tão grande essa força que um até caiu de costas no chão. Eles não percebiam bem o que se estava a passar, e embora recuando, não fugiram.

Então Yania desejou que uma outra força invisível desse uma robusta bofetada em cada um deles. E de súbito cada um experimentou uma forte estalada na face. Entraram em pânico e fugiram pelo parque fora a gritarem o mais que podiam!

- Afinal quem são os mariquinhas? – gritou para eles Yania, que começou a rir-se juntamente com Kami.

Voltaram as duas a se deitarem abraçadas, mas desta vez, não fosse o diabo preparar mais alguma, desejaram que um grupo de esquilos, que tinham visto antes, sinalizasse com sons altos a aproximação de qualquer pessoa.

O dia nasceu. As duas amigas não perderam tempo e informaram-se onde ficava o hospital psiquiátrico da capital para tentarem falar com o director pessoalmente. Queriam provar que Yania não fora raptada, e que como tal Margarida estava inocente.

Ao chegarem, Yania foi logo reconhecida por um guarda do hospital, que as acompanhou de imediato até ao gabinete do director.

- Bom dia – cumprimentou Yania com apreensão. – Estou aqui para provar que não fui raptada por ninguém, e que é mentira que Margarida tivesse qualquer envolvimento. Eu fugi de casa, só isso.

O director olhou para Yania com um ar de muita calma, como se tivesse tudo sob controlo.

- Sabes miúda, vejo que estás mentalmente muito perturbada. Sou médico psiquiatra há já trinta e três anos, e consigo distinguir uma pessoa sã duma pessoa doente apenas olhando.

- Perturbada? Nunca tive tão bem na minha vida! – exclamou revoltada.

Kami meteu-se na conversa.

- Vejo que o senhor não percebe nada de sentimentos, de emoções, do que vai dentro da alma de alguém.

- Vocês as duas estão muito mal. Essa tua amiguinha – apontou para Kami – tem te lavado o cérebro com ideias loucas, não é assim?

Yania insurgiu-se.

- Estou a ver que é inútil falar consigo.

- Inútil? Pois, talvez. Muita gente doente precisa de mais... de comprimidos, de choques eléctricos e lobotomias... Tu abandonaste os teus pais, a escola, tudo! Deixaste de cumprir o teu objectivo principal que era estudar...

- Objectivo principal? Desde quando é que o objectivo principal da vida de um Ser Humano é estudar nas vossas escolas? O objectivo principal de um Ser Humano é ser feliz e fazer os outros felizes! – deu a mão a Kami. – Vejo que você é que é um doente mental.

O director permanecia calmo.

- Muito bem... talvez até o seja. Mas afinal, o que é a doença mental? Não somos nós, consagrados médicos psiquiatras, que a definimos? Sim, talvez até possas ter razão... sermos todos loucos... interessante... – de repente dá um soco na mesa – Mas são os governantes e as suas leis que nos dizem aquilo que devemos escrever nos livros de psiquiatria! Eles é que mandam! Nós obedecemos!

Yania e Kami recuaram uns passos.

- Onde está Margarida? – perguntou Kami.

- Onde vocês as duas estarão dentro de poucos segundos! – e levanta o telefone para chamar os guardas.

- És um monstro. – disse Yania fazendo uma cara de nojo.

Quatro guardas entram e agarram nas amigas.

- Estão muito doentes. Levem-nas para a ala E, onde deverão permanecer fechadas e vigiadas até ordem em contrário. – e, enquanto são levadas do gabinete, telefona para o senhor João Nóbrega para avisá-lo do sucedido.

Durante o percurso forçado pelos corredores, Kami tem uma ideia.

- Senhor guarda – disse para um dos guardas que a segurava pelo braço – preciso de ir ao quarto de banho. Estou muito aflita.

- Não temos permissão. Tem que esperar até chegar à ala de internamento.  
- respondeu como uma máquina.

- Mas senhor guarda – continuou fazendo que já nem podia andar – Eu não vou aguentar. Se eu não for já ao quarto de banho terei que fazer chichi mesmo aqui, e o senhor guarda ficará com esse lindo uniforme todo molhado e manchado. O que dirão os seus superiores?

O guarda olhou para o colega do lado. Não podiam deixar que isso acontecesse. As normas internas eram também muito rigorosas em relação às fardas.

Comunicaram aos colegas que os seguiam atrás com Yania que teriam que parar rapidamente no quarto de banho mais próximo.

Kami entrou no quarto de banho, ficando os quatro guardas com Yania mesmo à porta.

Abriu a torneira ao máximo, e desejou que a abundante corrente de água se transformasse numa grossa corrente de ferro que voaria até aos guardas acorrentando-os imediatamente. Abriu a porta, e pum!

A água já transformada em corrente de ferro joga-se para cima dos guardas, deitando-os ao chão e amarrando-os rapidamente uns contra os outros dos pés à cabeça, de tal forma que nem podiam gritar.

- Depressa Yania vamos!

- Mas onde estará Margarida? – perguntou Yania enquanto corriam.

- Já tratamos disso! – respondeu enquanto procurava um esconderijo.

Reparam então num quarto vazio. Entram e fecham a porta. Encostaram-se à parede recuperando o fôlego.

- Dá-me as tuas mãos – pediu Kami enquanto agarrava ambas as mãos de Yania.

- Quero agora que te concentres e visualizes Margarida, e que penses no quanto gostas dela e no quanto ela gosta de ti.

- Mas tenho que te transmitir por telepatia?

- Não é preciso. Pensa apenas!

Yania fechou os olhos, e fez o que Kami lhe pediu.

Ela também fecha os olhos e concentra-se. Passam-se alguns segundos. Kami sentiu toda a beleza da relação entre as duas, os maravilhosos sentimentos de Amor que brotavam de ambas. Então pressentiu de imediato onde estava Margarida.

- Pronto já está! Já sei o lugar onde a puseram! Anda! – abrindo a porta com cuidado.

- Como é que fizeste isso? – perguntou Yania admirada.



- Não foi eu, foste tu! Anda, não há tempo a perder!

Correram as duas, Kami à frente indicando o caminho.

Chegaram então a um quarto que tinha a porta trancada.

- A Margarida está aqui. – disse Kami.

- Deixa que eu abro a porta – e desejou muito que a porta se destrancasse.

Entraram as duas, e viram uma mulher no fundo, amarrada à cama, e com uma garrafa de soro ligada ao braço.

- Margarida! – correu Yania aflita em direcção a ela. – Margarida, sou eu! – abanava-a pois parecia inconsciente. Logo reparou que tinha muitos hematomas e feridas que ainda sangravam na cabeça e nos braços. Ficou muito ansiosa. – Margarida! Margarida! O que é que tu tens? Acorda! – gritava.

Então Margarida abre vagarosamente os olhos fixando Yania.

- Margarida! Sou eu! – apertando-lhe a mão.

- Sarinha... – respondeu com muita dificuldade – É tão bom te ver...

- O que é que te fizeram aqueles monstros? – perguntava agitada.

- Querida... não importa o que me fizeram... – continuou com imenso custo – Importa que tu estás bem, e que te amo muito...

- Eu também te amo muito!

- Eu sei... por isso um dia, mais tarde... nos voltaremos a encontrar – e suspirou fechando os olhos e a cabeça virando-se.

- Margarida... não! Margarida! – gritou Yania ainda mais aflita enquanto a abanava com força.

Kami, que se encontrava ao lado de Yania, encostou-se a ela confortando-a e mostrando que era inútil.

- Ela já não está aqui Yania.

- Não! Margarida!

- Yania, ela vive agora num lugar melhor...

- Margarida! – e começou a chorar imenso, abraçando o corpo já sem vida.

Kami sabia que Margarida já estava na galáxia do Paraíso, mas compreendia a dor imensa de Yania. Afinal, mesmo tendo partido para um lugar melhor, o modo horrível como essa partida se dera, cheia de sofrimento e antes da hora, também a revoltava enormemente.

- Monstros! Monstros! São mesmo monstros! – gritava Yania chorando.

## Capítulo 7

O Ministro do Estado, pai terrestre de Yania, acabara de receber um segundo telefonema do director do hospital psiquiátrico avisando que a sua filha e a amiga eram comprovadamente Espíritos do Amor, pois haviam demonstrado poderes excepcionais que confirmavam as ideias que lhe tinham transmitido antes.

João Nóbrega ficou bastante preocupado. Já tinha ordenado um cerco policial ao hospital, mas sendo uma situação de grande gravidade para a ordem pública e para a segurança dos monstros, decidiu telefonar ao seu superior hierárquico, o Presidente do país mais poderoso do planeta, para avisá-lo do que se passava.

- Senhor Presidente, desculpe incomodá-lo, mas existe uma situação de emergência no nosso país. – informava inquieto ao telefone.

- Ó senhor Ministro! É sempre um prazer ouvir um dos meus mais fiéis servidores. Então o que é que se passa?

- Obrigado senhor Presidente. Acontece que descobri que a minha filha é um Espírito do Amor. Fugiu de casa há uma semana, e agora regressou para salvar uma amiga dela que tínhamos mandado o tribunal condenar e internar num manicómio. Está acompanhada por outra miúda, e fizeram uso de poderes paranormais bastante desenvolvidos.

- Isso é realmente grave... – fez um silêncio de alguns segundos enquanto pensava. – Não podemos arriscar. Envie os comandos militares para aprisioná-las, enquanto eu vou avisar a Igreja de Satanás.

O Ministro do Estado, que no seu país era o chefe do governo, cumpriu imediatamente as ordens do Presidente do país militarmente mais poderoso e financeiramente mais rico da Terra, tendo mandado avançar para o local os comandos do exército. Redigiu também um comunicado oficial à imprensa, divulgado pelo seu gabinete de assessoria, informando falsamente o povo de que um grupo de loucos extremamente violentos havia se amotinado e tomado conta do hospital psiquiátrico da capital, mas que a situação estava sob controlo e em vias de ser regularizada.

Entretanto, a sede da Igreja de Satanás acabara de receber o telefonema do Presidente pedindo a intervenção desta. O Altíssimo Sacerdote, líder da Igreja de Satanás, Embaixador do Inferno e intermediário entre os governantes corruptos da Terra e a Grande Besta, mandou reunir de emergência o Conselho do Sacerdócio Infernal.

- Altos Sacerdotes Satânicos, Bispos do Supremo Bode Bestial, Monstros Abomináveis do Inferno, estamos aqui reunidos porque Espíritos desse nome que não ousamos pronunciar, tiveram o atrevimento de desencadear uma acção de ataque mesmo debaixo das nossas barbas. – e explicou com uma voz estúpida e rouca a situação aos seus subordinados.

O conselho era composto por dezoito monstros, todos com forma humana, mas que usavam barbichas penduradas no queixo como bodes, pequenos chapéus com longos cornos, longas vestimentas que combinavam as cores vermelha e negra, e aos seus pescoços, grandes pentagramas invertidos. A hierarquia dos monstros era indicada pelo tamanho dos cornos do chapéu. Assim, o Altíssimo Sacerdote vangloriava-se de ter os cornos maiores e mais pontiagudos (com cerca de três metros cada – sim, a sala era muito alta).

Ouviu-se um burburinho frenético.

- Excelência, essas criaturas repugnantes devem ser mortas sem piedade. – propôs com voz de víbora o Bispo Infernal de Mendes.

- De acordo! – gritou o Alto Sacerdote do Trapézio Maldito, dando um soco estrondoso na mesa. Ouviram-se berros de apoio.

No entanto, o Bispo de Belial, número dois na hierarquia do conselho, deitando a língua de fora como uma serpente, levantou-se e disse:

- Excelência – dirigindo-se ao Altíssimo Sacerdote – Há que ter cautela. Matá-las sem mais iria causar um contra-ataque maciço e imediato dos Espíritos do nome que não ousamos pronunciar. Proponho que as matem sim, mas que ao mesmo tempo ataquemos com numerosos esquadrões de

monstros da morte a aldeia deles. Assim ficarão enfraquecidos, e incapazes de reagir à morte dessas duas criaturinhas nojentas.

Fez-se um silêncio na sala. Um ataque dessa envergadura à aldeia era coisa desejada por todos há muito, mas que também todos temiam.

O Altíssimo Sacerdote da Igreja de Satanás levantou-se.

- Está decidido. Ordeno, pelo poder que me foi conferido pela Força das Trevas, que sejam já mortas essas miúdas asquerosas, ao mesmo tempo que atacamos com mil esquadrões da morte, dez mil batalhões de infantaria monstruosa e oitocentas naves a aldeia deles na Terra.

O monstro escrivão redigiu a acta da reunião e deu ao Altíssimo Sacerdote para este assinar, pois era necessária a sua autorização por escrito para que o Exército dos Monstros mobilizasse tamanho número de forças. Enquanto, trinta e seis lacaios com caras e asas de morcego entraram para segurarem nas longas capas de cada um dos sacerdotes, enquanto estes se dirigiam para o Templo Maldito, anexo da sede da Igreja, para preparem um ritual contra as meninas.

No templo, colocaram máscaras de animais (lobos, morcegos, felinos e víboras) e o Altíssimo Sacerdote, pegando numa enorme e afiada espada, iniciou um ritual de destruição com o propósito de provocarem a morte de Yania e Kami, através da emanção psíquica de ondas destrutivas de ódio. Concentraram-se, e invocando Satanás (um dos nomes da Grande Besta), começaram a desejar com grande força que as meninas morressem imediatamente.

Entretanto, no hospital psiquiátrico, Yania e Kami percorriam apressadamente os corredores do oitavo andar procurando uma maneira de saírem dali sem serem vistas, pois já sabiam que lá fora polícias e militares cercavam por completo o edifício.

- Temos que encontrar uma saída para o telhado, e depois de lá vamos voar até longe daqui. – afirmou Kami enquanto tentava encontrar uma porta até ao terraço.

- Voar? Eu só flutuei e mesmo assim já achei difícil! – respondeu preocupada.

- É o mesmo poder. Flutuar é voar em distâncias curtas, portanto quem sabe flutuar sabe voar.

Yania não estava muito convencida da facilidade de flutuar em distâncias muito maiores, e por isso suspirou de angústia com todo o problema em que se tinham metido. No entanto, nem ela nem Kami se arrependiam minimamente de terem tentado salvar Margarida. Pelo contrário, ambas

estavam mas era desgostosas por não terem descoberto mais cedo o que se passava com ela, e assim poderem ter chegado a tempo de a ajudar.

- É por aqui! – exclamou Kami – Esta é a porta que vai até ao terraço!

Subitamente Yania começa a sentir uma sensação de sufocamento, como se alguém lhe estivesse a apertar o pescoço tentando matá-la.

- Kami! Espera! – gritou levando as mãos ao pescoço. – Não me estou a sentir bem...

Nisto Kami começa a sentir exactamente o mesmo.

- Yania, estão a tentar matar-nos com energia psíquica negativa... – disse com dificuldade. – Invoca o Amor, pensa no Amor e pede-Lhe ajuda contra o Mal.

As duas estavam bastante aflitas, e pararam por momentos para reagir ao que lhes estavam a fazer à distância. Concentraram-se em pensamento na beleza do Amor e invocaram a sua ajuda. Um grupo numeroso de soldados entra no corredor onde estão as duas ainda debatendo-se contra o ataque psíquico.

- *Amor, eu e a Kami amamos-Te muito, por favor não nos deixe morrer sem que pelo menos a nossa missão na Terra esteja cumprida. Por favor...* – pensou Yania com um intenso sentimento de Amor.

Kami invocava também a ajuda do Amor. Mas os soldados de elite já as haviam visto e aproximavam-se correndo, agora acompanhados por um feiticeiro das trevas.

A necessidade aumentou o desejo das amigas se verem livres do ataque mental, e... pronto! Ficaram as duas imediatamente libertas das energias destrutivas que lhes estavam enviando a partir da Igreja de Satanás.

Apenas têm tempo de entrar rapidamente no vão de escadas que leva ao terraço do prédio, e Kami desejando muito transforma a porta que acabaram de passar num bloco imenso de pedra. O feiticeiro das trevas tenta desfazer o bloco, mas não o consegue logo.

Já no terraço Yania e Kami concentram-se para voar.

- É como todos os outros poderes! – deu a mão a Yania – Só tens que te concentrar e desejar muito intensamente, com Amor e fé. Deseja que te elevares, como quando flutuaste, só que agora deseja também tomar determinada direcção, a uma determinada velocidade.

- OK!

- Segue-me! – e Kami elevou-se do chão lentamente.

Yania concentrava-se enquanto Kami esperava já a cerca de meio metro do solo, sempre de mão dada com a amiga.

Pronto. Estavam as duas no ar.

- Mais para cima, e agora em frente a grande velocidade! – gritou para Yania, que a acompanhava bem de perto.

Começaram a voar velozmente de cabeça, com os braços agora estendidos para a frente. Ouvem então o ruído de helicópteros aproximando-se.

Um deles consegue ficar a poucos metros delas, atingindo uma velocidade anormalmente alta para um helicóptero. O vento que provocava o movimento da hélice começou a perturbar o voo de Yania e Kami, tendo ambas que realizar uma manobra de fuga voando para baixo.

Contudo o helicóptero seguiu-as rapidamente, e abrindo-se uma porta lateral do aparelho, vêem que o feiticeiro das trevas que as perseguiu no hospital psiquiátrico estava agora ali tentando atingi-las com raios de fogo que saíam da sua varinha de magia satânica.

- Deixa comigo! – exclamou Yania enquanto voavam desviando-se dos raios.

Concentrou-se, estendeu uma mão em direcção ao feiticeiro e desejou muito que uma bola de luz se formasse. Atirou-a então com muita força contra ele, desejando que durante o percurso ela se transformasse numa enorme bola de fogo.

O feiticeiro ficou arregalado quando viu aquela gigantesca bola de fogo em direcção a ele. Tentou reagir com a sua varinha, mas não teve tempo. Foi atingido em cheio, mesmo a meio dos dentes, e o helicóptero explodiu no ar imediatamente.

- Tens mesmo jeito para isso! – riu Kami, tentando descontrair da tensão que experimentavam.

- Carbonizar monstros!!! – respondeu Yania também rindo para relaxar.

Desceram mais à frente fora da cidade, numa pequena montanha, para descansarem.

Entretanto, na aldeia, os pássaros de vigia começaram a assinalar ruidosamente a aproximação de monstros, enquanto iniciavam também voos circulares em volta de todo o perímetro da aldeia.

Os habitantes reuniram-se de imediato para organizarem a sua defesa. Pouco depois os seus colares deixavam de brilhar. Os monstros estavam muito perto. Começaram então a ouvir ruídos terríveis vindos de entre as árvores, embora ainda não vissem nada.

Decidiram prontamente formar um grande círculo, todos de mãos dadas virados para fora. Apenas as crianças que ainda não dominavam bem os seus poderes ficaram sentadas no interior do círculo, beneficiando da protecção dos restantes.

No ar notaram também que se aproximavam naves malévolas, pois as suas formas eram bastante diferentes das naves dos Espíritos do Amor. Os monstros que estavam dentro da floresta começaram a aparecer, imensos, a maior parte tinha aspecto humano e usavam fardas militares comuns, bem como armas convencionais, como metralhadoras e granadas. A outra parte tinha a sua forma original de monstros, dos mais variados aspectos, geralmente mistura de diversos animais, com patas em fenda, pele de réptil, olhos de felino e vários cornos. Neste grupo destacavam-se alguns líderes, pois ostentavam ar de grande importância, enquanto davam agressivos gritos de ordens, deixando entrever descomunais dentes pontiagudos. Estes teriam também habilidades mágicas, pois traziam enormes varinhas em forma de serpente, as quais estavam permanentemente a faiscar.

Era um ataque enorme. Os Espíritos do Amor da aldeia tiveram a noção que corriam perigo de vida, e então chamaram telepaticamente os seus irmãos que tripulam as naves do Amor.

Ao som estridente de um rugido, um monstro líder ordenou a ofensiva. A batalha principiava.

Soldados começaram a disparar continuamente e a lançarem granadas, mas os Espíritos do Amor já haviam criado um escudo à sua volta, o qual rechaçava todas as munições.

Os monstros feiticeiros constatando a ineficácia das armas convencionais, rugiram e lançaram com as suas varinhas satânicas uma chuva de raios de fogo sobre o escudo, que o consumiu em pouco tempo.

Imediatamente, os habitantes da aldeia, que até então estavam evitando matar os monstros, não tiveram outra escolha senão começar a atirar sobre eles enormes bolas de fogo, o que levou a que os feiticeiros malévolos, com receio, saltassem rapidamente pelo ar para a linha de trás, deixando a infantaria ser o alvo.

Nisto inicia-se o ataque aéreo das naves nefastas, e as naves do Amor não tinham ainda chegado. Aí sim, foi terrível. Espessos e contínuos raios de laser ardiavam as casas da aldeia, mas os habitantes não moveram pé do círculo que formavam. Desejaram que uma colossal e impenetrável placa reflectora se formasse sobre eles. Conseguiram que vários raios laser que

atingiam a placa fossem instantaneamente reflectidos de volta, o que levou a que muitas naves inimigas fossem destruídas.

Contudo, a frota hostil era numerosa e prosseguia o ataque, tendo já queimado todas as casas da aldeia. Os monstros em terra também continuavam a atacar, mas muito felizmente nem as suas armas nem os seus feitiços conseguiram atingir os habitantes da aldeia, pois estes desejavam que aqueles explodissem no ar antes que os pudessem acertar. Parecia um gigantesco espectáculo de fogo de artifício. Balas, granadas e mesmo feitiços lançados explodiam todos no ar. Em virtude, muitos dos monstros ficaram doidos ao verem a sua impotência de não conseguirem matar nenhum habitante, e começaram a extravasar a sua sede de violência disparando indistintamente uns contra os outros. Foi uma razia.

Eis que nos céus chega uma frota de trinta naves do Amor, que mesmo antes de se posicionar sobre a aldeia, já os Espíritos do Amor que as tripulavam tinham desejado que todos os sistemas bélicos das naves maléficas se avariassem de imediato, o que veio efectivamente a acontecer.

Impedidos de dispararem mais sobre o Amor, os monstros que as tripulavam tiveram que recuar. A derrota dos demónios era geral, e finalmente um general monstruoso, comandante do ataque, não teve outro remédio senão dar ordem de retirada, mandando contudo incendiar a floresta pelo caminho.

Os habitantes da aldeia e os tripulantes das naves do Amor rejubilaram de alegria, e tendo estes descido das suas máquinas voadoras, juntaram-se todos para comemorarem a vitória. Beijaram-se e abraçaram-se de contentamento por todos estarem vivos. Todavia, embora fosse a vida de cada um o mais importante, e daí a sua alegria, existia algo a lamentar: a aldeia estava destruída, todas as casas queimadas, todos os cavalos mortos, e quase toda a floresta ardia.

Uma enorme chuva começou a cair sobre a floresta, desejada pelos Espíritos do Amor, mas o fogo era tão extenso, e as labaredas tão grandes, que só bastante tempo depois é que conseguiram extinguir o respectivo fogo. Desafortunadamente, toda a área florestal próxima estava queimada. O fumo que ainda se levantava, as árvores que estalavam do excesso de calor, o verde que já não existia, deixou todos os habitantes muito amargurados. Havião perdido um dos últimos paraísos na Terra.

Entretanto, Kami e Yania tiveram que regressar voando até ao bosque da aldeia, pois não tinham mais dinheiro. Tinham sido aconselhadas a evitar



fazê-lo dentro da sociedade, para não chamarem a atenção dos monstros, mas não tinham outra hipótese.

Enquanto o faziam, um grande abutre aproximou-se delas.

- Cuidado Kami! – gritou Yania alarmada – Tens um abutre atrás de ti!

Kami deu depressa uma cambalhota no ar, ficando agora ela atrás do abutre. Este começa a guinchar, e rapidamente centenas de abutres aparecem no céu, voando mesmo por cima de Kami.

- O que é que eles querem? – perguntou sobressaltada Yania.

- Querem que morramos para nos comerem! – gritou Kami, ao mesmo tempo que vários abutres conseguiram agarrar com as patas a sua camisa tentando agora lhe dar bicadas.

Yania olhou para trás e viu a amiga em sérios problemas. Concentrou-se então nela para lhe enviar uma mensagem por telepatia.

- *Kami, mergulha a pique já!* – a amiga pareceu hesitar enquanto olhava de volta para ela. Teria recebido bem a mensagem? – *Mergulha já! Confia em mim!*

Kami jogou a cabeça para baixo e acelerou o máximo até ao chão. Com a velocidade a sua camisa rasgou-se e os abutres ficaram apenas com tecido nas garras. Embora eles também descessem de imediato tentando voltar a agarrá-la, Yania já tinha conseguido o tempo suficiente de separação para materializar, desejando, uma enorme rede à volta dos abutres, que os prendeu e fê-los cair por não conseguirem mais bater as asas.

Mesmo na hora, dado que Kami foi logo obrigada a subir de volta, pois já quase atingia o chão. Restava um abutre no céu. Yania começou a criar uma bola de luz, mas antes de atirá-la, encarou o abutre de frente.

- Então seu mauzão? Queres ir parar ao churrasco agora? – perguntou.

Parece que o abutre percebera, e dando bruscamente meia volta, desapareceu nos céus.

Kami voou em direcção a Yania, abraçando-a.

- Obrigada, amiguinha querida! Muito obrigada!

Tinha-lhe salvo a vida.

## Capítulo 8

O Presidente do país dirigente dos outros países acabara de receber as notícias da derrota. Não conseguiram matar nenhum Espírito do Amor, e as meninas haviam escapado. Consolava-se apenas com a destruição material que tinham causado, mas não era suficiente. Telefonou novamente para a Igreja de Satanás, pedindo aconselhamento. O Altíssimo Sacerdote mandou transmitir, via satélite, uma comunicação para o Inferno, informando do sucedido, e solicitando ordens. Eram satélites ultra-secretos, que conseguiam transmitir dados a uma velocidade muito superior às ondas de rádio, utilizando impulsos electromagnéticos que chegavam à galáxia do Inferno em poucos minutos.

Um laçao monstruoso informou então o chefe da Igreja de Satanás que a Grande Besta iria se deslocar pessoalmente à Terra, e que deviam preparar tudo e formar uma comitiva de recepção para o seu palácio voador.

E assim foi. Todos os mais importantes sacerdotes e bispos da Igreja de Satanás, sacerdotes com cargos de direcção nas igrejas satânicas protestantes, demónios de reputação, diabos comandantes de legiões infernais na Terra, bruxas e feiticeiros maléficos da primeira ordem, vampiros chefes, lobisomens líderes das mais importantes matilhas, governantes imorais de todos os países da Terra, empresários corruptos com as maiores fortunas, cabecilhas das maiores redes de tráfico de crianças, mulheres e drogas, generais dos grandes exércitos, mafiosos de renome, cientistas peritos na deturpação da verdade, psicopatas e

assassinos famosos, manipuladores da opinião pública, e muitos outros monstros de crédito, embarcaram numa grande nave que, acompanhada dum numerosa escolta, aguardava no espaço aéreo dum zona militar secreta a chegada do palácio voador da Grande Besta.

Dezanove horas depois da hora marcada, desce na atmosfera da Terra a nave-palácio da mais pérfida de todas as bestas. O atraso é propositado como de costume, e é, nas reuniões agendadas, o primeiro símbolo da supremacia dum besta sobre as outras. As avassaladoras dimensões desproporcionais da nave-palácio da Grande Besta só ficavam em segundo plano face ao desenho das suas formas. Existiam milhares de enormes cornos metálicos por cima de toda a nave cilíndrica, que também serviam de antenas de comunicação e de controlo remoto. Em volta de todo o aparelho, canhões laser decorados em forma de duendes góticos, desenhos de répteis, lobisomens e vampiros, e cada uma das janelas tinha o feitio de um enorme e terrível olho de tigre. Mais de um milhar de pequenas naves bélicas escoltavam a nave-mãe, garantindo a sua segurança.

Uma vez dentro do palácio voador, os monstros principais da Terra foram conduzidos por demónios-guardas até à enorme sala de recepção, na qual, à frente e num gigantesco púlpito, se ostentava um colossal trono de ouro com forma de víbora.

Estavam todos conversando (grunhindo), quando aparece um horrendo lacaio com cara e asas de morcego, anunciando a entrada da Grande Besta.

- Súbditos monstruosos da Terra, de joelhos e com a saudação dos cornos! – ordenou à multidão. – Vai entrar o maior de todos os monstros, deus do Mal e de todas as Bestas, Chefe Supremo do Inferno, General-Maior Comandante de todas as legiões de demónios, Imperador de todos os imperadores, reis e presidentes, Venerável e Meritíssimo Juiz de todos os juizes, Professor Doutor Catedrático Reitor de Ciências Satânicas, Maior Diabo do Universo, senhores e senhoras, abram alas para Sua Excelência a Grande Besta!

Todos se puseram de joelhos e curvados, levantando a mão esquerda enquanto faziam o sinal dos cornos, e dizendo em uníssono “Hail Satanás”. Nisto, ouvem-se estrondosos passos de casco. Sai de trás dum cortina vermelha perto do trono um monstro horrendo. Tinha cerca de oito metros de altura, um corpo cinzento com enormes músculos salientes de leão, patas e pernas de bode, tronco e braços de lagarto com escamas, mãos com garras de águia, e da cabeça, também de bode, uma enorme

barbicha de cinco metros destacava-se, além é claro, de um grosso par de cornos revirados para trás, cada um com mais de trinta metros de comprimento.

A sua expressão era sisuda, e com uma horripilante voz rouca e cavernosa, chamou à sua presença o seu Embaixador na Terra, o Altíssimo Sacerdote da Igreja de Satanás.

- Não me agradam as tuas derrotas. – rugiu para o vassalo.

- Excelência, foi uma derrota temporária. Estamos neste momento a treinar milhões de psicopatas dos nossos exércitos no uso da magia satânica. – respondeu com voz de lacaio fervoroso.

- Esses imbecis só sabem matar com facas e espingardas.

Nisto aproxima-se um assassino célebre, que havia morto mais de trezentas pessoas na sua vida actual, e dezenas de milhões em vidas passadas. Havia sido, há pouco tempo, condenado a prisão perpétua num julgamento fante, mas logo a seguir as autoridades fizeram-lhe uma operação plástica mudando-lhe o rosto, e colocaram na prisão, em vez dele, um vagabundo que enlouqueceram previamente e ao qual transformaram a cara através de um feitiço, de forma que ficasse igual ao do homicida.

- Maior de todas as Majestades, as minhas licenças – e beijou as patas da Grande Besta. – Sou a reencarnação de Adolf Hitler, e ostento um enorme currículo na arte de matar. Já fui chefe de governo, e agora sou chefe da maior rede de máfia ilegal da Terra. Fui encarregue de fornecer para as fileiras dos exércitos deste planeta os melhores bandidos da actualidade. Posso vos garantir que estes estão a aprender bem e rapidamente os poderes ocultos das Trevas. Como garantia, se Vossa Majestade não ficar satisfeita, mande-me pessoalmente para uma câmara de gás.

- Assim será. – roncou. – Embaixador Maldito, como estão as mentiras e as hipocrisias na Terra?

- Excelência, são ainda as nossas melhores armas. Controlamos quase toda a população deste miserável planeta. Eles não mais acreditam na verdade, por isso nos obedecem tão cegamente.

- Muito bem. Mas acabem com esses repugnantes Espíritos do nome que não ousamos pronunciar que ainda vivem na Terra. Não haverá desculpas. – e retirou-se novamente com grandes estrondos, enquanto todos se curvavam e começaram a entoar um tétrica canção bélica intitulada “O Senhor Satanás é o nosso deus”.

Entretanto na aldeia, ou no que restava dela, os Espíritos do Amor estavam já preocupados por Kami e Yania ainda não terem regressado,

quando as vêem a voar e a descer no meio deles. Todos se dirigiram para elas, tentando abraçá-las.

- Mas o que é que aconteceu? – perguntou Kami espantada ao ver tamanha devastação.

Yania levou a mão à boca.

- Está tudo destruído...

Então Dyma e Noiu contaram-lhes tudo o que se havia passado.

Kami e Yania perceberam que, tão vingativos que são os monstros, deveria ter existido uma relação entre a tentativa de resgate de Margarida e aquele terrível ataque, e contaram também tudo o que sucedeu com elas fora da aldeia.

Ninguém da aldeia as censurou, muito pelo contrário, todos as consolaram pois sabiam que elas agiram sempre segundo o Amor.

O facto de a maior parte da floresta estar ardida levou os habitantes a decidirem procurar outro lugar na Terra para construírem uma nova aldeia. Tinha que ser um local no meio dum grande bosque longe da sociedade, e que tivesse um rio para poderem utilizar a sua água. Contudo, sabiam que esses lugares eram cada vez mais raros, pois os monstros detestam a natureza, e ao longo de séculos empenharam-se em arder as florestas, abater árvores sem necessidade, poluir as águas, o solo e o ar, rebentar montanhas, cavar imensos buracos, e mais recentemente contaminar com material radioactivo extensas áreas tanto da terra como do mar.

Esperaram que viessem ainda mais naves do Amor, de forma a que houvesse lugar para todos, e então partiram, tendo sobrevoado a Terra durante vários dias, procurando escolher o melhor lugar para uma nova aldeia. Foi durante estes dias que houve a maior vaga de avistamentos sucessivos de OVNIIs da sociedade moderna.

Eis então que finalmente encontraram um lugar muito bom. Estava preservado, bem isolado, e um grande rio de águas cristalinas banhava-o. Saíram todos, e em conjunto, servindo-se da preciosa ajuda do poder da mente, construíram novas casas para todas as famílias. Eram todas de madeira, mas por cada árvore que tinham de cortar para a construção, plantavam outras duas pequenas árvores na mesma zona.

Nove dias depois estava tudo pronto. Era uma nova aldeia tão linda quanto a anterior, com imensas flores, árvores de fruto e novos cavalos que foram trazidos da densa floresta e ensinados. Os colares de todos brilhavam intensamente.

Yania, Kami, Ilky, Kimi, Dyma e Noiu foram então dar um passeio a pé, todos juntos, pelas imediações do bosque.

- Ainda penso muito na Margarida. – afirmou Yania olhando para o céu.

- Filha, não te preocupes, pois ela vive agora num lugar muito melhor que a Terra, vive na nossa galáxia do Paraíso. Será em breve uma criança saudável e linda, por isso não te preocupes, pois está tudo bem com ela. – respondeu Dyma muito serenamente.

- Mas não é justo que não tenha sido ela a escolher quando queria partir! – exclamou revoltada.

Kami chamou um pequeno pássaro às suas mãos e fez-lhe festas.

- A Yania tem razão. O que fizeram com ela foi horrivelmente injusto. Porquê esses monstros odeiam todas as coisas maravilhosas da vida? Porquê? – atirou suavemente a ave de volta para o céu.

- Exactamente porque são monstros!!! – exclamou Ilky.

- Sim, se amassem não seriam monstros! – acrescentou Kimi.

Noiu parou e abraçou as quatro crianças.

- Há uma coisa que eu e a Dyma queremos vos dizer... – olhou cabisbaixo por alguns segundos. – Receamos que possa haver um novo ataque contra nós. Algumas das nossas naves detectaram naves inimigas sobrevoando próximo, pareciam que estavam sondando o nosso novo paradeiro.

- Não podemos deixar que nos destruam tudo outra vez! – reagiu Yania, apoiada pelas outras crianças.

- Nós só vos queremos dizer o mesmo que todas as outras famílias da aldeia têm dito aos seus filhos e filhas. Sigam-nos! – e, com Dyma, mostrou um atalho para uma imensa área de relvado, escondida mais à frente entre as árvores.

- São naves nossas! – exclamou Kami.

- Sim – continuou Noiu – Em caso de um novo ataque nós queremos que todas as crianças da aldeia fujam para estas naves, e levantem imediatamente voo em direcção à nossa base na face oculta da Lua. Não queremos colocar novamente em risco as vossas vidas.

- As crianças com os poderes mentais mais desenvolvidos devem assumir o controlo das naves e levá-las rapidamente para a Lua. – acrescentou Dyma também com um ar algo inquieto.

- O quê??? Vocês estão a dizer que vos devemos deixar para trás numa situação dessas??? – questionou Yania com uma voz de indignação.

As quatro crianças opuseram-se veementemente à ideia e abraçaram de imediato Noiu e Dyma.

- Não, vocês têm que compreender... – explicou Noiu – Da última vez, muitos meninos e meninas ficaram assustados porque eram muito pequeninos e nunca tinham visto tanta violência. E o pior é que tinham razão para isso, pois por pouco um raio laser não atingiu o grupo de crianças que estava dentro do nosso círculo. Vocês são um pouco maiores, e por isso podem cuidar e proteger os mais vulneráveis.

- Vejam isto como uma missão... – comparou Dyma – Vejam como se tivessem que sair da aldeia para ajudar pequeninos que estariam em perigo de vida devido às agressões dos monstros. A única diferença é que esses pequeninos estão aqui, são meninos e meninas da nossa própria aldeia.

As crianças ficaram então muito sensibilizadas, e compreendiam agora que não era apenas a sua própria vida que estariam salvaguardando, mas também a vida das suas irmãs e irmãos mais pequenos da aldeia. Então, novamente abraçaram Dyma e Noiu, e os quatro, inclusivamente Yania, começaram a chorar enquanto diziam:

- Mamã! Papá! Amamo-vos muito!

Noiu e Dyma também manifestaram o seu Amor pelas quatro crianças, e choraram de igual forma com a ideia de poderem um dia ter que se separar deles. Entretanto repararam que outras famílias ali perto estavam fazendo o mesmo com os seus filhos, e todos reagiam também chorando de modo enternecedor, pois o Amor na aldeia era muito intenso, e todos, mas mesmo todos, se amavam uns aos outros como a si próprios.

Passaram-se cinco dias. Era o fim de uma tarde muito divertida. Kami, Yania, Kimi e Ilky estiveram todos juntos a montar a cavalo, brincando e galopando por entre as árvores do bosque da aldeia. Estavam agora a tomar banho no rio, preparando-se para irem jantar. De repente, nos céus levantam-se as aves que estavam de vigia, e começam fortemente a sinalizar a presença de monstros num raio de dez mil metros.

Os quatro vestem-se rapidamente e vão para o centro da aldeia, tal como estava combinado para situações de alarme. Todos os habitantes correm também até lá, e os pais e mães traziam ao colo as crianças mais pequenas.

Juntaram-se no centro, preparados para o pior. Os seus colares agora já não brilhavam. Contudo fazia-se um silêncio perturbador. Existiam monstros por perto, mas não havia sinal deles.

Todos olhavam em redor. Os minutos pareciam horas. Nada. Nem um passo.

A noite caía rapidamente, e alguns trouxeram tochas de fogo para iluminarem bem o local onde estavam. Começaram-se a sentar nos relvados, pois a espera era já longa. Yania, Kami e Kimi foram então ajudar as crianças mais pequenas, trazendo-lhes cobertores e comida, ao mesmo tempo que inventavam jogos para as divertirem.

Ninguém queria regressar às suas casas enquanto os colares não brilhassem. Tinham que estar todos juntos para se poderem defender com mais força, fazendo com que o poder de cada um aumentasse o poder do próximo.

Alguns ofereceram-se para formar um grupo que entrasse na floresta a cavalo e averiguasse o que se passava, mas a noite já era densa, e foram convencidos a ficar pois seria demasiado perigoso para eles deixarem a protecção da aldeia.

Fazia frio. Muitas crianças adormeceram, mas nenhum adulto arredou pé da vigília. Entretanto Kimi foi ajudar Ilky a acalmar vários cavalos que começaram a ficar inquietos, e Kami e Yania que tinham acabado de auxiliar um pai a tratar dos seus cinco filhos, foram agora descansar para debaixo de uma árvore próxima, sentando-se juntas, apoiadas no seu tronco. Uma tocha que estava perto contribuía para a iluminação da zona, e a sua luz apaziguadora incentivava o relaxamento da tensão que persistia também com as duas amigas.

- Yania, caso me aconteça alguma coisa, prometes que nunca te irás esquecer de mim?

- Kami, como podes sequer perguntar uma coisa dessas? Não te vai acontecer nada! Que disparates estás para aí a dizer?!

- Mas se acontecer...

- Não! Não vai acontecer! Sabes o que eu te prometo tolinha? Isto sim, prometo-te que nunca deixarei que te aconteça nada de mal. Prometo! – e agarrou-lhe as mãos, apertando-as, tentando afastar aqueles pensamentos pouco positivos da cabeça de Kami.

- Obrigada, Yania! Também te prometo que estarei sempre ao teu lado te protegendo, aconteça o que acontecer.

- Prometido!

E abraçaram-se fortemente.

A noite avançava inquietante. As duas estavam muito cansadas, e adormeceram uma no ombro da outra.



Puuuummmmm! Um grande estrondo fez-se ouvir. Kami e Yania acordaram de imediato e correram para junto dos outros habitantes da aldeia. Uma casa ficara em pedaços, mas não ardia, parecendo que tinha sido explodida à distância. No céu continuava a ver-se diversas naves do Amor bem lá no alto, pareciam estrelas muito cintilantes deslocando-se regularmente de um lado para outro. Desde que o alarme das aves irrompeu, que as naves patrulhavam os céus da aldeia, protegendo-a de um ataque aéreo inimigo. Permaneciam iguais no seu comportamento de vigilância espacial, pelo que tudo indicava que o ataque era feito em terra.

Outro estrondo e mais uma casa explode sem causa visível. Pedacos de madeira e vidro foram impelidos a uma considerável distância, quase atingindo alguns habitantes. Outra e outra casa explodem também. Os Espíritos do Amor desejam com muita força que as casas não expludam, e conseguem evitar de facto a destruição de mais casas. No entanto começam-se a ouvir rugidos abomináveis vindos da floresta em volta, e numerosas grandes facas aguçadas saem voando velozmente atravessando de ponta a ponta a aldeia, dando apenas tempo para os seus habitantes jogarem-se para o chão. Estavam quase em pânico, mas conseguem que as facas percam força e caiam. De repente, milhões de serpentes começam a sair do bosque e a avançar sobre a aldeia. Eram tantas, que o pânico acabou por se instalar. Começam a correr dum lado para outro agarrando as crianças mais pequenas e gritando para as maiores para que as levassem imediatamente para as naves e descolassem. Chegaram reforços das naves do Amor, mas eis que, qual manobra maquiavélica, uma enorme frota de naves de monstros que estava escondida em diversos pontos da grande floresta, descola e ataca as naves do Amor. Grandes explosões no céu. As crianças correm. Yania leva consigo um menino de quatro anos e uma menina de cinco. Kami leva ao colo um menino de três anos. Todas as crianças chegam às naves com o apoio de um grupo de adultos que as acompanhou e que repelia os ataques que os monstros faziam sobre elas.

As crianças estão a embarcar em três das quatro naves reservadas para esse fim. Kami colocou dentro duma das naves, sentado no chão sobre cobertores, o menino que trazia, e volta a sair para ajudar as outras crianças a subirem. Continuam grandes clarões no céu devido a explosões. O menino que Kami trazia ao colo, ao vê-la sair da nave, segue-a. Com a confusão os outros nem se apercebem. Kami repara que enquanto ele corre em sua direcção, uma serpente que o segue abre a boca e

prepara-se para mordê-lo. Corre agora em direcção a ele para o levantar do chão mas a serpente joga-se e Kami imediatamente deita-se sobre o menino, conseguindo protegê-lo, mas levando em vez uma forte dentada na perna.

Yania estava preparando já a sua nave para levantar voo. Ia pilotá-la, mas presente algo de grave e corre para fora para ver o que se passava, dando os comandos a um menino de onze anos. A nave descola.

Vé Kami prostrada no chão com três adultos à sua volta.

Parecia que o mundo tinha terminado. Corre para ela.

- Kami! Kami! – grita aflita.

- Foi mordida por uma serpente mortal. Já não respira. – informou com tom pesaroso um dos adultos.

- Kami, não! Não! – gritava em vão enquanto a abraçava tentando curá-la com a mente.

- É inútil... este veneno mata instantaneamente qualquer pessoa – abanava a cabeça o mesmo adulto.

- Kami! Tu vais viver! – chorava e, com uma força para além das suas capacidades, consegue levar Kami para dentro da nave que estava vazia.

Rasga toda a parte das calças à volta da ferida. Concentra-se novamente e tenta curar Kami, como esta mesma a tinha ensinado.

Nada. Concentra-se de novo e deseja muito que ela fique boa, mas a amiga não reage. Tenta sentir a respiração dela... e nada. Coloca o ouvido sobre o coração de Kami. Está parado.

A sua cabeça já não se levanta. Ficou lá, mesmo por cima do coração de Kami. Agora Yania tinha uma expressão de como também ela mesma tivesse morrido. A única diferença visível era que grandes lágrimas cristalinas escorriam continuamente dos seus olhos abertos, caindo ritmicamente sobre o peito de Kami. Ao tocar no peito dela, cada lágrima parecia querer reproduzir a batida do coração sem vida. O mundo havia terminado.

Pela cabeça de Yania ecoam os sons da última conversa que tivera com Kami, quase como se ela tivesse efectivamente pressentido qualquer coisa. A promessa...

- *Yania, caso me aconteça alguma coisa, prometes que nunca te irás esquecer de mim?*

- *Kami, como podes sequer perguntar uma coisa dessas? Não te vai acontecer nada! Que disparates estás para aí a dizer?!*

- *Mas se acontecer...*

*- Não! Não vai acontecer! Sabes o que eu te prometo tolinha? Isto sim, prometo-te que nunca deixarei que te aconteça nada de mal. Prometo!*

*- Obrigada, Yania! Também te prometo que estarei sempre ao teu lado te protegendo, aconteça o que acontecer.*

*- Prometido!*

Yania levantou a cabeça. Um imenso ódio contra os monstros tomou conta dela. Ia vingar a morte de Kami, acontecesse o que acontecesse.

Colocou o corpo inanimado sobre muitas almofadas, num canto da nave. Depois tirou do compartimento de roupa um uniforme do seu tamanho, dos Espíritos do Amor que pilotam as naves. Colocou as botas. Estava toda vestida de branco com grandes riscas laterais azuis-celeste que percorriam todo o comprimento do uniforme. Simbolizavam a luz (branco) que patrulha o céu (azul). Amarrou o seu cabelo em forma de rabo-de-cavalo. Sentou-se na cadeira do meio da primeira fila. Olhou para os botões do painel. Não eram necessários.

Com uma voz determinada, comandou a nave.

- Nave, máxima velocidade, direcção Grande Besta.

Onde quer que esse monstro estivesse, iria enfrentá-lo. Afinal era ele o responsável número um pela morte de Kami.

## Capítulo 9

No palácio voador da Grande Besta, que não tinha ainda partido de volta para o Inferno, um laçao fervoroso com cara de carneiro aproxima-se do seu monstruoso chefe.

- Sua Majestade, mil perdões – curvou-se. – Uma nave inimiga acabou de entrar na nossa área de segurança e está agora parada mesmo à frente de uma das nossas principais portas.

- Enviaram alguma mensagem? – grunhiu a Grande Besta.

- Não, Majestade. Mas parece quererem entrar! Temos já vários canhões apontados para eliminar a dita nave...

O chefe de todos os monstros concentrou-se psiquicamente na nave, tentando descortinar as suas intenções.

- Sinto um grande ódio... Isso agrada-me! Abram a porta e deixem-na aterrar. Escoltem a sua tripulação até à minha presença.

- Majestade, desculpe-me a ousadia... mas devo sublinhar o perigo que isso constitui para a segurança da nossa nave.

Imediatamente com um só gesto a Grande Besta corta a cabeça do laçao com uma das suas garras.

- Não admito que questionem a minha infalibilidade. – virou-se para um monstro de guarda na sala – Vai e informa o comando das minhas ordens.

Yania viu a porta do palácio voador abrir-se, e manda a sua nave entrar lá dentro. Desce corajosamente, levando o corpo de Kami nos braços.

Utilizou, uma vez mais, os seus poderes psíquicos, para que a sua força muscular aumentasse.

Oitenta e nove guardas escoltam-na pelos longos, frios e escuros corredores do palácio voador. Yania tinha a nítida sensação de que se aproximava da mais nefasta força do Universo. Era uma impressão esmagadora, como se estivesse caindo num buraco sem fundo.

Chegam a uma descomunal porta de ferro, ricamente decorada com cobras de ouro, quase estilo barroco. Um dos guardas introduz um código num pequeno quadro lateral. A porta abre-se. Ao fundo, o imenso trono encontrava-se virado de costas. Yania conseguia apenas ver uns gigantescos cornos, as patas de bode e uns braços de lagarto apoiados no trono. Era a Grande Besta. Tinha a certeza, pois encontrava-se perante uma terrível emanação de sentimentos horrendos de malevolência como nunca antes tivera experimentado, nem mesmo quando ela e Kami foram atacadas psiquicamente.

- Deixem-nos a sós. – roncou a Grande Besta, tendo todos os guardas obedecido de imediato. O abominável chefe dos monstros sabia já quem se encontrava atrás de si.

Yania aproximou-se do trono, e muito suavemente coloca o corpo de Kami no chão, mesmo à sua frente.

- Monstro imundo! – disse-lhe Yania bem alto. – Mataste duas das minhas melhores amigas.

A Grande Besta não reagiu.

- Porquê tanta violência? Porquê? Porquê alimentas o sofrimento, a morte, a dor, o ódio, a miséria e o derramamento de sangue? – levantou ainda mais a voz – Porquê as guerras, as doenças, a velhice, a fome, o egoísmo, a perversidade, a exploração do Homem pelo homem, a podridão e os vermes que se saciam com tudo isso? Porquê tantas crianças que choram perdidamente? Porquê enquanto uns se banqueteiam, outros se consomem na fome e padecem a crueldade de mendigar, roubar, para não morrerem? Porquê os ladrões, os grandes ladrões escondidos atrás de grandes empresas e governos? Porquê os assassinos, tanto os que matam por puro prazer, como os que matam em nome de leis imorais? Porquê tantos campos de concentração, tantas cadeias, hospícios e manicómios? Porquê tantos deficientes físicos e mentais? Porquê tantos animais que se devoram cruelmente uns aos outros? Porquê tantas armas? Qual o motivo de tantas catástrofes ditas naturais que dizimam pessoas inocentes, suas casas, plantações e animais? Porquê criaste o dinheiro, o mesmo vil metal

pelo qual já tantos Seres Humanos foram vendidos e comprados? Porquê geraste e incentivaste tantas e tamanhas aberrações? Responde-me! – gritou.

Mas Satanás permanecia em silêncio.

- Responde-me Besta hedionda! Tenho o direito de saber! Porquê desejas que os Seres Humanos se arrastem como vermes? Porquê lhes cortas o entendimento? Para quê milhares de filosofias, seitas e religiões, se todas se contradizem entre si, e tantas vezes suscitam guerras devastadoras? E essa ciência oficial, moderna dona da verdade, porquê mente e engana tanto? Porquê são quase sempre os nefastos os que se sentam em tronos dourados e se reclinam em camas de cetim? Quem lhes deu o direito de possuírem mais do que os outros ou o direito de julgarem e condenarem? E porquê tantos bobos se ajoelham aos seus pés e lhes beijam as mãos? Porquê tantas mentiras, tantas falsidades, tantas maldades, tanto roubo e corrupção? O homem que tu desejas, e que dizes ser uma casual evolução do macaco, está aí para que todos o vejam! Sim, ele é a tua imagem perfeita: mau, pérfido, violento, assassino, egoísta, mesquinho, mentiroso, hipócrita, covarde, traidor, perverso, avarento, ladrão, capaz de todas e das piores maldades! Mas esse homem que existe e que devasta o Mundo, não é o verdadeiro Homem! Ele é o falso homem, o monstro que tu alimentas e que te alimenta, e do qual és o seu deus. Sim, tu és o falso deus do falso homem! Besta maldita!!! Besta horrorosa!!! – gritou muito zangada.

O maior de todos os diabos permanecia impávido.

- Não tens nada a dizer? Porque te escondes e não me olhas? Aos meus pés tenho o corpo de um Ser Humano verdadeiro, um Ser Humano autêntico, que eu amava tanto... Pois, mas é isso mesmo que tu queres, não é? Destruir o Amor e matar todos os seus Espíritos... És asqueroso! Perverso! Imundo!

Então a Grande Besta rugiu contente.

- Isso! Odeia-me! O ódio alimenta-me! Odeia-me, pois eu também vos odeio a todos!

Yania controlou-se. Tinha aprendido na aldeia que o ódio era um sentimento que tinha que ser evitado, pois não era nada saudável para um Espírito do Amor.

- Não, eu não te vou satisfazer essa vontade! Eu não te odeio! Apenas te detesto!

A Grande Besta vira-se então no trono, encarando agora Yania. Havia se mantido de costas pois não suportava a visão directa dum Espírito do Amor.

- Vais morrer! – gritou de forma pavorosa, e abre uma das suas garras lançando uma tremenda serpente de fogo criada psiquicamente contra Yania.

Yania consegue criar imediatamente um escudo energético que a protegeu. A Grande Besta reage lançando uma chuva de outras terríveis serpentes de fogo que queimam o escudo protector. Yania foge abrigando-se num recanto da sala. A Grande Besta levanta-se com os seus passos estrondosos e Yania deseja que o monstro caia no chão. Mas não acontece nada. A Grande Besta ri-se ao perceber a manobra de Yania pois havia sentido a energia do seu desejo a qual conseguiu repelir. Aproxima-se de Yania e ela volta a fugir para outro lugar da enorme sala. Então ela começa a sentir uma sensação de sufocamento enorme. Muito maior do que a que experimentara antes. Invoca o Amor e a sua ajuda. Liberta-se. Cria diversas grandiosas bolas de fogo que joga contra a Grande Besta. Mas nada lhe acontece novamente. As bolas batem contra as suas escamas e caem logo no chão de forma ineficaz. O monstro corre até ela, qual bode tresloucado, e encurrala-a contra um canto. Levanta uma enorme garra para decepá-la. Subitamente Kami aparece em Espírito pondo-se entre o monstro e Yania e quando ele desce a garra para cortar a cabeça da amiga é a sua garra que fica cortada ao atravessar o corpo imaterial de Kami, caindo no chão. O monstro ruge tremendamente. Kami já não está visível mas Yania agradece-lhe em pensamento enquanto foge dali aproveitando a distração do monstro.

*- Yania, tu tens o poder de vencer esse monstro. O poder do Amor de uma criança é o maior poder que existe no Mundo. Deseja e conseguirás!*

Era o Espírito de Kami comunicando por telepatia com Yania.

O monstro persegue outra vez a menina pela imensa sala. Yania pensa novamente nas palavras de Kami. Concentra-se muito. Pensa no Amor e no quanto Ele é lindo. Estende os braços e abre as palmas das mãos em direcção ao monstro que se aproxima. Acredita que é capaz. Deseja intensamente que o monstro caia e seja amarrado por uma corrente de energia de Amor que o imobilize e impeça que a sua energia psíquica maléfica seja lançada para fora. Deseja, deseja, deseja... e traz... o monstro cai no chão com um enorme estrondo, que até fez o próprio palácio voador estremecer

fortemente. Uma corrente de luz branca muito potente amarrava agora a Grande Besta das patas aos cornos.

Yania vai até ao pé do monstro, e estendendo as mãos novamente, emite um denso raio de luz perfurador contra os olhos dele, tentando aniquilá-lo.

- Espera!!!! – gritou a Besta aflita.

- Acabou-se o teu império do Mal! Nunca mais farás crueldades a ninguém! – e reforçou ainda mais a densidade do raio.

- Espera! A tua amiga pode voltar à vida! – roncou desesperado.

Yania baixou as mãos.

- O que estás para aí a dizer? É mais uma das tuas mentiras?

- Não! – rugiu. – Existe um antídoto contra o veneno das nossas serpentes demoníacas. Fazemos um acordo. Eu liberto a tua amiga da morte em troca da minha liberdade.

Yania hesitou. Como podia confiar na palavra da maior de todas as bestas? Era afinal o líder de todas as monstruosidades, de todas as maldades, o líder de todas as mentiras e falsidades do Mundo inteiro. Pensou mais um pouco. Mas e se fosse verdade? Sim, e se ele de facto tivesse um antídoto contra o veneno daquelas cobras? Podia ser capaz de fazer o corpo de Kami regressar à vida. Estava perante um dilema de vida ou de morte. Por um lado, se fosse verdade, salvaria a vida da amiga, mesmo que isso significasse que a Grande Besta pudesse continuar viva a reinar. Por outro lado, se fosse mentira, seria com certeza alguma espécie de cilada na qual ela própria poderia morrer inutilmente. Hesitou mais uns segundos... E pronto, decidiu. Tinha a oportunidade de tentar fazer Kami regressar à vida corporal, e não podia por isso deixar perder essa oportunidade única, mesmo que essa fosse a sua última boa acção nesta encarnação. *Vida por vida, Kami!* – pensou.

- Prometes que nos deixas partir em liberdade?

- Sim, prometo – grunhiu.

- Está bem, e eu prometo que se o antídoto funcionar e a minha amiga voltar à vida, liberto-te.

- Muito bem... Dizem que se pode confiar na vossa palavra!

- É verdade! E embora saiba que és um grande mentiroso, espero que pelo menos desta vez cumpras o prometido.

- Debaixo do braço esquerdo do meu trono, existe esculpida uma serpente de ouro que está a morder um humano. Pressiona-lhe a cabeça



com força, e deitará o antídoto por entre os dentes, que deverás deitar dentro da boca da miúda.

Sem mais perguntas, Yania foi até ao trono, e com muita precaução, procurou a dita serpente. Devia ser aquela, mesmo ali por debaixo, a morder a perna dum pessoa. Estendeu a palma dum das suas mãos por baixo da cobra de ouro, e com a outra pressionou robustamente a sua cabeça. Nada. Seria uma armadilha? Voltou a pressionar com mais força. E eis que é jorrado um abundante líquido avermelhado.

Cuidadosamente levou o líquido dentro das suas mãos até ao corpo de Kami. Não tinha nada a perder pois ela já estaria morta. Abriu-lhe com ternura a boca, e lá deitou o líquido.

- Yania? – perguntou Kami algo confusa enquanto abria os olhos.

- Kami!!! – e abraça-a com pujança.

- Agora tens que cumprir aquilo que prometeste! Liberta-me! – disse a Grande Besta apelando para os valores dos Espíritos do Amor.

Yania ajudou Kami a se levantar.

- Irei te libertar sim, mas só depois de nos deixares regressar à nossa nave e partir.

A Grande Besta urrou fortemente.

- Maldita sejas para todo o sempre! Era suposto me libertares agora!

- Não sou parva! Vou cumprir a minha promessa, mas só depois de nos deixares partir.

A besta volta a bramir. Yania sabia que não podia libertar o grande monstro ainda, pois seria certo que ele as atacaria de novo. Então, agindo muito inteligentemente, conciliou os seus valores morais com a precaução que o caso concreto exigia. Afinal, se libertasse já a Grande Besta, colocaria inutilmente em perigo a sua vida e a de Kami, o que seria, isso sim, contra os seus valores como Espírito do Amor. A besta não deixaria de ser libertada, mas só depois de ambas estarem em segurança fora daquela horripilante nave.

- Enganaste-me!

- Não, a tua impaciência é que prova que tu nos queres enganar, e que portanto só tenho razão naquilo que estou a fazer. – respondeu Yania.

- Qual é o problema em nós sairmos primeiro, e te libertarmos a partir do exterior? Será porque fica tarde demais para nos tentares matar de novo?

- Gostas muito de ser espertinha! Guardas! – chamou a besta com um grito feroz.

Entram centenas de monstros que estavam de guarda lá fora, e que até agora não tinham ousado ingressar na sala sem autorização do seu chefe, não lhes fosse acontecer o mesmo que aconteceu com o fervoroso lacaio, capitão de ponte, que ficara sem cabeça há bem pouco tempo.

- Abram a porta da pista, e deixem-nas sair com a nave – ordenou com desagrado.

Yania deu a mão a Kami.

- Depressa, é por aqui – indicou o caminho de volta à amiga.

Entraram rapidamente na sua nave. Os monstros que estavam na pista roíam-se de raiva por verem Espíritos do Amor se escaparem debaixo das suas próprias barbas.

Yania ordenou à nave do Amor que partisse, e parasse lá fora no céu em frente do palácio voador, mas a uma distância segura. Kami entretanto vestia o seu uniforme branco e azul-celeste.

Concentrando-se na Grande Besta, Yania desejou que a corrente de luz que aprisionava o monstro desaparecesse.

A besta levanta-se e dá ordem para que toda as naves disponíveis da frota do Mal persigam e destruam a nave de Yania e Kami.

Estas arrancam a toda a velocidade enquanto centenas de naves maléficas saem do palácio voador da Grande Besta.

A velocidade da nave do Amor era enormíssima, e por isso todas as naves inimigas já há muito tinham ficado para trás. No entanto, uma nave nefasta que estava navegando mais à frente, detecta a nave do Amor, e tendo conhecimento das ordens do chefe, dispara sobre a nave de Yania e Kami, tendo a atingindo com um raio laser.

- Kami, fomos atingidas e estamos a perder altitude!

Ela ainda estava um pouco abalada, mas chegou-se até ao painel de comandos.

- Não te preocupes Yania, esta é uma das raras ocasiões em que precisamos destes botões – e dizendo isto pressiona um grande botão vermelho que estava a piscar intermitentemente.

Imediatamente dez grandes pára-quadras abrem-se no topo da nave, e um sinal de socorro é emitido para todas as naves do Amor.

Quase no mesmo instante, estão rodeadas de mais de uma vintena de naves das suas, as quais abatem de imediato a nave inimiga, desintegrando-a no ar de modo que ao cair não ferisse ninguém.

A nave de Yania e Kami atinge o solo com suavidade, e as crianças são prontamente resgatadas por uma outra nave do Amor, enquanto um seu tripulante põe em funcionamento robôs de reparação de avarias.

Entretanto desce mais uma nave. Eram Ilya e Cejo, o casal de Espíritos do Amor que levaram Yania pela primeira vez para a aldeia!

Abraçaram-se, e contaram a Yania e Kami o que se tinha passado na nova aldeia. O facto de Yania ter entrado no palácio voador da Grande Besta, provocou uma enorme desestabilização no comando do ataque, pois os monstros que estavam a dirigir a ofensiva foram alertados que uma nave dos Espíritos do Amor tinha sido autorizada pela dita besta a entrar dentro do seu palácio. Era para eles uma coisa impensável até então, e acharam que a Grande Besta tivesse enlouquecido ao permitir tal coisa. Julgando que o seu chefe supremo não estava mais em condições de governar o Inferno, os diversos generais que se encontravam na floresta da aldeia começaram a constituir facções de monstros para disputarem uns contra os outros a nova liderança. Ordenaram às serpentes que atacassem os grupos de monstros rivais, e dos oito generais que chefiavam os oito grupos em contenda, apenas um sobreviveu. Os monstros dizimaram-se todos uns aos outros nessa guerra interna, e apenas umas dezenas deles escaparam com vida. Vendo que já não tinha monstros suficientes para tomar o controlo do palácio voador, o general comunicou à ponte de comando deste que as serpentes haviam enlouquecido e mordido todos os monstros em campo de batalha, e pediu a reforma alegando stress pós-traumático.

Felizmente a maior parte da floresta não ardeu, e os Espíritos do Amor lá residentes não precisaram mudar de local. Utilizando os seus poderes paranormais conseguiram reconstruir quase tudo em poucas horas. A patrulha regular dos céus da aldeia por naves do Amor foi largamente reforçada.

Kami e Yania estavam ambas muito contentes por todos na aldeia estarem bem. Despediram-se de Ilya e Cejo, e desceram num descampado junto à aldeia. Os seus colares cintilavam de novo com uma cor rosa muito brilhante, juntando-se aos maravilhosos raios do Sol que nascera há pouco. Estavam felizes por verem a natureza já recuperada devido às intensas emanações de Amor. Também as casinhas que haviam sido destruídas já estavam de novo de pé, e por várias chaminés escoava um agradável fumo com cheiro a pão de lenha. Na vasta campina de relva, os cavalos saltavam e relinchavam agora satisfeitos. Muitas crianças brincavam já alegremente

nas margens do rio, fazendo jogos que utilizavam a psicocinese e a telepatia. A beleza restabelecida da aldeia incentivava apenas as boas recordações dos pequeninos.

Descalçaram as botas, e com os pés sentindo a fofa e apaziguadora erva do chão, caminharam calmamente pelo caminho que as levava ao centro da aldeia. Queriam aproveitar todos os momentos de beleza da vida. Não compreendiam como é que alguém podia recusar o Amor, o Bem mais precioso do Mundo, para se dedicar a espalhar o Mal, ou simplesmente acumular metais e papeis. Os verdadeiros diamantes, o verdadeiro ouro, era realmente tudo aquilo que acolá as rodeava. As árvores, as plantas, as flores, o rio correndo, os pássaros cantando, os cavalos galopando, e, acima de tudo, a maravilhosa afinidade de absolutos sentimentos de Amor que unia todos os Espíritos que ali habitavam. Eram ricas, muito ricas, e não precisavam nem queriam mais nada.

## Capítulo 10

O Sol iluminava com doçura o verde resplandecente do bosque da aldeia, assim como as águas cristalinas do rio que a banhava, as quais pareciam cantar suavemente a felicidade de todos os habitantes do pequeno povoado de Amor.

As 52 crianças da aldeia com idades entre os 4 e os 12 costumam-se reunir quase diariamente, durante a parte da manhã, durante uma a duas horas, num campo repleto de flores, onde quatro adultos encarregam-se da sua educação geral. Na sociedade chamar-se-ia a esta reunião uma escola, mas na aldeia tudo é diferente para melhor, sendo que os seus habitantes preferem chamá-la "reunião das crianças", porque aqui as crianças são tratadas pelos adultos como Seres Humanos plenos e iguais a eles, tendo por isso exactamente os mesmos direitos. Ninguém é obrigado a comparecer à reunião, mas todas as crianças sem nenhuma excepção gostam tanto desses momentos, que só faltam mesmo quando não podem ir. Sentam-se no chão formando um grande círculo, sendo que os adultos distribuem-se separadamente pelo mesmo. Incentivam a participação de cada criança, num ambiente informal e divertido. As crianças mais novas têm aqui a oportunidade de aprender com as mais velhas, num amoroso intercâmbio de conhecimentos e experiências. A educação mais individualizada e completa de cada criança é deixada a cargo dos pais, os quais jamais faltam às suas responsabilidades, pois para além do mais encaram-nas como uma maravilhosa oportunidade de ajudar em especial um Espírito irmão.

Yania, Kami, Kimi e Ilky estavam os quatro também participando na reunião das crianças desse dia.

Eniky, um homem adulto com 378 anos de idade, mas que tinha um corpo que aparentava ter apenas 35 anos, estava a falar sobre o espaço e o tempo, de modo que todas as meninas e todos os meninos da reunião compreendessem bem essas noções. Vários aparelhos de projecção de imagens não radioactivas com três dimensões flutuavam por cima do grupo, de forma a complementarem os ensinamentos com desenhos e filmes.

- Meus queridos irmãozinhos, onde estão vocês agora? – perguntou carinhosamente às crianças.

Todos responderam simultaneamente que estavam no Jardim dos Lírios, assim chamavam ao local.

- Muito bem. E quando? – continuou.

- No dia 6 de Maio de 2007. – responderam, embora os mais pequenos hesitassem por momentos por ainda não saberem bem as datas.

- Muito bem! Muitos de vocês devem estar a questionar-se sobre o que tem isto de tão difícil... Para compreenderem melhor vou pedir à Sijy que conte o que aprendeu sobre o tempo e o espaço. Sijy, queres ter a gentileza de explicares o que sabes?

Sijy é uma menina que tinha então 12 anos e já tinha participado em muitas missões pelo Amor.

- Obrigada Eniky! Sabem meus irmãos, é que até no mais evidente os monstros mentem, tentando perturbar o livre arbítrio das pessoas através da confusão de ideias tão simples como o espaço e o tempo... – começou a falar algo desgostada – Muitos monstros estão a divulgar por muitas maneiras diferentes que é possível viajar no tempo, isto é, que uma pessoa pode, por exemplo usando-se de uma máquina, viajar para o passado ou para o futuro. Percebem bem o disparate e a gravidade dessas mentiras? É que se alguém que tivesse, suponhamos, 50 anos, e pudesse viajar para o passado, suponhamos, 40 anos, podia encontrar-se a ele mesmo em criança. Depois, se ele fosse um assassino poderia matar essa criança que era ele mesmo em pequeno. Então percebem bem o disparate de tudo isto: primeiro, quem era ele afinal – o adulto ou a criança? Se existiam os dois ao mesmo tempo, como podiam ser a mesma pessoa? Segundo, como podia ele matar a criança que seria ele próprio 40 anos antes? Se a criança foi morta, ele nunca então poderia ter sido adulto nessa mesma encarnação, e como tal nunca poderia ter morto a criança! Terceiro, como

podia ele assassinar-se a si próprio? Era assassinato ou suicídio? Os dois não podia ser porque assassinar é matar outra pessoa!

Nisto, Kylie uma menina de quatro anos, pergunta baixinho a Jiniu, um menino de 9 anos que se encontrava ao lado dela, o que era isso de suicídio.

- É alguém matar-se a si mesmo – respondeu ao ouvido dela.

- Xiiiiiiiiiiiiiiiiiiii – disse muito admirada – *Obigado* Jiniu!

Deiriu, um dos outros adultos encarregues da educação geral das crianças, acrescenta:

- Perceberam todos bem o que a Sijy vos explicou? Se fosse possível viajar no tempo, isso representaria um caos total na ordem universal. Caos quer dizer uma confusão destruidora na nossa existência. Logo, o Amor nunca poderia concordar com isso. Se viajar no tempo fosse possível, que não é, pelo menos os Espíritos do Amor nunca o fariam.

- Sim, vejam bem o absurdo dessa mentira: os monstros fazem confundir propositadamente os conceitos de tempo com o de espaço! Ora, quando se viaja, viaja-se no espaço, pois o tempo é apenas um conceito abstracto, quer dizer, um conceito que se refere a uma coisa que não existe em si mesma. Sim, porque o tempo não existe. É simplesmente a continuação do tudo e do nada. – sublinhou Imya, uma das outras adultas.

Uma coisa que parecia tão simples acabou por necessitar de explicações mais complexas, de modo a desfazer aquelas mentiras e preparar as crianças para se poderem defender a si e aos outros desse tipo de ataques baseados em falsidades.

Ealy, a outra adulta, finalizou a elucidação sobre estas questões.

- Vejam só como são maus os monstros: negam a existência daquilo que é tão evidente como é a existência dos Espíritos, para em vez defenderem aquilo que é totalmente impossível como é o caso das viagens no tempo. Lembrem-se sempre irmãozinhos e irmãzinhas daquele princípio infalível que já vos ensinámos: questionem-se sempre sobre tudo, e perguntem-se a vós mesmos se aquilo que vos é apresentado está de acordo com o Amor ou não. Se não estiver de acordo com o Amor, rejeitem de imediato, pois ou é uma mentira, ou é algo que existe mas que não é Amor, e como tal é contra nós todos. Peço-vos então que me digam se sentem ou não que estes ensinamentos são de Amor.

Imediatamente, todas as crianças, com uma extrema convicção, exclamaram que sim.

Em seguida os adultos propuseram às crianças que fizessem desenhos sobre o Amor, mais especificamente que cada uma desenhasse o Amor que sentia pela criança que estava à sua direita. Todas começaram a tarefa com grande entusiasmo, pois o Amor entre todas era imenso, como de resto acontecia com todos os habitantes da aldeia. Depois cada criança ofereceu o seu desenho àquela que foi por ela desenhada, e a reunião das crianças assim terminou nesse dia, todas saindo pelos campos fora saltando, rindo e brincando.

- Que lindos corações cheios de estrelas... Obrigada Yania pelo teu lindo desenho! – exclamou Kami de emoção, encostando o desenho ao peito.

- Obrigada! É mesmo o que sinto por ti! Olha o desenho que o Ilky fez para mim...

- Uau! É também muito giro... olha tanta luz a sair das mãos dele para ti... é mesmo um miúdo muito sensível! – dizia Kami enquanto Yania lhe mostrava o desenho de Ilky. – Sabes, não te tinha dito nada ainda para não te preocupar, mas ele teve um pesadelo terrível esta noite... – desabafou inquieta – A Kimi foi ao nosso quarto chamar-nos, mas tu estavas a dormir profundamente e não te quisemos acordar. A Dyma e o Noiu estavam já a tentar perceber se havia ou não razões para nos preocuparmos, ouvindo todos os detalhes do pesadelo de Ilky.

- O quê Kami??? E vocês não me acordaram? – perguntou Yania algo indignada – Eu também gostaria de ter tentado ajudá-lo!

- Eu sei Yania, desculpa... Sei que és uma miúda fantástica! Mas não ias adiantar muito mais, por isso deixamos-te dormir. A Kimi contou-nos que acordou ao ouvir o Ilky a ofegar muito enquanto dormia, coisa que ele nunca faz. Deitou-se então na cama dele, acariciando-o, tentando que ele acordasse suavemente. Ilky deu então um grande grito, assim: “Nãããããooooooooo”, e acordou sobressaltado, transpirando e dizendo que tínhamos que ajudá-la.

- Ajudar quem?

- Ele não nos soube explicar, mas tudo indica que algo de muito mau pode ter acontecido recentemente com mais um Espírito do Amor... disse-nos que era uma criança das nossas, uma menina, e que tinha sido... brutalmente violada e assassinada.

Yania ficou muito preocupada.

- Temos que saber quem é essa menina!



- A Dyma e o Noiu já estão a convocar todos os habitantes da aldeia para nos reunirmos esta noite, e aí tentarmos saber mais informações e acertarmos uma estratégia de acção com os nossos Anjos da Guarda.

- E achas que os nossos Anjos da Guarda vão poder nos ajudar nisso?

- Acho que sim... pelo menos essa é também uma das missões deles...

Yania e Kami, como todos os outros habitantes da aldeia, tinham aprendido que os Anjos da Guarda são Espíritos do Amor como eles, mas que escolheram estar temporariamente desencarnados para poderem se dedicar melhor a certos tipos de missão em que o corpo físico constituiria um embaraço, como por exemplo proteger as pessoas a partir do plano espiritual, obter e revelar informações importantes, aconselhar através de sonhos e visões e assistir espiritualmente as pessoas quando morrem.

Assim, esperaram impacientemente pela hora marcada para a reunião geral da aldeia.

A noite caiu, e outras maravilhosas e deslumbrantes estrelas do céu substituíram o Sol.

No grande descampado da aldeia, Ilky abraçava-se à mãe com tristeza. Lembrava-se das terríveis cenas que vira na noite anterior e sentia que tinham sido mesmo uma comunicação por parte daquela menina brutalmente violentada.

Aina estava encarregue de coordenar a reunião. Nos seus 259 anos de vida na presente encarnação, Aina ocupava-se especialmente da ligação entre os habitantes da aldeia, encarnados, e os seus irmãos desencarnados que cumpriam missões como Anjos da Guarda por todo o planeta Terra. Sob a suave luz duma tocha, pediu em oração que fosse realizado contacto com o Anjo da Guarda que zelava pela menina com que Ilky sonhou, de modo a que pudessem saber todos os detalhes sobre o que acontecera.

Depois de alguns minutos, duas ténues figuras luminosas com forma humana começam a tomar lugar no centro do descampado, junto a Aina, e pouco a pouco vão-se materializando, até ao ponto de a maior chegar mesmo a parecer que era um Espírito encarnado.

- Irmãos e irmãs, olá a todos! Ilky, reconheces esta menina? – pergunta enquanto abraça a criança que trazia consigo.

- Obrigada por teres vindo Lyndi! – diz Aina ao identificar logo o Anjo da Guarda, um resplandecente Espírito de forma feminina que há já centenas de anos se dedica a esse trabalho.

Ilky aproxima-se da criança em Espírito, a mesma menina com cerca de 4 anos de idade que vira no seu pesadelo. Olha-a bem fundo nos olhos.

A menina sorri para ele e dá-lhe a mão. Embora não sendo uma mão totalmente materializada, consegue à mesma sentir-lhe um maravilhoso calor

- Ilky... – diz com imensa ternura a menina.

- *Será... será ela?* – pergunta-se a si próprio ainda algo descrente.

- Sim... sou eu... – responde ao ter lido o pensamento dele.

Uma lágrima inicia a sua descida pela delicada face de Ilky. E abraça-a com toda a força que tinha. A luminosidade que brotava do corpo espiritual da menina uniu ambos num magnificante abraço cintilante. Era Madeleine!!! A sua forma de criança havia o feito hesitar por momentos, mas agora que as dúvidas estavam dissipadas, o reencontro de ambos fez vir à mente de Ilky todos os momentos maravilhosos que partilharam juntos durante mais de 400 anos quando viviam como companheiros na galáxia do Paraíso. Haviam nessa altura fundado uma deslumbrante família de Amor, e durante esses anos tiveram juntos 25 filhos, 13 meninas e 12 meninos. Depois de todos serem adultos, ofereceram-se ambos para vir à Terra em missão.

- Madeleine está bem agora. Mas não conseguimos protegê-la naqueles momentos fatais. – Lyndi, com uma enorme dose de mágoa, começa a explicar a todos o que sucedera – Existe falta de Anjos da Guarda. Temos cada vez mais irmãos nossos a encarnar em missão na sociedade, e os ataques dos monstros contra eles também aumentaram muito desproporcionalmente. Só eu tenho 321 crianças e 954 adultos sob minha protecção, espalhados por vários pontos do planeta. Os monstros têm concertado milhares de brutais ataques simultâneos contra os nossos irmãos a viver na sociedade. O objectivo é exactamente o de conseguirem que não tenhamos meios para acudir a todos. No momento em que Madeleine foi raptada, outras 159 crianças aos meus cuidados foram também atacadas. Desculpem... não ter conseguido protegê-la... – fechou os olhos evitando que se materializassem lágrimas.

- Sabemos bem das vossas dificuldades. Por favor, não te culpes Lyndi! – consolou Aina. – Nós também temos muitas dificuldades em desempenhar as nossas missões. A Terra é um planeta dominado por monstros, nós ainda somos uma minoria aqui. Os vossos problemas enquanto Anjos da Guarda são também os nossos problemas enquanto Anjos encarnados. É verdade que tem havido mais voluntários da nossa galáxia para estas missões, mas o Universo é enorme e são muitos os planetas que estamos a tentar devolver ao Amor. – levantou-se e beijou Lyndi. – Irmã, alegremo-nos pelo facto de agora estar tudo bem com a Madeleine.

A linda Anjo da Guarda passou então a descrever os detalhes que diziam respeito ao rapto, espancamento, violação e assassinato de Madeleine. Vários aparelhos da aldeia, de captação de imagem e som, sobrevoavam a reunião de modo a gravarem automaticamente tudo o que lá se passava, para que os habitantes ficassem com todas as informações registadas em suporte de filme. Mais lá no alto, nos céus da aldeia, diversas naves do Amor certificavam-se que a aldeia não era atacada, ao mesmo tempo que garantiam que os monstros não espionavam o que lá se passava, nomeadamente criando um campo de energia que formava uma barreira eficaz contra os satélites espões daquela corja, os quais poluíam a órbita da Terra sempre à procura de violar a privacidade dos Espíritos do Amor.

Logo que Lyndi terminou a descrição dos terríveis acontecimentos, um rapaz levantou-se. Os seus curtos cabelos lisos e castanhos, da mesma cor dos olhos, esvoaçavam suavemente pela leve aragem que muito gentilmente se fazia sentir. Ele olhava para Lyndi. Lyndi olhava para ele. O olhar falava mais do que mil palavras. Um corpo físico que aparentava cerca de 31 anos de idade, mas uma encarnação já com 198 anos, com muita dor e experiência de quem passara a maior parte da sua presente vida na sociedade. Estudara os monstros por dentro, durante longos e longos anos, e conhecia bem as atrocidades de que eram capazes. Era um autêntico especialista no conhecimento da psicologia do Mal.

- Vou sair da aldeia para ajudar a Madeleine. – decide convictamente.

- Calma, Ijyu. Não podes ir assim de qualquer maneira, e alguém vai precisar de te ajudar. – responde Aina com preocupação.

- Tenho a Lyndi! Ela vai-me ajudar!

Ao responder isto, muitos habitantes da aldeia disponibilizaram-se para irem com Ijyu, pois explicaram que podiam passar as suas tarefas para outros enquanto estivessem ausentes.

Mas a maioria olhou discretamente para Kami e Yania.

Kami e Yania sentiram então que os seus irmãos ambicionavam a ajuda delas. Elas também queriam se oferecer para ir com Ijyu, mas acharam que os habitantes da aldeia não iriam concordar, pois eram ainda crianças e esta era uma missão muito perigosa, e como tal, não haviam dito nada.

Yania levanta-se num impulso e puxando o braço de Kami com ela, dirige-se a todos os habitantes:

- Sabemos que ainda somos crianças, mas sabemos também que apesar disso temos muita experiência na luta contra os monstros! Não é Kami? – perguntou à amiga, tendo esta assentido logo com a cabeça com grande

alegria. – Nós as duas enfrentámos sozinhas a Grande Besta, por isso esta missão será uma brincadeira para nós.

Ninguém disse palavra. Parecia que todos queriam ouvir aquilo, mas ninguém tinha coragem para pedi-lo.

Ijyu coloca-se de cócoras frente às duas meninas.

- Nunca seria capaz de vos pedir isso, embora tenha que admitir que a vossa experiência, única entre nós, seria preciosa. Mas por favor fiquem, porque as coisas podem complicar-se.

Yania e Kami olham para os pais, como que pedindo permissão. Dyma e Noiu compreensivamente assentem com a cabeça, concordando com a coragem delas.

- Está decidido! Eu e a Yania vamos com o Ijyu! – responde de imediato Kami, dando a mão a Ijyu e a Yania, e esta por sua vez fechou o círculo dando também a mão Ijyu.

Os três olharam uns para os outros.

- Não tenho palavras para vos agradecer – diz comovido Ijyu.

- Somos Espíritos do Amor, não somos? Então não tens que nos agradecer! – responde Kami.

- Vamos ajudar a Madeleine! É isso que interessa! – exclama Yania.

Os habitantes da aldeia discutiram então os meios que seriam necessários disponibilizar para ajudar os três naquela missão. Ijyu sabia já conduzir automóveis, bastava-lhe por isso os documentos de identificação. Era também necessário que ele pudesse passar como sendo alguém considerado com alguma importância pelos monstros. Isto porque os monstros dão mais importância ao que as pessoas têm do que ao que as pessoas são. A hierarquia infernal que criaram valoriza a maldade em todos os aspectos. Na sociedade, uma pessoa sem papéis, documentos, dinheiro, não é considerada uma pessoa. Lá a bondade é desprezada e os maus elogiados. Então lembraram-se que Ijyu podia passar como advogado. Os monstros davam um certo estatuto social aos advogados, e para além disso era uma profissão que podia ser relacionada com o que ele iria fazer. Quanto a Yania e Kami, seriam suas filhas. Iriam viajar para Portugal, um país em que nenhum dos três era conhecido, mas que os três sabiam falar a sua língua oficial.

Pediram aos Espíritos do Amor que têm uma base na face oculta da Lua para fabricarem os documentos necessários, registarem esses documentos nas bases informáticas dos monstros em Portugal, e imprimirem vinte mil

euros, tudo através das sofisticadíssimas tecnologias que os seus irmãos manuseavam.

Além disto, Denya, a única habitante da aldeia que já tinha vivido em Portugal, dedicou-se durante vários dias a ensinar aos três irmãos tudo o que era importante eles saberem sobre esse país. Também os ensinou a falarem Português sem sotaque, de modo a não levantarem quaisquer suspeitas.

Uma das coisas que Denya explicou foi que Portugal também foi um país a maior parte das vezes governado por monstros. Que na sua História mais recente tinha havido uma revolução, chamada a Revolução dos Cravos, para a qual e na qual muitas pessoas boas colaboraram, mas que depressa os monstros, fazendo-se valer da sua ilimitada hipocrisia sem escrúpulos, voltaram a tomar conta do poder.

Passadas duas semanas, uma nave do Amor veio buscar Ijyu, Kami e Yania, para os levar até ao Algarve, a região de Portugal onde a Madeleine foi raptada. Cada um deles levava uma pequena mala com roupa e outras coisas necessárias à sua missão, e haviam os três deixado os seus colares mágicos na aldeia pois iriam estar quase sempre rodeados por monstros, e como tal os colares de Rosa-da-Vida não lhes seriam muito úteis.

Seria por volta das 10 horas locais quando a magnífica nave reluzente pousou na Serra do Espinhaço de Cão, longe dos olhares indiscretos.

Kami, Yania e Ijyu tinham agora que andar a pé cerca de 20 minutos, por um caminho de terra, até chegarem à localidade mais próxima, a de Pedralva.

Aí chegados, procuraram um táxi para os levar até à cidade de Lagos, onde alugariam um carro e um apartamento.

A quase meia hora de viagem por táxi era já uma pequena amostra daquilo a que teriam que se sujeitar. Após conseguirem contornar a impertinente curiosidade do taxista sobre os três, para ele, figuras insólitas, e apesar de a Madeleine ter desaparecido há menos de três semanas dali perto, a conversa quase toda girou à volta do jogo de futebol entre o Benfica e o Sporting, das melhores tascas da zona, e dos chineses e indianos que, segundo o taxista, deviam ser expulsos pois andavam a tirar o negócio aos comerciantes portugueses.

De futebol e tascas nenhum dos três sabia nem estava interessado em falar, mas dos chineses e indianos Ijyu lá foi tentando explicar que as pessoas não são melhores nem piores por terem nascido num ou noutro

lugar da Terra. Que o planeta era um só, e que os países não eram mais do que divisões artificiais da mesma casa comum.

É certo que para o taxista essa ideia era difícil de aceitar, pois o mesmo argumentava que quando passava a fronteira para Espanha, os polícias lá tinham uma farda diferente e a gasolina era mais barata. Mas lá foi confessando que a esposa gostava de ir comprar coisas a uma loja de indianos, que era mais em conta. E que a prima vivia na Austrália, e que lá também gostavam de futebol.

Yania, Kami e Ijyu chegaram finalmente a Lagos. Despediram-se do taxista e lembraram-lhe que desde há muito que existiam cangurus em Portugal, e que apesar de serem da Austrália ninguém se queixava, muito pelo contrário, até pagavam só para os irem ver. E que portanto, sendo os chineses e os indianos Seres Humanos, deviam ter mais direitos do que os cangurus que eram apenas animais. Ijyu deu uma gorda gorjeta ao homem, mas na condição que ele desse à esposa para ela comprar mais coisas na loja dos indianos.

Pelas 12 horas e 30 minutos, Ijyu tinha já alugado um automóvel, e os três estavam agora a chegar a um pequeno apartamento, com vista para a linda Praia da Luz.

Era afinal daí, dessa pacata localidade, que Madeleine tinha sido raptada.

A missão havia começado.

## Capítulo 11

A noite tinha caído. As ondas do mar balouçavam-se carinhosamente sobre o areal da Praia da Luz.

Após terem ido visitar o lago onde estava o corpo de Madeleine, e de se terem inteirado da investigação policial em volta do caso, Ijyu, Yania e Kami preparavam-se agora para dormir, continuando a reflectir sobre como poderiam resgatar o corpo da irmã.

Yania e Kami foram levadas pelo cansaço, e acabaram por adormecer pouco depois. Dormiam ambas no quarto mesmo ao lado do de Ijyu, que continuava acordado, pensando, e pensando. Não podiam tirar eles mesmos o corpo de debaixo de água pois se assim o fizessem, usando por exemplo os seus poderes paranormais, iriam alterar a cena do crime e logo prejudicar a investigação dum polícia materialista. Mas será que a polícia estaria mesmo interessada em descobrir a verdade sobre Madeleine? Não existiam certezas, e por isso talvez fosse melhor primeiro tentar dirigir a atenção da polícia para aquele lago de modo a pressioná-los a fazerem buscas.

Enquanto a sua mente preocupava-se com todas estas questões, uma luz ténue começa a aparecer no seu quarto. Delicadamente vai aumentando e tomando uma forma humana. Ijyu não se assustou, pois desde o início sentira que era uma boa presença, dadas as intensas vibrações amorosas que acompanhavam a luz.

- Meu querido... – disse enquanto a sua gentil forma etérea se debruçava sobre Ijyu – obrigada por teres vindo.

- Lyndi...

Um diálogo suave e repleto de Amor iniciava-se.

- Não te aflijas tanto, pois tudo é mais simples do que parece. A Verdade e a Justiça vencerão no final. O teu papel e o das meninas em prol da Madeleine contribuirá decisivamente para que o Amor seja cumprido também neste caso. Em todas as situações segue a tua intuição. Eu irei te aconselhar quando mais precisares.

- Lyndi, amo-te tanto...

- O nosso Amor é eterno, sabes disso. Mas entristece-me saber que ainda não constituíste família na aldeia, apenas por decisão tua.

- Mas eu sinto tanto a tua falta... não me sinto capaz de formar uma nova família sem ti.

- Ijyu, tu sabes também que o Amor que nos une se estende com a mesma força sobre todos os outros Espíritos do Amor. O Amor que nos une, a todos, é absoluto. Ao amares os outros Espíritos do Amor já me estás a amar a mim, porque eles também me amam, porque eles te amam e porque eu os amo. Não é necessário estarmos juntos fisicamente. Tu sabes isto...

- Eu sei disso Lyndi, mas a dor da nossa separação física continua-me a corroer o coração.

- Ijyu... não digas isso! Existem várias raparigas na aldeia que ainda não têm companheiro. Não debes prender todo o Amor que podes dar. Só me amargurava muito se te envolvesse com alguém sem Amor, porque aí sim irias sofrer. Mas não é o caso da aldeia, pois lá todos são Amor.

- E se eu esperar por ti... sabes, que tu um dia voltas e venhas viver entre nós... não me importa esperar o tempo que for preciso...

- Se eu um dia voltar, gostaria de voltar como tua filha, porque a minha missão enquanto Anjo da Guarda não terá fim tão brevemente. Cada vez mais os Anjos da Guarda são necessários, porque há cada vez mais Espíritos do Amor nascendo na Terra, fora da aldeia. Sabes que estes nossos irmãos e irmãs que nascem fora dos vossos berços precisam duma protecção especial. Eles não têm o amparo que encontram entre vós. Estão especialmente vulneráveis, e somos nós, os Anjos da Guarda, que os protegemos. Também tu precisaste da minha protecção enquanto não vivias na aldeia. Então, confiança no nosso destino, confiança, que é sempre um destino de Amor.

- Eu sei que, graças a todos nós que somos Amor, os monstros irão perder o controlo da Terra já não falta muito tempo!



- Estamos a fazer tudo para que assim seja! Por isso estão a nascer muitos mais Espíritos do Amor neste planeta, os quais vêm nos ajudar a cumprir esse objectivo. E por isso também os monstros estão desesperados, tentando fazer sofrer e eliminar o maior número possível dos nossos irmãos e irmãs. E ainda não há Anjos da Guarda em número suficiente para os proteger a todos ao mesmo tempo. E é também por isso que tantas crianças nossas estão a morrer nas mãos deles. Não posso tão cedo deixar esta minha missão...

- Minha belíssima Anjo da Guarda! Tens toda a razão! Mas naquela vida em que nos conhecemos... não sei... hoje pergunto-me se fiz bem em te deixar partir assim, em não te abraçar e pedir por tudo que ficasses ao meu lado...

- Eras um rei tão bom... Mas a minha missão não era ser rainha. Eu queria fazer mais pelos outros, e não ia adiantar nada ao reino ocupando um trono ao teu lado porque tu já dirigias bem os destinos daquele pequeno país baseado nos lindos ensinamentos de Zarathushtra... bons pensamentos, boas palavras e boas acções. E como podia eu continuar a fazer parte da tua guarda pessoal sabendo que me amavas tanto e que me desejavas daquela maneira? Eu também te amava muito, mas queria fazer mais, e mais, e mais... eu queria servir o nosso Deus sem limites, pela Terra fora, onde eu fosse mais necessária.

- Lyndi... eu compreendi isso, e por isso te dei todo o apoio possível.

- Nunca o esquecerei! Foi graças a ti que tão rapidamente me consegui aperfeiçoar tanto. E fico tão contente por teres aceite esta missão, pois continuamos, passados tantos séculos, a trabalhar juntos.

Lyndi materializa-se mais a ponto de quase parecer que tinha um corpo físico, embora a extrema luminosidade delicada que emanava não permitisse confusão.

Toca nas mãos de Ijyu com carinho. Este consegue senti-las e aperta-as com doçura. Lyndi curva-se sobre Ijyu e dá-lhe um reluzente e afectuoso beijo na boca.

Uma lágrima verte do olho do rapaz, percorrendo delicadamente o seu rosto, enquanto reflectia toda a luz interior e exterior do momento, qual pequeno arco-íris nascido do coração.

Lyndi retira-se com suavidade, atravessando a parede que separava os quartos de Ijyu e das meninas.

Sem as acordar, Lyndi beija-lhes também os rostos. E desvanece-se.

Logo de manhã, Yania e Kami comentam com Ijyu que sonharam com Lyndi.

- Não foi um sonho. – respondeu – Ela esteve aqui.

- E então Lyndi aconselhou-te sobre a Madeleine? – pergunta Kami.

- Sim, o que te disse ela? – reforça Yania também saltando de curiosidade.

- Que confiasse na nossa intuição, porque ela iria nos guiar sempre que necessário.

- E o que te diz a tua intuição Ijyu? – indaga Yania.

- Que é praticamente certo que a polícia nos irá ignorar, mas por alguma razão é por aí que devemos começar. Vamos à Polícia Judiciária.

Chegados a Portimão, ao Departamento da Polícia Judiciária, Ijyu identificou-se como advogado e pediu para falar com algum inspetor do processo sobre a Madeleine.

A funcionária da recepção tricotava, como que tentando esquecer os anos que ainda lhe faltavam para a reforma.

Dirige-os para um gabinete no 1º andar.

- Procuo o senhor inspetor João.

- Sou eu.

- Bom dia! O meu nome é Eduardo, sou advogado, e estas são as minhas duas filhas Ana e Andreia.

- Em que lhe posso ser útil?

Ijyu, Kami e Yania sentam-se nas velhas cadeiras do gabinete.

- Tenho informações fidedignas de que Madeleine foi raptada, espancada, violada e assassinada, e o seu corpo atirado para a Barragem do Arade, onde se encontra submerso.

- Em que é que se baseia?

Ijyu abre um mapa do Algarve, e coloca um recorte dum jornal sobre a mesa.

- Em várias coisas: primeiro, esta é a segunda barragem mais próxima da Praia da Luz, a uns escassos 25 minutos de carro; a mais próxima, a da Bravura, foi já procurada pelos Bombeiros de Lagos e não encontraram nada; aliás, um criminoso calculista sabia que a Barragem da Bravura era a mais provável para a polícia fazer buscas, exactamente por ser a mais próxima, e por isso a menos indicada para o fim que pretendia. Segundo, a Barragem do Arade é a única barragem do Algarve completamente deserta, sem movimento de pessoas, nem casas à volta, com uma grande extensão e profundidade, e de águas muito turvas, fazendo-a por isso num

local ideal para alguém se ver livre dum cadáver. Terceiro: um camionista português garante ter visto, no dia 5 de Maio, dois carros parados um atrás do outro, em que a mulher que ia no carro de trás sai e dá uma criança toda embrulhada em cobertores ao homem que conduzia o outro carro. O camionista assegura que o vulto embrulhado tinha claramente a forma de uma criança pequena, e que estando toda tapada, não poderia respirar. Além do mais era um dia de muito calor. Acontece que isto passou-se em Silves, muito próximo da Barragem do Arade. – Ijyu mostra o recorte de jornal, o qual fala sobre o camionista e informa ainda que a polícia ignorou as suas pistas. E quarto: tenho também informações obtidas mediunicamente que confirmam este local.

Ao ouvir a última frase o inspector João fica claramente nervoso.

- Senhor doutor, a única razão pela qual eu o recebi foi pela sua qualidade de advogado. Devo dizer-lhe que a polícia tem neste momento as suas próprias pistas e que estas não apontam para o local que acabou de mencionar. Para além disso, não acreditamos em fontes espirituais, e dessas temos milhares apontando diferentes conclusões. Mais alguma coisa?

- Não lhe estou a pedir para acreditar na espiritualidade. Aliás, esse foi apenas o quarto argumento que lhe apresentei. Todos sabemos que pessoas que se dizem médiuns existem aos milhares ou mesmo milhões. Mas quantas são genuínas? E das genuínas, quantas recebem informações correctas? Poucas, muito poucas. Por isso peço-lhe que concilie o meu quarto argumento com os outros três primeiros, e que só depois de excluir estes, então exclua o último. Assim obterá confirmações materiais para a alegação espiritual.

O inspector levanta-se irritado.

- Muito obrigado, senhor doutor. Tenha um bom dia.

Ijyu levanta-se com as meninas. Ao saírem, Yania lança um olhar de reprovação ao inspector e diz-lhe de forma audível:

- Mercenários...

- Anda! – sussurra Kami a Yania, puxando-lhe o braço.

O inspector ao ouvir aquilo vai atrás de Yania e agarra-lhe no outro braço com força.

- Com quem estás a falar pestinha?

- Consigo, porquê?

- Achas que isso são modos de falar com um agente da autoridade? – perguntou ainda mais irritado.

- E você, acha que isso são modos de falar com quem vos veio ajudar a descobrir uma criança desaparecida?

Vendo que o inspector não largava o braço de Yania, Ijyu provoca-lhe um forte choque eléctrico na mão gerado através de energia psíquica.

Imediatamente o inspector larga Yania, ficando boquiaberto com o que lhe tinha acontecido.

Já lá fora, os três constataam que não havia nada a esperar da polícia.

Voltam à Praia da Luz, onde, já ao final do dia, decidem dar uma longa caminhada descalços pelo areal.

- E agora Ijyu, o que podemos fazer? – pergunta Yania preocupada.

- Lembram-se do que a Lyndi me disse? Tenho que me concentrar de novo na minha intuição – responde enquanto fitava o mar, fechando os olhos logo de seguida.

Kami fechou também os olhos, tentando sentir o que Lyndi iria aconselhar.

Contudo Yania repara que, não muito longe dali, um grupo de crianças pareciam estar a agredir uma outra que se encontrava a meio. Sem dizer nada, vai em direcção ao grupo.

Vê então que nove crianças, meninos com idades entre os 8 e os 10, estavam a rodear e a agredir um outro menino da mesma idade.

- Porquê estão a fazer isso? – pergunta Yania indignada.

- A fazer o quê? Estamos só a ensinar-lhe como dar socos! – responde um dos agressores.

- Sim, queres também aprender? – pergunta outro, dando de imediato um soco no braço esquerdo de Yania – É assim, viste? Os punhos bem cerrados, com os ossos dos dedos à frente. Assim magoa mais!

Yania foi apanhada de surpresa.

- Seus monstrinhos! Então vocês querem ensinar os outros a dar socos? Então porque não demonstram em vós mesmos?

- Não tem tanta piada! – responde o que agrediu Yania, imediatamente seguido pelo riso de gozo dos outros.

Yania coloca-se ao lado do menino que estava a ser agredido.

- É isso que vocês querem ser quando forem crescidos? Monstros? Fazer o mal aos inocentes?

- Porque não? É divertido, não é? – responde com um sorriso de desafio um outro, enquanto o grupo desata de novo a dar gargalhadas...

- Vão se embora! – grita Yania para eles.

Novamente sem esperar, os nove começam a dar pontapés em Yania e no menino que ela protegia.

Entretanto Ijyu e Kami eram persistentemente intuídos com o nome de Yania, abrem os olhos procurando-a, e vendo-a em apuros correm em sua direcção.

Kami puxa vários rapazes pela roupa para os afastar, e Ijyu puxa-os para o lado e abraça Yania e o menino que estava a ser agredido.

Desejando intensamente, Kami ordena que todas as gaivotas na praia comecem a dar bicadas nos agressores.

Mais de trinta gaivotas tombam sobre o grupo de pequenos malfeitores, dando-lhes fortes bicadas. Surpreendidos, recuam enquanto tentam a todo o custo protegerem-se das gaivotas, embora sem sucesso.

Vendo que a lição era suficiente, Ijyu ordena mentalmente às aves que se vão embora.

O grupo de miúdos, alguns caídos por terra e outros em pé, mas todos assustados, não compreende ainda o que se passou.

Ijyu fala-lhes com desespero:

- Que isto vos sirva de ensinamento! Vocês são livres de seguir o caminho do Mal. Mas lembrem-se sempre que se fizerem sofrer alguém que é Amor, fazem sofrer a todos os que são Amor, e todos os que são Amor protegerão aquele a quem fizeram mal. Esta é uma das grandes diferenças entre nós e vocês. O Mal não passará! Agora desapareçam da nossa frente!!!

Ao ouvirem isto, os nove fugiram pela praia fora o mais que puderam, efectivamente desaparecendo por detrás das casas ao cimo do areal.

O menino que foi protegido agradece do fundo do coração a ajuda. Yania, Kami e Ijyu dão-lhe um terno beijinho na face, e continuam o percurso pela praia.

Embora não muito extensa, a Praia da Luz era maravilhosa! Nenhum dos três estava habituado às praias, pois na aldeia não havia mar, e o rio também tinha pouca areia. Todos adoravam a areia e o mar e as brincadeiras que proporcionavam. Os habitantes da aldeia organizavam de vez em quando uma ida à praia especialmente para as crianças, em conjugação com os irmãos que tripulavam as suas naves. Era tipo uma excursão. As crianças embarcavam numa grande nave que as levava até uma praia de uma ilha deserta, onde passavam o dia. O problema era que não o podiam fazer muitas vezes pois era muito arriscado, dado que os monstros esperavam por qualquer vulnerabilidade para os atacarem.

A noite caía apressadamente. Uma fria aragem levantava-se agora das ondas do mar, percorrendo a praia, como que fazendo lembrar que o calor humano era insubstituível.

Sentaram-se os três na areia, e Ijyu abraçou as meninas com uma enorme ternura.

Estas pousaram a cabeça sobre o seu peito.

*-E agora Lyndi? E agora o que devemos fazer? Por favor, diz-me! -* pensava tentando comunicar com o belo Espírito desencarnado.

Yania e Kami ouviram os pensamentos de Ijyu, e juntaram-se a ele nos pedidos de aconselhamento.

Olham os três para as estrelas. Um céu lindo sem uma única nuvem parecia convidar à meditação.

Lembraram-se dos milhões de planetas habitados por esse Universo fora e da galáxia maravilhosa à qual pertenciam.

Nisto, uma estrela cadente percorre os céus, mesmo à frente dos três, como que querendo dizer que não desanimassem.

As meninas abraçam Ijyu ainda com mais força.

As intensas vibrações de Amor que emitiam uns pelos outros, aqueciam-lhes os luminosos corações.

E mais vibrações surgem. Parece que mais um irmão se junta aos três.

Uma luz esplendorosa rodeia-os. Ouvem uma voz com uma doçura inconcebível. Era Lyndi.

*- Brevemente receberão uma visita importante! Aguardem! Amo-vos!*

A deslumbrante luz concentra-se num só ponto e sobe em direcção aos céus com uma velocidade espantosa, qual estrela que regressava à sua origem.

A alegria brotou novamente com vigor.

Lyndi não se esquecera deles.

Com os pequenos, mas grandes, corações cheios de confiança, Yania e Kami adormecem no ventre de Ijyu.

A esperança voltara às suas almas.

## Capítulo 12

Vários dias se passaram. Os pássaros da Praia da Luz acabavam de assinalar o nascer do Sol.

Kami e Yania ainda dormiam profundamente nas ondas suaves de belos sonhos que as tranquilizavam das angústias que enfrentavam. Ijyu, esse, já preparava o pequeno-almoço para os três, tentando elaborar, uma vez mais, uma refeição o mais parecida com as da aldeia. Os enlatados do supermercado eram uma tortura à saúde e ao paladar de quem, já há muito, se habituara a deleitar com os generosos e frescos sabores naturais oferecidos pelas límpidas terras onde viviam. Não existiam muitos produtos biológicos nos supermercados das redondezas. As maçãs e bananas sabiam a pesticidas, os melões e melancias a adubos químicos, as couves, alfaces e tomates a veneno para ratos. Ijyu sentia-se culpado por parecer que estava a envenenar as meninas. Já há várias semanas que estavam a padecer a regra da maximização do lucro dos egoístas. Sabia que era impossível formar uma sociedade igualitária enquanto existissem tantas desigualdades dentro dos corações das pessoas. Num impulso de revolta, deita tudo ao lixo e decide preparar apenas umas fatias de pão integral com leite seleccionado para Yania e Kami comerem. Pelo menos assim não teria problemas de consciência.

Mal a tampa do caixote do lixo batera, ressoa pela casa o insistente som da campainha da porta.

- Inspector João?!
- Preciso falar convosco. É sobre a Madeleine.

- Entre!

As meninas levantam-se ainda ensonadas e ao verem a visita que chegara, mesmo de pijama e descalças juntam-se de imediato a Ijyu.

- Bom dia Ana e Andreia, ou seja lá qual for o vosso verdadeiro nome... – diz o inspector já sentado, enquanto pousava uma capa cheia de papéis sobre a mesa.

As duas retribuem o bom dia, mas estavam surpresas pelas dúvidas do inspector. Contudo percebiam que o olhar dele estava diferente para melhor. Mais luminoso.

- Não se preocupem... eu vim vos ajudar. Sei que vocês são especiais, que querem um mundo melhor. Sabem... estou farto de ser um monstro... – desabafou baixando a cabeça envergonhado. – Desde aquele dia em que vos vi que percebi porque é que sou tão infeliz. Os vossos olhos brilhavam duma maneira que nunca tinha visto. A vossa felicidade causou-me inveja. Sim... vocês eram felizes. E estavam felizes em poderem ajudar uma menina que foi violentada. Eu não percebia isso antes. É a isso que chamam Amor, não é?

Yania, Kami e Ijyu estavam cautelosos. Sabiam que os monstros mentem e são hipócritas. Que eles frequentemente fingem serem pessoas boas, mas apenas para ganharem a confiança das verdadeiras boas pessoas. E que só depois de obterem aquilo que pretendem é que revelam as suas reais intenções.

O inspector percebeu a razão da prudência dos três.

Levantou-se e aproximou-se de Yania.

- Miúda, quero pedir-te desculpa por te ter agarrado no braço com força, e por te ter chamado pestinha. Sei que não merecias, e que tinhas razão em me apelidar de mercenário. – e fez-lhe uma festa na cabeça.

Yania concentrou-se nos sentimentos do inspector, tentando verificar se correspondiam realmente às palavras que dizia. Fez-se alguns segundos de silêncio.

- Posso dar-te um abraço? – perguntou hesitante o inspector.

Yania olhava profundamente nos olhos dele. Tentava ver bem dentro do seu Espírito. Concentrava-se. O silêncio continuou mais alguns segundos.

- *Ele está a brilhar por dentro!* – constatou Yania sempre silenciosamente.

Então compreendeu que ele tinha mudado. Que estava verdadeiramente arrependido de ser um monstro. Uma lágrima aparece no canto de um dos olhos de Yania. Levanta-se e dá um forte abraço ao inspector.



- Desculpe eu lhe ter chamado mercenário! – disse comovida.

Os dois abraçavam-se de forma enternecedora.

Kami e Ijyu também sentiram o mesmo que Yania. O inspector não queria continuar a ser um monstro, e estava profundamente arrependido de todo o mal que fizera.

Voltou ao lugar e tirou vários papéis de dentro da pasta que trouxe.

- Consegui tirar isto do gabinete do coordenador da polícia. Vejam! – mostrou um grande mapa. – Aqui na Praia da Luz existem dezenas de túneis subterrâneos. Quando eu estava a investigar o caso juntamente com um colega, falámos com um arquitecto que nos revelou esta informação, a qual desconhecíamos por completo. E foi o mesmo arquitecto que nos deu este mapa, o qual juntámos ao processo.

Ijyu, Kami e Yania observavam o mapa.

- Até aqui nada de especial. – continuou – Existem muitas localidades com túneis subterrâneos. O estranho foi quando sugeri ao nosso chefe que investigássemos estes túneis, pois poderiam ter sido utilizados no rapto da Madeleine. A resposta dele foi um imediato não! Justificou-se dizendo apenas que não havia tempo a perder com isso. E proibiu-nos de entrar nos túneis. Mais tarde, quando fui folhear o processo, constatei que o mapa tinha desaparecido. Todas as folhas dum processo são numeradas. E os números correspondentes às folhas do mapa passaram a dizer respeito a outro documento que não existia antes, documento sem qualquer importância. Questionei o chefe sobre o desaparecimento do mapa, e ele respondeu-me que esse mapa nunca existiu, e que eu voltasse ao trabalho se não quisesse ter problemas.

- E foi o que fez, não foi? – indagou Ijyu descortinando já a resposta.

- A polícia é constituída por uma hierarquia muito rigorosa. O departamento de Portimão é pequeno. Só temos um chefe, e este é da confiança absoluta do coordenador do departamento, e o coordenador é o superior hierárquico de todos. Houve colegas que já tinham tido problemas por questionarem o chefe junto do coordenador, inclusivamente terem sido injustamente condenados em processos disciplinares caluniosos.

- Parece que esse chefe é um bom laçao desse coordenador!!! – riu Yania.

- Tens toda a razão miúda! Mas mesmo assim eu fui falar com o coordenador...

- E então? – questiona Kami – Foi metido na ordem, já estou a ver!

- Mais do que isso! O tipo ameaçou-me de morte. Sabe que eu não tenho família próxima, e portanto não pôde fazer chantagem com isso. Simplesmente colocou a arma dele sobre a mesa, e perguntou-me se eu sabia que às vezes aconteciam acidentes, se eu sabia que às vezes as armas disparavam sozinhas...

- Mas que grande monstro! – comentou Yania indignada.

- Mas não é tudo. No início a tese que a polícia defendia era a do rapto. Tínhamos instruções claras para quando falássemos com os jornalistas, seja oficialmente, seja por fugas de informação que estrategicamente seleccionávamos... – Kami interrompe o inspector.

- Fugas de informação estrategicamente seleccionadas? O que quer dizer com isso?

- Bem, a polícia sabe que os órgãos de comunicação social são importantes para obter o apoio do público em geral em relação aos nossos objectivos. Assim, interessa-nos que as pessoas achem que alguém é culpado ou que alguém é inocente. Então clandestinamente contactamos com um jornalista e passamos uma informação que reforce essa ideia, mesmo que seja falsa, o que interessa é manipularmos a opinião pública de acordo com os nossos interesses. Muitas vezes torturamos pessoas para atingir mais facilmente os nossos malévolos objectivos, obrigando-as a assinar confissões falsas depois de terem levado uma grande dose de porrada, tal como fizemos com a mãe da Joana Cipriano. Os tipos da comunicação social publicam tudo o que nós lhes dizemos, porque acham que como vem da polícia só pode ser verdade!

Ijyu baixou a cabeça. Lembrava-se muito bem da Joana, uma linda menina Espírito do Amor que também foi brutalmente violentada anos antes.

- Mais um caso igual... – era grande a revolta de Ijyu.

- Pois, e muito curioso que em ambos os casos foi devido às vossas intervenções que a polícia foi obrigada, de forma a proteger os monstros envolvidos, a transformar a tese do rapto para a tese do homicídio e ocultação de cadáver por parte dos pais. – o inspector mostra um documento. – Logo a seguir ao vosso contacto eu fiz um relatório descrevendo as vossas pistas ao coordenador, até falei do estranho choque que tinha levado na mão quando agarrava aquela menina – aponta para Yania – já agora posso saber o teu nome?

- Claro!!! Yania! E esta é a Kami, e este é o Ijyu! – respondeu com confiança.

- Nomes muito bonitos!

O inspector puxa outro documento da pasta.

- E agora vejam isto... uma ordem interna do próprio coordenador, assinada logo no dia seguinte ao do meu relatório, para toda a equipa passar a dar prevalência à tese da morte da Madeleine pelos pais e abandonar as buscas pela menina.

- Mas porquê? – indaga Yania, mais uma vez indignada.

- Nesta ordem, a explicação dada é que o balanço dos indícios já recolhidos aponta para o envolvimento dos pais. Mas isso é falso! Eu estive no terreno e conheço os principais indícios que os outros colegas recolheram. E tudo aponta para o rapto.

- Então porquê? – insiste Kami.

Tira mais um documento e mostra aos três.

- Esta é uma circular interna da Polícia Judiciária datada de 4 de Maio deste ano, apenas um dia depois da Madeleine desaparecer. Diz que os agentes devem recomendar aos pais preocupados com a segurança dos filhos a colocação de microchips nas crianças. Os modernos microchips permitem a localização em tempo real do paradeiro da criança, utilizando os satélites. Além disso contêm toda a informação sobre a criança, e quando os governos quiserem, poderá também ser usado como meio de pagamento nas lojas. Até é invocado, aqui, o nome da Madeleine, dizendo que este rapto poderia ter sido evitado se ela tivesse o chip implantado!

- Que horror! – diz Yania.

- Os monstros querem controlar todas as pessoas! – acrescenta Kami.

Ijyu sorriu ironicamente.

- Já era de esperar! O admirável novo mundo monstruoso, onde todos são vigiados e perseguidos até ao mínimo detalhe!

- Exacto!!! Mas já estou a imaginar o pior... é que é uma total mentira que o microchip possa impedir o rapto de uma criança. Muitos criminosos sabem da existência dessa tecnologia, e caso fossem eles a raptar a criança com certeza iriam procurar, através de um detector de sinais electromagnéticos, se a criança tinha ou não o chip, e se tivesse, seria bastante fácil retirá-lo porque até agora o chip é introduzido apenas superficialmente, pouco abaixo da pele. A única maneira de evitar isso seria introduzir o chip num local do corpo onde a tentativa de o retirar poderia causar a morte à criança. Dentro da cabeça por exemplo, e será com certeza isso mesmo

que os governos irão propor mais tarde. Mas a questão principal, julgo que vocês já a entenderam...

- Lógico! Quem protege as crianças dos criminosos dos governos? – respondeu Ijyu.

- Exacto! É que os governos passam a ter controlo directo sobre todas as crianças, e mais tarde, sobre todos os adultos da sociedade, sabendo em tempo real tudo sobre eles. Isto quer dizer que eles próprios podem raptar, espancar, violar e assassinar impunemente, com a maior das facilidades, porque o microchip dirá tudo sobre o alvo. E como são eles que fazem o chip, só eles terão uma chave electrónica, tipo controlo remoto, que activa ou desactiva o chip quando bem entenderem, evitando a localização da pessoa pela família. E poderão sempre desculpar-se dizendo que o chip avariou-se ou foi desactivado por criminosos, se questionados sobre o porquê do chip não estar a funcionar na pessoa desaparecida. E como são eles, os governantes, que mandam nas polícias, ficarão sempre impunes.

- Sabendo nós que a História nos ensina que a maior parte dos governos da Terra foram e são constituídos por criminosos da pior espécie, essa é uma ideia terrível! – comentou Kami.

- Claro! Basta lembrarmo-nos de Hitler, Stalin, Mussolini, Mao Tsé-Tung, e tantos outros... – acrescentou Yania.

- Pois meninas, imagine-se o chip nas mãos de qualquer um desses monstros... Se eles já conseguiram matar milhões de inocentes sem chip, o que seria se tivessem acesso ao chip! – apoiou Ijyu.

- Agora percebem o perigo de tudo isto. É que primeiro eles vão propor o chip, servindo-se duma propaganda manipulada em torno das crianças que desapareceram. E depois de terem lavado o cérebro das pessoas, irão tornar o chip obrigatório.

- Como já fazem com os cães! Porque para eles as pessoas não passam de cães! – disse Yania expressando abertamente a sua revolta.

- Tens razão Yania! Mas eles é que são os animais, e não nós! – concordou Kami também revoltada.

- Tudo isso faz parte dum maquiavélico plano mais vasto dos monstros para proibirem o Amor na Terra. – Ijyu recorda-se do que estudou quando vivia na sociedade. – As crianças são sempre um dos alvos preferenciais, pois além de serem mais vulneráveis serão também os futuros adultos da sociedade. Uma das maiores perversões dos monstros é fazerem igualar o termo pedofilia com violações de crianças. Na verdade, “pedo” significa criança e “filia” amigo, portanto pedofilia significa realmente “amigo de

crianças". Ora, um verdadeiro amigo de crianças, não as viola nem lhes faz qualquer outro mal. Ao chamarem amigos de crianças a monstros que lhes fazem mal, estão a tentar, disfarçadamente, incutir nas pessoas que ser amigo das crianças é uma coisa má. O que leva a que muitos adultos tenham receio de expressar o seu Amor por uma criança, evitando lhe dar abraços ou beijos com medo de serem apelidados de pedófilos e serem perseguidos pela polícia. E se as crianças crescerem sem afecto, sem Amor, tornar-se-ão pessoas doentes e facilmente manipuláveis pelos monstros. Aí, sendo a ausência de Amor a regra na prática e algo aceite como normal, os monstros darão o passo final de fazerem leis para proibir definitivamente o Amor na Terra. Essa é a grande ambição deles.

Ouvindo isto, Yania e Kami jogam-se para cima de Ijyu e começam a lhe dar imensos beijinhos e abraços sem parar.

- Se eles julgam que vão conseguir proibir o Amor, estão muito enganados! - diz Kami dando um forte abraço.

- Experimentem mandar a polícia... - um beijinho de Yania - para prenderem... - outro beijinho - aqueles que nos amam... - e outro beijinho - e verão o que lhes sucede! - afirma Yania dando imensos beijinhos a Ijyu.

Ijyu retribuía abundantemente.

João comoveu-se muito e pensava no quanto perdera enquanto tinha sido monstro.

Yania e Kami perceberam o pensamento de João, e vão até ele dando-lhe também muitos abraços e beijinhos.

- Já não és monstro, e como tal também mereces! - diz Yania.

Mas o inspector João ficou envergonhado e inibido pois ainda estava viciado nas regras hediondas do Mal.

- Descontraí, relaxa! - dizia Kami fazendo-lhe umas cócegas debaixo dos braços que finalmente o fizeram sorrir.

- Obrigado meninas! - responde dando um beijo na testa de cada uma.  
- Voltemos então à nossa conversa... - como que ainda tentando sair duma situação algo embaraçosa.

As crianças voltaram a se sentar. Sabiam que tinham importantes questões de trabalho ainda por resolver.

João compôs a camisa.

- Sim, é evidente que o Mal pretende a proibição total do Amor. É isso que eles querem afinal. E isso também passa por eles raptarem e assassinares crianças.

- Eles! Lembrem-se do eles! Eles levaram-na!
- De facto, foi a frase de Kate quando regressa ao restaurante informando que Madeleine desaparecera! – recorda-se João.
- E uma frase muito espontânea... como se o “eles” fosse algo bastante óbvio para ela... – constata Ijyu.
- Mas então porque é que a Polícia Judiciária abandonou a tese do rapto, se a tese do rapto era o que os tais “eles” queriam? – perguntou Yania tentando esclarecer esse ponto.
- A solução está na conjugação destes elementos todos. Eles queriam a tese do rapto, disseste bem, queriam... Mas a partir do momento em que vocês aparecem e falam de informações espirituais sobre a Madeleine, tudo muda. Eles devem com certeza ter pedido informações aos serviços secretos, e souberam quem vocês realmente eram. Porque vocês não são deste mundo, certo?
- Ijyu sorriu.
- Depende do que considera ser este mundo...
- Aquele choque na minha mão com certeza não é algo habitual neste mundo...
- Pode ser. Mas já imaginou a possibilidade deste mundo ter sido usurpado aos seus habitantes originais?
- O inspector não percebeu.
- O mundo inteiro, e todas as suas estrelas e planetas, pertencem ao Amor, que é a fonte primeira de toda a existência! – explica Kami.
- E nós somos Espíritos do Amor em missão para devolver a Terra ao Amor! – informa Yania com muito orgulho.
- Então acabaram de dar a resposta ao problema do porquê da tese da polícia ter repentinamente mudado! Eles não poderiam deixar que, aqueles a quem eles mais odeiam, ou seja, vocês, fossem os responsáveis pelo resgate do corpo da Madeleine! Já imaginaram??? As televisões, rádios, revistas e jornais de todo o mundo anunciando que Espíritos do Amor descobriram, através da espiritualidade de Amor, o que aconteceu com Madeleine? Eles provocaram e depois empolgaram este caso com uma única intenção: fomentar o medo global dos raptos de crianças entre as pessoas, para que todas as crianças sejam marcadas com o microchip. Toda a população está a olhar para o caso Madeleine. E então vocês aparecem e dizem: nós somos Espíritos do Amor e temos informações espirituais exactas sobre o que aconteceu à Madeleine! E então as pessoas vão ao lago que vocês disseram, e constatarem que o corpo da menina está lá, e

que o que lhe aconteceu foi exactamente aquilo tudo que vocês disseram! Tudo! Descrição do assassino e tudo o mais, tudo correcto! Então toda a população ia querer saber mais sobre o Amor, o Amor que descobriu Madeleine e o seu assassino! Toda a comunicação social de todo o planeta a falar de vocês e com vocês! Toda a comunicação social a falar do Amor e a ensinar a verdade sobre o Amor! É o que se chama virar o feitiço contra o feiticeiro!!!

- Entendemos agora bem, João. O porquê disto tudo... - Ijyu olha ao mesmo tempo para uma fotografia dos Espíritos de Madeleine, Joana e Francesca abraçados - Pobres meninas! Vítimas inocentes de monstruosidades tão grandes! - encosta a foto ao coração e fecha os olhos - Não deixaremos que também as vossas memórias sejam roubadas. Vamos impedir que eles consigam aquilo que desejaram quando vos fizeram todo esse terrível mal. Estamos ao vosso lado. Incondicionalmente ao vosso lado. Amamo-vos.

Yania e Kami abraçaram-se a Ijyu.

O inspector dobra o mapa e mete-o num bolso. Joga a carteira com o distintivo da polícia para o chão. Retira, dum saco que trazia, quatro lanternas.

Decididamente, levanta-se. Prepara a pistola.

- Caro Ijyu, caras meninas, chegou a hora de acertarmos contas com eles.

Cerca de uma hora depois, os quatro localizavam uma das entradas para os túneis subterrâneos da Praia da Luz.

Era uma pequena gruta, escondida por debaixo das escarpas montanhosas que embelezavam a pequena praia.

Para aceder à gruta era necessário estar a maré baixa, o que se verificava mesmo naquele momento.

João, Ijyu, Yania e Kami entraram na tenebrosa gruta. Húmida, escura e com um cheiro nauseabundo, apenas compensado pela agradável fragrância lançada pelas ondas do mar. A lanterna que cada um segurava abria um luminoso caminho por entre o espaço ínfimo que rompiam sem hesitação. Mais à frente existia uma descida, e depois de terem atravessado as longas escadas que mergulhavam nas entranhas do subsolo, um grande túnel apresentava-se à frente, desta feita com uma largura e altura consideráveis. O silêncio absoluto era apenas quebrado pelo respirar dos quatro. Prosseguiram, movidos por uma causa que lhes aquecia o coração.

- Parece não ter fim - sussurrou Kami.

- Segundo este mapa temos que continuar até chegarmos a uma encruzilhada em que confluem seis túneis diferentes – comentou João.

Caminharam mais cerca de meia hora.

E eis que chegam a um espaço, onde se apresentam dois túneis à direita, dois à frente e dois à esquerda.

- E agora? – questionou Yania.

João observava atentamente o mapa.

- O mais à esquerda passa por debaixo da Igreja da Luz. O outro logo a seguir comunica com um pátio do Ocean Club. O mais à direita vai em direcção a Lagos. Quanto aos outros três, têm um ponto de interrogação.

- Se esse mapa está correcto, interessa-nos seguir os túneis não identificados – diz Ijyu olhando para as três alternativas secretas.

- Tudo indica que está correcto. Aliás se compararmos com as direcções que cada um segue, na verdade indo mais à nossa esquerda vamos para Oeste, onde temos a Igreja. Um pouco mais acima encontraremos o Ocean Club. E se seguirmos sempre para Este iremos ter à cidade Lagos. – observou João.

- Parece que é hora de nos concentrarmos na nossa intuição! – constata Kami.

- Não tenho prática nessas coisas...

- Não se preocupe, este trabalho é connosco! – responde Kami a João.

- Yania, Ijyu, vamos a isto?

Os três olharam alternadamente para cada um dos túneis, inclusivamente para aqueles que estavam identificados no mapa.

Pouco depois, Yania, Kami e Ijyu olhavam uns para os outros para se certificarem que já tinham todos acabado.

- Aquele ali, logo a seguir ao de Lagos. Sinto uma força horrível vinda de dentro...

- Também eu Yania, foi o único com o qual me senti assim. – confirma Kami. – E tu Ijyu?

- Disseram tudo meninas. Vamos!

Bastou caminharem alguns metros dentro, e pela primeira vez ouviram sons estranhos vindos lá do fundo. Pareciam morcegos, mas não tinham a certeza.

De repente os sons percorrem o túnel em direcção a eles a uma enorme velocidade.



E começam a ouvir pensamentos de outros, dentro das suas próprias cabeças.

- Espíritos obsessores! – grita Ijyu – Protejam-se meninas! – e dizendo isto irradia energia psíquica luminosa em direcção a João, tentando afastar dele as más influências.

Yania e Kami tapam os ouvidos mas apenas como um acto reflexo. A defesa que ambas estavam a fazer era concentrarem-se na beleza do Amor, assim elevando ainda mais as suas vibrações amorosas, as quais repeliam por natureza os espíritos não afins.

Ambas já tinham tido treino na aldeia sobre defesa contra espíritos obsessores. São uma classe de espíritos malévolos que actuam praticando o mal através do uso da telepatia, tentando perturbar o pensamento da vítima com a transmissão de ideias de grande maldade, ao mesmo tempo que fazem tudo para ocultar que essas ideias estão a ser emanadas por eles. Contudo, qualquer pessoa atenta, facilmente distingue de imediato um pensamento verdadeiramente seu duma comunicação telepática, pois esta última claramente parece vir sempre do exterior e não do próprio espírito receptor.

Yania e Kami conseguiram finalmente libertar-se do ataque dos espíritos obsessores.

Por sua vez, Ijyu baixou as mãos, esperando que João estivesse bem, embora sentissem que ainda existiam presenças malignas à volta.

- Raça de víboras! – diz Ijyu algo irritado – Até quando vamos ter que aturar estes bandidos?

- Calma Ijyu! Não te irrites, porque isso é o que eles também querem!  
– aconselha Yania.

Kami faz uma festinha nas costas de Ijyu.

Repararam no entanto que João transpirava bastante.

- Estás bem João? – perguntou Ijyu.

- Sim... obrigado... – respondeu limpando o suor do rosto.

- Então, continuemos! – sugere Kami.

Deixaram João seguir à frente. Caso ele precisasse de ajuda, qualquer um dos três poderia ver.

- Ele não está bem... – disse Yania ao ouvido de Kami.

- Esperemos que ele seja forte! – respondeu Kami também baixinho.

Mal respondeu isto, João dá uns apressados passos em frente, vira-se e puxa da pistola, apontando-a a Yania.

- Parem! – gritou. O suor corria-lhe mais do que nunca por todo o corpo. O seu olhar estava transtornado. – Vocês vão morrer agora!

Ijyu preparava-se para levantar a mão de modo a imobilizá-lo através dum intenso raio de energia, mas Yania repara no movimento e puxa a mão de Ijyu para baixo.

O dedo de João estava agora a fazer mais pressão no gatilho da pistola, mas parecia que era algo que ele verdadeiramente não queria fazer.

Yania avança para mais perto dele.

- João, tu não queres ser um monstro! Lembras-te do que nos disseste? Eu senti que vinha do teu coração!

João estende mais o braço da mão que segura a pistola, aproximando-a ainda mais de Yania.

- Olha-me nos meus olhos João! – pede Yania olhando bem para o fundo dos olhos dele. – Eu senti o teu Amor quando me abraçaste. Deixa-me te abraçar outra vez...

Ele não diz nada. Mas as suas mãos tremem mais do que nunca.

- Amo-te João! – e dizendo isto Yania joga-se para ele, abraçando-o com força.

João recebe o carinhoso e vigoroso abraço de Yania, mantendo a pistola na mesma exacta posição.

Sente na alma toda a maravilha do que é ser amado por uma criança.

Vence a obsessão. Guarda a arma. E abraça Yania também.

- Miúda... perdoa a minha fraqueza... – diz emocionado e magoado consigo próprio.

- João, eu sei que ainda estás a aprender... não tens que me pedir perdão... gosto muito de ti!

- Vamos a eles! – responde, limpando agora uma lágrima que se destacava nitidamente por entre as gotas de suor.

Continuam juntos, os quatro, o percurso pelo arrepiante túnel tenebroso.

Algum tempo depois, e após várias curvas, chegam ao que parecia ser o fim do túnel. Rocha e apenas rocha. Nenhuma saída visível.

Ijyu passa as mãos pelas paredes tentando descobrir alguma fresta.

- Isto é muito estranho. Isto não é uma mina, porque haveriam de fazer um túnel tão longo sem nenhum propósito? – questiona-se João.

Todos olham e tateiam as paredes à volta.

- Aqui! – grita Kami – Parece duas rochas unidas!

João puxa uma caneta, tentando limpar a fresta.

- Isto é uma porta! – constata alguns segundos depois. – O problema é: como vamos abrir uma porta que é uma rocha?

- Isso não é um problema para nós! – responde Yania, puxando João para trás.

- Cuidado Yania! Eles já sabem que nós estamos aqui! Não sabemos o que nos espera atrás desta porta! – avisa Kami muito depressa.

- Por isso mesmo Kami! Não temos nada a perder! Todos para trás de mim! – pede Yania, sem querer demorar mais tempo.

Ijyu coloca-se à frente de Kami e João, mesmo por detrás de Yania, tentando proteger os três.

Colocando as duas mãos sobre a rocha, Yania concentra-se. Deseja muito que a porta se abra. Toca apenas ligeiramente na enorme pedra fria que constituía um obstáculo à passagem dos quatro. Deseja, deseja, deseja. Deseja em nome do Amor. *Eu consigo*, diz para si mesma. *Temos que ajudar a Madeleine*.

A rocha range abruptamente. E de súbito abre-se para dentro. João puxa a pistola e entram os quatro.

Era uma casa. Uma casa normal, das que se podem ver à superfície. O chão de madeira sustentava mobílias antigas, muitas já consumidas pelo tempo e carcomidas pela formiga branca.

Rangendo a cada passo que os amorosos visitantes davam, o chão mostrava pouco a pouco diversas peças de roupa rasgadas, algumas das quais também sobre os velhos e desgastados móveis.

Um grande relógio de ponteiros, muito antigo, oscilava tetricamente o seu pêndulo dum lado para o outro. *Tic, tac, tic, tac, tic, tac*. Parecia indiferente aos recém-chegados.

A casa tinha o aspecto de estar abandonada, não fosse o facto de algumas luzes estarem ligadas, substituindo o Sol que não a alcançava. E principalmente, não fosse a lembrança que ocorria aos quatro de que um relógio de pêndulo precisa de corda, senão pára.

*Tic, tac, tic, tac, tic, tac*. Insistia o relógio, como que querendo marcar o passo para um enterro.

Ijyu, Kami, Yania, e João sempre com a arma em punho, avançavam pelas diversas divisões da casa, tentando descobrir alguma coisa.

As roupas rasgadas eram muitas. Muitas mesmo. E todas pareciam de criança.

Eis que, enquanto João remexia nalgumas das roupas, depara-se com um pijama cor-de-rosa de menina. Repara no desenho da camisola.

- Ei! Vejam isto! Um pijama exactamente igual ao que Madeleine usava na noite em que foi raptada!

Ijyu tocou no pijama.

- Não é apenas exactamente igual... É o pijama dela!

- Isto quer dizer que estamos no caminho certo! – afirma Kami.

Yania olhou à sua volta.

- Temos que investigar bem toda esta casa. Não podemos deixar escapar nada.

E passaram todas as divisões da casa a pente fino. Não existiam mais portas para a rua senão aquela por onde haviam entrado. Janelas nem uma. E pessoas, só mesmo eles.

Nisto, no silêncio só quebrado pelo lúgubre relógio, parecem ouvir, lá muito ao longe, um choro desesperado de uma criança.

- Ouviram o mesmo que eu?

- *Xiiiiuuu!* – Yania coloca gentilmente o dedo sobre a boca de Kami.

Os quatro tentam escutar com mais atenção. O choro fez-se ouvir novamente.

- É uma criança! E o som vem por aqui! – João avança apressadamente em direcção à cozinha da casa, seguido pelos três amigos.

Fizeram novamente silêncio.

Mas o silêncio deles foi também acompanhado pelo silêncio da criança.

- Seria mesmo daqui? – questiona Ijyu.

- Vamos esperar mais um pouco. – sugeriu João.

Pacientemente, aguardaram longos minutos em silêncio.

*Aiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii!*

- Vem do chão! – todos disseram quase ao mesmo tempo.

Puseram-se de joelhos, procurando minuciosamente qualquer entrada no soalho da cozinha.

Yania descobre uma figura de plástico em forma de barata, atrás dum velho frigorífico que já não funcionava.

Cuidadosamente, tocou-lhe com o dedo.

*Zássssssssssssssssssssss.* Abre-se de imediato um alçapão debaixo duma mesa.

Umas escadas muito íngremes desciam por ali abaixo. Agora já não ouviam um só, mas muitos choros e lamentos de várias crianças.

João vai à frente, seguido por Ijyu, Kami e Yania.

Reparam que por todo o lado existem grandes teias de aranha. Chegam ao fim das escadas, e percorrem o tenebroso corredor em frente. Na parede grandes quadros retratando diversas cenas de violência contra crianças. Estas eram espancadas, torturadas, violadas, assassinadas, esquartejadas e comidas pelos monstros pintados. Monstros horrendos com as mais variadas formas.

Ténues luzes vermelhas iluminavam o corredor, realçando ainda mais o vermelho vivo das paredes. O cheiro a sangue está por todo o lado. Ijyu toca com um dedo numa parede e constata que as paredes, elas mesmas, eram pintadas com sangue humano.

Nisto, uma voz horripilante, parecendo de bruxa, ecoa por todo o corredor de forma estridente.

- *Bem-vindos à minha casa!* - e segue-se um terrível riso maquiavélico.

Ao chegarem ao fim do corredor, a porta em frente abre-se.

Os quatro estão alerta para qualquer ataque. Yania, Kami e Ijyu estão concentrados para usarem a sua magia a qualquer momento. João, sempre de pistola em punho, pronto para disparar.

Entram na enorme sala. Reparam que a meio existe uma passadeira rolante onde deslizam muitas crianças em pé. As crianças estão extremamente assustadas, e têm uma cara de pânico, mas a maioria não consegue fugir dali, pois existem milhares de monstros ao longo de todo o corredor. Monstros medonhos, com um corno enorme no lugar do nariz, orelhas de lobo, penas no lugar dos cabelos e escamas por todo o corpo. Pendurados em volta de toda a sala estão invólucros de teias de aranha. Olham bem e reparam que são crianças que foram mortas e colocadas assim. No final da passadeira rolante, um trono enorme, onde se sentava uma bruxa horrenda com cara de aranha. Os seus risos diabólicos ecoavam por toda a sala. Cada criança que chegava ao fim da passadeira era picada pela bruxa no coração, através de uma língua cheia de espinhos e com uma agulha na ponta, perfazendo mais de 10 metros de comprimento, que penetrava o peito dos pequeninos, matando-os de imediato. Logo a seguir a bruxa envolvia a criança numa densa teia de aranha, e esta era levada pelos monstros e pendurada num lugar vazio das altíssimas paredes da sala. Ao lado da bruxa, muitos cadáveres de outras crianças jaziam pelo chão desfeitos. Tinham sido o alimento mais recente da monstruosa figura. As poucas crianças que conseguiam fugir da passadeira eram apanhadas rapidamente pelos monstros, e estes arrancavam-lhes os olhos com as

suas garras afiadas, colocando-as novamente na passadeira rolante. Sem visão e a sangrarem abundantemente, não só não podiam voltar a tentar fugir, como serviam de exemplo para as outras crianças. Os terríveis risos da bruxa são ensurdecedores.

Os quatro já tinham visto demais. Ijyu envia para as meninas e João, por telepatia, uma estratégia de acção.

Pondo-a de imediato em prática, Yania e Kami disparam bolas de fogo em direcção aos monstros que estavam na passadeira, e abrindo uma brecha, saltam para ela, empurrando as crianças para fora. Ijyu por sua vez mata os monstros que tentam apanhar as crianças, enviando com ambas as mãos raios de luz aniquiladora. João tenta reunir as crianças que fogem num só grupo, disparando tiros para todos os monstros que se aproximam. No entanto os monstros tinham uma pele muito espessa, e as balas não eram suficientes para os matar. Ijyu apercebe-se, e aproxima-se do grupo de crianças para lhes dar cobertura.

Grande confusão na sala. Os monstros andam por todos os lados desorientados, rugindo como burros. A bruxa continua a se rir de forma histérica.

Yania e Kami estão a se aproximar do fim da passadeira. A bruxa está já a poucos metros delas. Já tinham tentado parar a passadeira diversas vezes, mas não conseguiam. Tentam novamente, sempre desejando intensamente, mas mal ela pára, anda de novo. Tentam outra vez, mas volta a andar logo a seguir. Apercebem-se então que existem espíritos maléficos por cima delas, os quais accionam de novo a passadeira com energia psíquica.

Chegam ao fim da passadeira, e disparam enormes bolas de fogo contra a bruxa, mas os espíritos maus que as cercam apagam todas as bolas antes que elas atingiam o alvo.

A língua da bruxa desliza freneticamente no ar, procurando a sua próxima refeição.

A passadeira pára. Yania e Kami estão rodeadas por centenas de monstros, e mesmo frente ao trono da bruxa, a qual continua a rir como mil diabos.

Ijyu e João estão ainda bem longe, numa outra parte da sala, a defender do ataque de milhares de monstros o grupo de crianças que conseguiram reunir.

Com voz de víbora repugnante, a bruxa fala para as meninas.

- As famosas heroínas, que enfrentaram a Grande Besta em pessoa! – ria-se cruelmente. – Não é todos os dias que temos convidados desta envergadura!

Os monstros rugiam ferozes à volta das meninas.

- Sabem que aprendemos muito com vocês! – continuou – A vossa atrevida façanha não se repetirá!

Yania insurgiu-se.

- Se julga que temos medo duma bruxa asquerosa como você, engana-se!

- Sim, você é só mais um monstro para nós! – apoiou Kami.

- Óhhh! – novos estridentes risos demoníacos – Então dar-vos-ei um lugar privilegiado na minha mesa. Serão comidas vivas ao meu jantar! – e dizendo isto, aponta uma horrível mão para cada uma das meninas enviando teias de aranha para as aprisionar.

Yania e Kami defendem-se derretendo as teias, mas os monstros encarnados que as cercavam e milhões de espíritos malévolos desencarnados que pairavam sobre elas, precipitam-se sobre as duas, agarrando-as por todos os lados ao mesmo tempo, enquanto um monstro com bata branca lhes injecta uma anestesia fortíssima. Elas ainda lutam para se libertar, mas as suas forças estão cada vez mais depressa a ceder ao enorme cansaço e sonolência, provocados pelas anestésias. Yania desvanece, logo seguida por Kami.

A bruxa volta a disparar teias de aranha em direcção aos corpos inertes das meninas, envolvendo-os abundantemente com a viscosa substância.

- Coloquem-nas aqui ao lado do meu trono. – ordenou qual cascavel. – Já as venho comer! Agora vamos tratar daqueles vermezinhas lá ao fundo da sala.

Os milhões de espíritos maus precipitam-se sobre Ijyu, enquanto a bruxa, e os outros monstros que estavam junto dela, caminham apressadamente em direcção ao grupo.

Ijyu estava a conseguir até então repelir os ataques dos monstros que os rodeavam, mas os milhões de espíritos nefastos que agora o agarravam por todos os lados, imobilizaram-no por completo. Quanto a João, que não sabia nada de magia, foi detido por apenas quatro monstros encarnados. O grupo de crianças foi também imediatamente rodeado por centenas de monstros. A bruxa conseguira levar a melhor.

Os diabólicos risos estridentes voltam a ecoar novamente pela imensa sala.

A bruxa aproxima-se do grupo. Vem agora acompanhada por um seu grande amigo, o Coordenador da Polícia Judiciária.

- Parece que um dos seus subordinados o traiu... – comentou para o coordenador da polícia.

- Eu avisei esse gajo que era para não se meter connosco! – vai ao grupo de crianças e retira uma menina de 4 anos, que estava muito assustada e chorava imenso.

A bruxa riu novamente.

- Olha para aqui verme! – disse o coordenador para João enquanto levantava a menina no ar pelo pescoço. – Querias proteger as criancinhas, então protege esta, que vai morrer mesmo agora à tua frente! – e puxa a pistola, encostando-a à cabeça da criança.

Ijyu não podia fazer nada. Estava totalmente imobilizado por milhares de monstros encarnados e milhões de monstros desencarnados, estando estes últimos constantemente a enviar torrentes de energia maléfica para enfraquecer Ijyu e impedi-lo assim de usar a sua própria magia.

João tenta libertar-se dos monstros que o agarravam, mas também não consegue.

- Mata-me a mim em vez, e deixa essa pobre criança em paz! – grita revoltado.

O coordenador riu-se.

- Muito nobre! Mas sinceramente, acho que prefiro matá-la primeiro, e depois então a ti. Sabes... eu avisei-te que acontecem acidentes com as armas... por vezes as pistolas disparam sozinhas! – voltou a se rir maquiavêlicamente.

O coordenador força a pistola pela boca da menina adentro.

*Pummm!* Ouve-se um tiro.

O coordenador olha aflito para João.

João conseguira retirar a sua arma e dera um tiro certo no coração do coordenador. Os monstros que seguravam João cortam-lhe a mão que segurava a pistola.

O monstro que liderara o departamento da Polícia Judiciária onde trabalhou João, cai por terra morto, e a menina cai por sua vez em cima da sua enorme barriga, e corre de imediato para junto das outras crianças.

- Matem-no! – ordena a bruxa aos monstros que seguravam João, os quais obedeceram prontamente, decepando João.

A bruxa volta a se rir diabolicamente.



- Hoje vou comer mais crianças ao jantar, para compensar todo este exercício que estou a fazer. Preciso de mais calorias! – ri-se de novo a bruxa. – Quanto a ti, Ser asqueroso, filho desse Deus fraco e repugnante, o qual até o nome me dá vómitos, quanto a ti, devo-te dizer que não gosto de carne adulta, é rija demais, por isso vou-te despachar aqui mesmo! – e abre a mão, preparando-se para jogar um feitiço mortífero contra Ijyu.

- Posso pedir um último desejo? – pergunta Ijyu com muito esforço.

- Não concedo desejos a ninguém, a não ser de morte!!! – e fez ecoar novamente os seus estridentes risos diabólicos por toda a sala.

- Só te quero recordar todos os teus sucessos – faz uma pausa pelo extremo cansaço em que se encontra – Todas as crianças que já conseguiste matar impunemente.

A bruxa enche-se de orgulho.

- É verdade que já lhes perdi a conta!

- Trago uma lista de algumas delas... os nomes mais recentes das crianças que morreram nas mãos... nas mãos das trevas.

- As mãos das trevas são principalmente as minhas mãos! Lê-me lá esses nomes, que eu já te digo quais as que eu comi – e ordena aos monstros encarnados que o revistem à procura de armas.

Informada de que Ijyu não possuía nenhuma arma, a bruxa dá ordens aos espíritos malévolos para que, sem cessarem a emanção de energia maléfica contra Ijyu, permitissem que ele usasse apenas uma mão para ler a lista.

- Se julgas que vais usar a tua rica mãozinha para me matares, enganas-te, porque os meus servos espirituais continuam a te retirar toda a tua força mágica!

- Eu não te vou matar... sei que não posso... como tu sabes que eu não posso.

Efectivamente de nada servia o uso somente de uma mão a Ijyu, pois ele não tinha armas, e os milhões de espíritos nefastos que o rodeavam continuavam a irradiar em permanência imensas ondas malélicas contra ele, impedindo desse modo o uso dos seus poderes mágicos.

Ijyu retira a muito custo a lista do bolso da sua camisa.

Com um esforço imenso e uma difícil respiração desesperante, começa a ler pausadamente os nomes de várias crianças mortas pelos monstros.

- Erica, 5 anos, raptada, violada e assassinada; Sofia, 7 anos, raptada e estrangulada; Ana, 3 anos, violada e assassinada pelo pai; João, 4 anos, raptado, violado e espancado até à morte; André, 4 anos, morto à

bofetada pela mãe; Joana, 8 anos, raptada, espancada e assassinada por um tio; Madeleine, 3 anos, raptada, espancada, violada e assassinada; Francesca, 9 anos, morta por um fungo que lhe invadiu os pulmões; Fernando, 10 anos, raptado, violado e contaminado com uma bactéria que lhe provocou a morte; Inês, 9 anos, envenenada pela mãe; Pedro, 2 anos, violado e afogado pelo avô na banheira; Maria, 5 anos, morta por um vírus que lhe causou cancro no estômago; António, 11 anos, assassinado pelo médico numa operação cirúrgica; Sara, 6 anos, raptada, violada e assassinada por um polícia; Eduardo, 4 anos, morto a pontapé pelo irmão mais velho; Andreia, 9 anos, morta por um cancro provocado pela extrema infelicidade em que vivia; Joaquim, 3 anos, violado e estrangulado pelo primo; Catarina, 7 anos, violada e assassinada por um funcionário do orfanato onde estava internada; Marta, 8 anos, violada e queimada até à morte pela mãe; Ricardo, 5 anos, atropelado intencionalmente e fatalmente pelo padrasto; Frederica, 4 anos, raptada, violada e assassinada; Teresa, 9 anos, espancada até à morte pelo professor; Luzia, 5 anos, raptada, violada, espancada e assassinada. – suspirou. – Não consegui escrever mais nomes. São já centenas de milhares ao todo...

A bruxa irritou-se.

- Só isso? Disseste que me irias ler os nomes de crianças que eu matei, e contudo só uma pequena parte dos que leste vieram parar à minha mesa! – exaltou-se ainda mais – Olha para todas estas paredes... repletas dos meus troféus! – apontava para os cadáveres das crianças envoltos em teias de aranha – São já mais de cinquenta mil!

- Até quando? – perguntou quase a desmaiar de cansaço.

Ijyu estava com esperança que todos os nomes que citara tivessem sido ouvidos no Além. O seu plano ao lê-los era exactamente esse, o de funcionar como uma invocação.

- A força das trevas é imensa, porque o Mal não tem escrúpulos! Enquanto vocês são uns fracos, com todos os vossos moralismos, nem se defenderem conseguem! – riu-se diabolicamente mais uma vez.

De repente, no meio da sala, uma intensa luz branca começa a surgir, e milhares e milhares de resplandecentes Espíritos começam a tomar forma.

Eram os Espíritos de dezenas de milhares de crianças mortas pelos monstros, acompanhados por várias centenas de Anjos da Guarda!

Ijyu sorriu!

A luz de Amor era tanta e tão forte, que os monstros encarnados faziam tudo para taparem os olhos.

Os Espíritos do Amor recém-chegados caminham de mãos dadas pela sala em direcção ao grupo onde se encontrava Ijyu, cantando em coro uma canção de fantástica doçura.

Na linha da frente, Madeleine, Joana e Francesca, acompanhadas por Lyndi.

Não precisam fazer nada mais.

A maravilhosa luz que emanam faz explodir, à sua passagem, todos os monstros encarnados.

Os milhões de espíritos malévolos guincham como loucos, pois sentem toda aquela imensa concentração de Amor emanando em todas as direcções. Não suportam mais, e fogem em debandada.

A bruxa corre para debaixo de uma mesa, tentando proteger-se.

Todos os monstros fugiam ou eram destruídos. Ijyu é libertado, e cai de joelhos devido ao cansaço.

Madeleine aproxima-se dele. Ijyu, feliz, olha para ela.

Estende os seus pequenos braços luminosos e envolve Ijyu com um fabuloso abraço espiritual, que o revigora de imediato.

O Amor que emana para Ijyu é tão grande, que ele já está curado a cem por cento, e os seus poderes mágicos prontos a serem utilizados novamente.

Ijyu chora de felicidade.

Madeleine dá-lhe um beijo no rosto, e diz-lhe com muito carinho:

- Obrigada Ijyu, por tudo o que fizeste por nós.

Um pouco mais atrás, Joana faz um belo gesto com as mãos e muitas estrelinhas luminosas formam-se magicamente. Ela olha docemente para Ijyu. Estende os seus braços para ele, tal como desenhando no ar o caminho que as cintilantes estrelinhas deviam tomar. E sopra-as com muito Amor. Ijyu vê-se logo rodeado por todo o imenso carinho de Joana, representado por milhares de lindas pequenas estrelas que esvoaçavam à sua volta e, tal como bolinhas de sabão, se desfaziam com ternura ao tocar no seu corpo. Olha para ela, com os olhos que pareciam agora rios revoltos transbordando de lágrimas.

- Filha... desculpa ter demorado tanto tempo...

Joana corre para ele e pinta-o de beijos com a mesma cor das águas que agora também corriam pelos olhos dela, as quais, unindo-se às de Ijyu, pareciam formar oceanos sem fim.

- Papá... amo-te!

À deslumbrante beleza destes momentos, junta-se mais uma maravilhosa estrela, Francesca, que acaba de preencher com amorosos beijinhos todas as partes da face e do pescoço de Ijyu que ainda faltava. Ijyu abraça as três crianças com um inseparável Amor.

Entretanto, vários Espíritos crianças, e vários Anjos da Guarda, trazem Yania e Kami livres das teias de aranha e também já curadas.

Elas juntam-se a Ijyu, Francesca, Joana e Madeleine, e os seis abraçam-se com força.

As três meninas em Espírito dão igualmente muitos beijinhos amorosos a Yania e Kami, agradecendo-lhes também tudo o que elas fizeram pelas crianças.

Lyndi aproxima-se, e sorri para Ijyu.

- Alguma vez achaste que nós íamos vos abandonar?

Ijyu levanta-se.

As lágrimas de felicidade ainda lhe correm pelo rosto.

- Nunca Lyndi! Nunca! – e os dois abraçam-se também cheios de Amor um pelo outro, dando um longo e maravilhoso beijo na boca.

Yania sugere às outras meninas que todos aplaudam o Amor, representado em especial naquele momento pelo beijo de Lyndi e Ijyu.

As cinco começam a aplaudir, e todos os Espíritos fazem o mesmo, assim como o grupo de crianças que foi libertado.

Yania lembra-se agora de João. *Onde está ele?* – questiona-se.

Caminha à volta olhando para todos os lados, e descobre o seu corpo mutilado jazendo no chão.

Ao seu lado está a menina que ele salvara, e que era também um Espírito do Amor. Conta a Yania o que ele fez por ela. O que ele fez, em troca da sua própria vida.

Yania ajoelha-se frente ao cadáver. Fecha os olhos e concentra-se no Espírito de João.

- *Obrigada por tudo João. Tenho a certeza que estás bem agora. Lutaste pelo Amor e o Amor acolheu-te nos braços. Sê bem-vindo entre nós!* – orou Yania em pensamento, sentindo que João tinha sido já encaminhado por Anjos da Guarda para um planeta de Amor.

Kami, Ijyu, Lyndi, Francesca, Joana e Madeleine, juntam-se a Yania na oração por João.

Lyndi diz a todos que João concluiu a sua regeneração, e que era agora um Espírito do Amor como eles.

Yania levanta-se.

- É altura de tratarmos daquela bruxa malvada!

Kami, Ijyu e Yania seguem Lyndi, Madeleine, Joana e Francesca que indicam onde está a bruxa, que já tinha sido aprisionada pelos outros Anjos da Guarda.

Toda amarrada por uma intensa corda de luz amorosa que lhe retirava todos os seus poderes mágicos satânicos, a bruxa grunhia simultaneamente de raiva e medo.

Cinco lindos Anjos da Guarda, três com forma feminina e dois masculina, guardavam a bruxa, impedindo qualquer tentativa de fuga.

- É toda vossa meninas! – diz Ijyu para as cinco crianças.

As meninas dão então as mãos. Madeleine estava a meio de Joana, Francesca, Yania e Kami, e sorria sem rancor para a bruxa.

- O que querem Espíritos da Luz??? Vieram me atormentar??? – perguntou ansiosa a bruxa.

- Não, só viemos te provar que o Amor é a força mais bela e poderosa do Mundo inteiro! – responde Kami.

- E que te podíamos torturar, como tu fizeste a todas estas crianças, mas não somos iguais a ti! – acrescenta Yania.

- Então libertem-me! – gritou.

Yania sorri.

- Mas também não somos parvos! Vamos nos certificar que nunca mais poderás levantar um dedo contra nenhuma criança!

As cinco meninas confidenciaram baixinho entre si por alguns segundos.

- Decidimos que sejas jogada para a galáxia do Inferno, e que nunca mais de lá possas sair. Se tentares sair, o teu espírito será aniquilado e morrerás para sempre. – disse Yania.

- A não ser que te regeneres. Se te regenerares serás resgatada do Inferno. Mas sabendo nós o quanto má tu és, isso não será com certeza para os próximos milhões de anos. – explica Kami.

- Mais provavelmente nunca acontecerá!

- Pois Yania, é o mais provável, porque um monstro tão mau como este dificilmente se arrepende do mal que fez! – apoia Kami.

- Têm toda a razão, suas criaturas nojentas! Antes morrer para sempre, do que me tornar igual a vocês! – responde furiosa a bruxa.

As cinco crianças fizeram um círculo entre si, sempre com as mãos dadas. Desejaram muito intensamente que o castigo contra a bruxa fosse aplicado do modo que combinaram.

Os Anjos da Guarda presentes ouviram os desejos das crianças, e consideraram serem justos.

As meninas afastam-se.

Yania tem tempo ainda de dizer à bruxa:

- E já agora, costumam dizer na sociedade, que o último a rir é o que ri melhor!

Mas a bruxa nem pôde responder.

Os Anjos da Guarda desencarnaram o seu malvado espírito e levaram-no de imediato, com uma velocidade espantosa, pelo espaço sideral até às portas do Inferno, para dentro do qual o jogaram. Os Espíritos do Amor que vigiavam, do exterior, essa tenebrosa galáxia, foram avisados de que aquele espírito monstruoso não podia mais sair de lá.

Entretanto, Yania e Kami recolheram os dados do grupo de crianças libertadas, de modo a que cada criança pudesse regressar à sua família.

Madeleine, Francesca, Joana e todas as outras crianças em Espírito, despediram-se com muita ternura de Ijyu, de Yania e de Kami. A maior parte dos Anjos da Guarda acompanhou-as de volta ao mundo espiritual. Ficaram apenas os Anjos suficientes para proteger todos os encarnados até à sua saída do subsolo. Embora, é certo, já não fosse necessário, pois os monstros há muito que haviam desaparecido dali. Era só uma medida de precaução, não fosse o Diabo tecer mais alguma.

Todos saem sãos e salvos dos túneis. Era já noite lá fora. Uma bela e grande nave do Amor pairava sobre o mar. O grupo caminha mesmo até ao limite das ondas do oceano. Como era bom sentir novamente o ar fresco da praia! E como era bom poder ver outra vez as estrelas no céu!

A nave aproxima-se silenciosamente do grupo, e todos entram por uma pequena ponte com escadinhas, saída da porta do objecto voador.

Ijyu abraça mais uma vez Lyndi, beijando-a apaixonadamente na boca. E a seguir Lyndi beija também Yania e Kami.

E a nave levanta voo, disparando ao se afastar um denso e certo raio de poderosa energia, que provocou o desmoronamento de toda a construção subterrânea da bruxa.

As crianças salvas são colocadas, uma a uma, em cada uma das suas casas. Geralmente a nave parava nas redondezas mais desertas, e depois Ijyu, Yania e Kami acompanhavam a criança daí até à porta.

Três horas depois, o trabalho estava concluído.

A nave deixa Yania, Kami e Ijyu na aldeia.

Ijyu agradece às meninas, do fundo do seu coração, tudo o que elas fizeram pelas crianças. E regressa à sua casa.

Kami e Yania ficam um pouco mais no descampado onde a nave as deixara, iluminadas por uma bela lua cheia.

Quiseram descansar um pouco ali mesmo, sob o olhar cintilante das deslumbrantes e fantásticas estrelas do céu. Sentaram-se numa pedra rodeada por muitas flores. Corria uma agradável aragem morna.

- Kami, amo tanto o Amor, e gostaria tanto que já não existisse maldade na Terra, tal como aqui na nossa aldeia! – exclamou com os olhos brilhando intensamente.

- Se todas as crianças da Terra escolhessem o Amor como nós, certamente o Mal já não mais existia neste planeta! – respondeu também com um olhar repleto de luz.

- Desejo tanto que elas não se deixem enganar...

- Yania, é preciso que as crianças da Terra olhem para as estrelas do céu, e falem com elas. Que lhes peçam ajuda sempre que precisarem, e que não se deixem maltratar, pois todas têm direito a escolher o Amor.

- Eu sei, como eu também fiz...! Mas como podemos fazer com que elas procurem mais no céu?

- Pois, isso já não sei... mas os livros foram importantes para ti...

- Sim, é verdade! Li num dos meus livros que a estrela mais brilhante do céu era um Anjo da Guarda. Acreditei, procurei-a, pedi-lhe, e pronto... estou hoje aqui ao teu lado porque era mesmo real!

- Seria então uma boa ideia que fosse escrito um livro mágico de Amor, um dos mais mágicos à face da Terra, e que essa magia percorresse o planeta todo, ensinando às crianças toda a verdade sobre o Amor!

- Óptima ideia Kami! Vamos desejar então isso?

- Sim, vamos!

Levantaram-se com doçura. Puseram-se de frente uma para a outra, e deram as mãos.

- Desejamos que seja escrito um livro mágico cheio de Amor, e que esta magia toque no coração de todas as crianças que querem o Amor, e as faça procurar no céu a estrela mais linda e mais brilhante de todas! – sugeriu Yania a fórmula do desejo.

- Sim, desejamos!!!

E ambas desejaram muito intensamente.

Olharam as duas para o céu, e entre as milhares de estrelas maravilhosas, conseguiam ver uma bem especial. Uma esplêndida estrela muito cintilante, que bem lá no alto, parecia acenar para ambas com o seu brilho deslumbrante.

- É ela! – exclamou Yania apontando para cima.

- Sim, é sem dúvida muito linda e muito brilhante!

Yania olhou agora para bem dentro dos olhos da amiga, contemplando a sua alma.

- Kami, como pode ser possível alguém fazer mal a um Espírito tão lindo de Amor?

Sentindo o Amor que Yania emanava por si, Kami fixou-se também nos olhos dela, meditando sobre a sua beleza.

- Olho para ti, e também vejo Deus... – comentou muito feliz.

Abraçaram-se muito afectuosamente, deram muitos beijos uma na outra, e correram para a aldeia.

Confiavam plenamente no Amor, do qual elas faziam parte, e nos seus poderes mágicos deslumbrantes.

E por isso sabiam que, dentro em breve, muitas meninas e muitos meninos estariam olhando para o céu à noite, procurando a estrela mais linda e mais brilhante de todas.



## **Ficha técnica**

Título: As meninas que vieram das estrelas.

Autor: Marcos Teixeira Da Fonte Aragão Correia.

Data de conclusão do livro: Março de 2010.

Copyright (©) de: Marcos Teixeira Da Fonte Aragão Correia.

Registado no MC-IGAC (Portugal) com o nº: 1662/2010.

Todos os direitos reservados ao Autor.



**“As meninas que vieram das estrelas”**  
**Copyright de © Marcos Teixeira Da Fonte Aragão Correia.**

